





REVISTA DE  
**ITALIANÍSTICA**  
XVII

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



### **CONSELHO EDITORIAL**

Lucia Wataghin (USP /São Paulo) – editora  
Annateresa Fabris (USP /São Paulo)  
Loredana Caprara (USP /São Paulo)  
Lucia Strappini (Università per Stranieri di Siena/Itália)  
Jacqueline Brunet (Univ. de Besançon/França)  
Rocco Mario Morano (University of Toronto  
at Mississauga/Canadá)  
Mario Perniola (Università “Tor Vergata” de Roma/Itália)  
Tommaso Raso (UFMG/Belo Horizonte)  
Giliola Maggio (USP /São Paulo)  
Paola Baccin (USP /São Paulo)  
Federico Croci (USP /São Paulo)  
Letizia Zini Antunes (UNESP/Assis)  
Francesco Guardiani (University of Toronto/Canadá)  
Andréia Guerini (Universidade Federal de Santa Catarina)  
Maria Betânia Amoroso (UNICAMP/Campinas)

Mauro Porru (UFBA/Salvador)  
Silvia La Regina (UFBA/Salvador)  
Flora de Paoli Faria (UFRJ/Rio de Janeiro)  
Ettore Finazzi-Agrò (Università La Sapienza/  
Roma/Itália)  
Lucia Sgobaro Zanette (UFPR/Curitiba)  
Roberta Barni (USP/São Paulo)  
Doris N. Cavallari (USP/São Paulo)  
Aurora Bernardini (USP/São Paulo)  
Maurício Santana Dias (USP/São Paulo)  
Vera Lúcia de Oliveira (Università di Lecce/Itália)  
Rita Marnoto (Universidade de Coimbra/Portugal)  
Andrea Lombardi (UFRJ/Rio de Janeiro)  
Mariasosaria Fabris (USP/São Paulo)  
Patricia Peterle (UNESP/Assis)  
Adriana Iozzi Klein (USP/São Paulo)

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO:** Giliola Maggio, Paola Giustina Baccin, Federico Croci  
As idéias emitidas nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores.

REVISTA DE ITALIANÍSTICA é uma publicação semestral, editada pela Área de Língua e Literatura Italiana  
(DLM/FFLCH/USP)

### **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Reitor: Profa. Dra. Suely Vilela  
Vice-Reitor: Prof. Dr. Franco Mario Lajolo

### **FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretor: Prof. Dr. Gabriel Cohn  
Vice-Diretora: Profa. Dra. Sandra Nitrini

### **DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**

Chefe: Profa. Dra. Laura P. Zuntini de Izarra  
Suplente: Profa. Dra. Doris N. Cavallari

### **ÁREA DE LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA**

Profa. Dra. Adriana Iozzi  
Profa. Angela Zucchi  
Profa. Dra. Cecilia Casini  
Profa. Dra. Doris Nátia Cavallari  
Profa. Dra. Elisabetta Santoro  
Profa. Dra. Giliola Maggio

Profa. Dra. Lucia Wataghin  
Prof. Dr. Maurício Santana Dias  
Profa. Dra. Olga Alejandra Mordente  
Profa. Dra. Paola Baccin  
Prof. Dr. Pedro Garcez Ghirardi  
Profa. Dra. Roberta Barni

Endereço para correspondência

### **Conselho Editorial – Revista de Italianística - DLM/ FFLCH/USP**

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, CEP 05508-900 – São Paulo, SP – Brasil  
Tel. (011) 3091 4503 | Fax (011) 3091 5041 | e-mail: dlm@edu.usp.br

---

Revista de Italianística/Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,  
Universidade de São Paulo, 2008

Semestral  
ISSN 1413-2079

1. Língua Italiana 2. Literatura Italiana 3. Itália (aspectos culturais)

---

REVISTA DE  
**ITALIANÍSTICA**  
XVII



# ÍNDICE

## 08 APRESENTAÇÃO

### ITALIANO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

15  
Apprendere l'italiano oggi  
**Paola Micheli**

25  
O léxico da língua italiana: suas nuances  
**Olga Alejandra Mordente**

35  
O texto literário no ensino das línguas  
estrangeiras: dos métodos tradicionais  
à abordagem comunicativa  
**Elisabetta Santoro**

### LÍNGUA E IMIGRAÇÃO

49  
In fondo alla scrittura (la scrittura di chi  
sta in fondo). Le testimonianze scritte  
della gente comune  
**Fabio Caffarena**



**61**

Scuola, emigrazione ed alfabetizzazione:  
il caso di Comuneglia in Alta Val di Vara

**Davide Montino**

**71**

Il richiamo delle lettere: lingua, cultura  
e identità nelle corrispondenze epistolari  
dei migranti italiani in Brasile

**Federico Croci**

**93**

Discurso e memória: identidade na língua,  
no tempo e no espaço

**Doris Nátia Cavallari e Giliola Maggio**

## ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

**111**

A erosão sufixal dos italianos cultos em  
contato com o português brasileiro (PB)

**Tommaso Raso**

**129**

Il trattamento dell'italiano in due novelas  
della Rede Globo: un'esperienza singolare  
per un'italiana in Brasile

**Maria Cecilia Casini**

**139**

Do português ao italiano: reflexões para  
elaboração de um dicionário pedagógico  
voltado para a produção

**Paola Giustina Baccin**

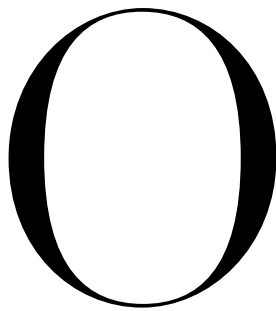
**153**

AUTORES

**157**

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

# APRESENTAÇÃO



presente número da *Revista de Italianística* é dedicado à língua italiana como língua estrangeira, à língua e imigração e aos estudos lingüísticos em geral. Colaboraram docentes e estudiosos de instituições brasileiras e estrangeiras, como Paola Micheli da *Università per Stranieri di Siena*, Davide Montino e Fabio Caffarena da *Università di Genova* e Tommaso Raso da *Universidade Federal de Minas Gerais*, além do professor leitor Federico Croci e dos docentes de Língua Italiana da Universidade de São Paulo.

Desta universidade apresentamos artigos sobre a produção de um dicionário pedagógico de Paola Giustina Baccin; o texto literário como ferramenta para o ensino das línguas estrangeiras, de Elisabetta Santoro; as nuances do léxico italiano, de Olga Alejandra Mordente; identidade na língua e no espaço, de Doris Nátia Cavallari e Giliola Maggio; as cartas de chamada no Brasil, de Federico Croci e o italiano nas telenovelas no Brasil, de Maria Cecilia Casini.

Da *Università per Stranieri di Siena* recebemos um artigo sobre as mudanças ocorridas nos últimos anos na Itália no que diz respeito ao público interessado na língua italiana. Da Universidade Federal de Minas Gerais, um artigo sobre a erosão sufixal do italiano culto em contato com o português brasileiro. Da *Università di Genova*, dois artigos, relativos à língua e imigração, complementam os temas propostos por *Italianística*.



Paola Micheli nos oferece uma possibilidade de conhecer o novo perfil do aluno de língua italiana a partir do fenômeno da imigração estrangeira na Itália. Em seu artigo, a professora analisa as transformações de público e, conseqüentemente, de motivações do aluno de italiano na Itália.

A língua italiana de italianos cultos no Brasil é o assunto tratado pelo Professor Tommaso Raso. Em seu artigo, o professor analisa os mecanismos do fenômeno da erosão da sufixação nominal e contribui, dessa forma, para a compreensão da língua italiana falada no Brasil.

A língua italiana na Itália não é uniforme, mas apresenta grande variedade dialetal. Olga Alejandra Mordente apresenta uma interessante reflexão de como apresentar ao aluno brasileiro as diferenças lexicais fruto das diferenças dialetais presentes na língua comum e na literatura italianas e de como utilizar tal riqueza vocabular, como recurso didático.

De fato, a escolha lexical é um problema que atinge o aluno de língua italiana em todos os níveis. Paola Baccin apresenta as reflexões para a elaboração de um dicionário pedagógico em suporte eletrônico para auxiliar o aluno no processo de produção de textos em língua italiana.

Sempre no âmbito do italiano como língua estrangeira, Elisabetta Santoro apresenta importantes reflexões sobre como se desenvolveram as convicções sobre a função da literatura no ensino das línguas e as transformações do papel da literatura na didática das línguas estrangeiras.

O artigo de Doris Nátia Cavallari e Giliola Maggio sobre a identidade na língua e no espaço mostra o percurso dos imigrados de Pedrinhas Paulista, a adaptação no novo ambiente, a apreensão de uma nova língua e a presença fundamental do padre, Dom Ernesto e de seu discurso, elemento construtor e mantenedor da comunidade.

A língua italiana está presente também na cultura popular das telenovelas e Cecília Casini nos conta a sua experiência no desenvolvimento de uma metodologia para o tratamento da “variante” da língua italiana que foi usada na produção das novelas “O rei do gado” e “Esperança”.

Com relação aos aspectos inerentes à relação entre língua e cultura italiana, com particular referência às questões da cultura escrita e da história da cultura escrita, neste número de *Italianística* publicamos as contribuições de Fabio Caffarena e Davide Montino, docentes da *Università di Genova* que, embora tratem de temas diversos entre si, têm em comum a descrição e análise de documentos e testemunhos escritos por pessoas comuns. Trata-se de artigos que fazem uso de documentos escritos em *italiano popolare o semicolto*, cuja definição e análise são tratados, também, por Federico Croci em seu artigo que analisa as cartas de chamada dos imigrantes italianos

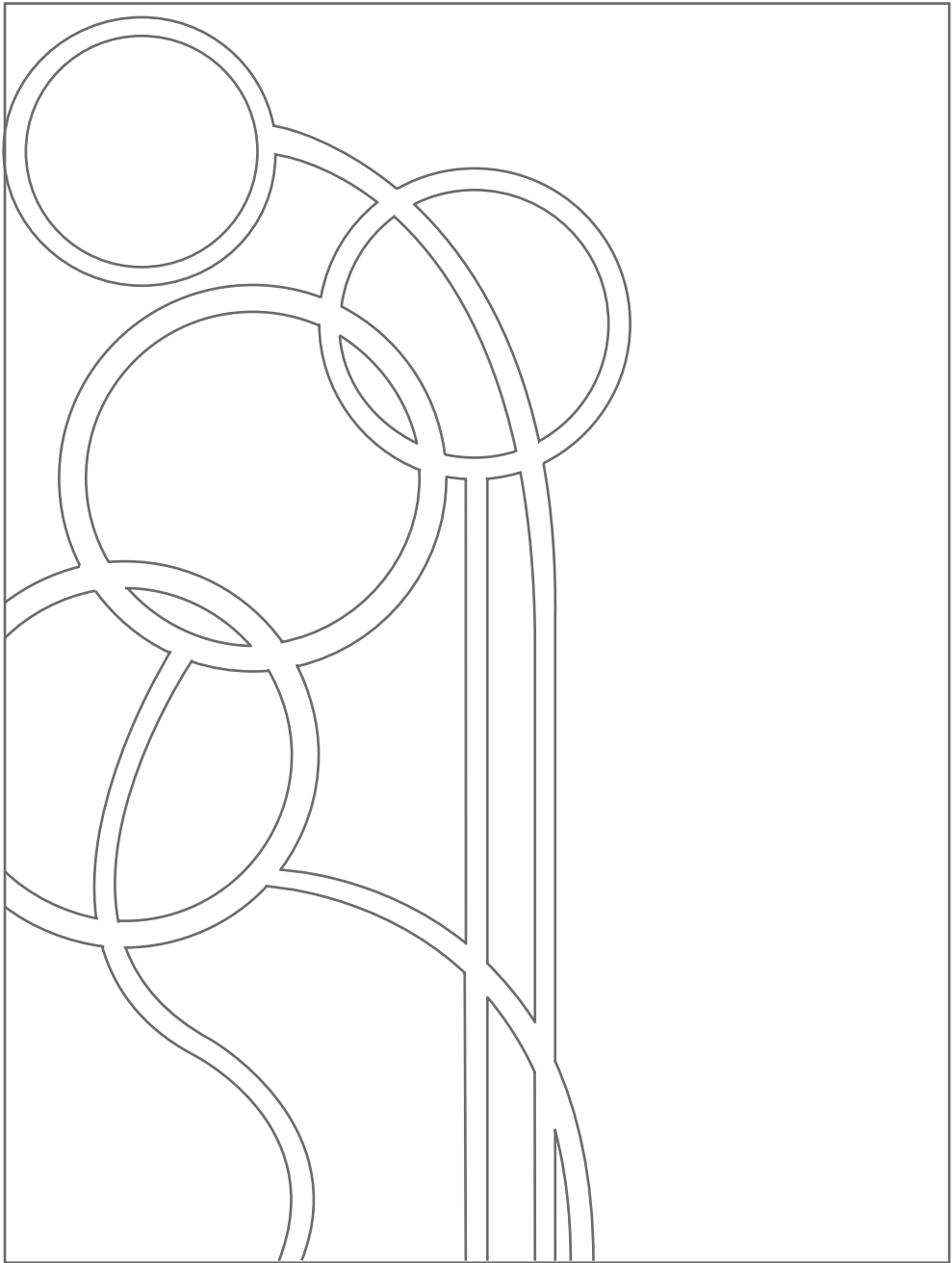
no Brasil. O artigo de Fabio Caffarena traz uma reflexão teórico-metodológica sobre a relevância dos testemunhos das pessoas comuns pela compreensão profunda da sociedade e da cultura contemporânea; *Scuola, emigrazione ed alfabetizzazione. Il caso di Comuneglia in Alta Val di Vara*, de Davide Montino trata das vicissitudes de uma escola rural de uma pequena comunidade das montanhas da região da Ligúria, demonstrando como e quanto a emigração contribuiu para desenvolver as práticas de comunicação escritas entre as classes subalternas. Os três artigos têm como fio condutor comum uma mesma abordagem caracterizada por um ponto de vista que poderia ser definido *dal basso*, ou seja, eles partem dos processos de afirmação da subjetividade que afloram nas linhas normalmente incertas e difíceis dos emigrantes, mas também de soldados, operários, camponeses, artesãos e crianças. Trata-se de considerar uma produção escrita que se desenvolveu em uma espécie de zona cinzenta, no limite entre a oralidade e a escrita, ou melhor, entre cultura oral e cultura escrita, cujos autores são homens e mulheres das classes subalternas que empunharam a caneta mesmo sem dominá-la completamente e exercitaram – na maior parte dos casos, inconscientemente – o próprio *diritto à escrita* desafiando uma sociedade que do privilégio e da exclusividade desse direito fazia uma discriminante para a exclusão.

A maior parte dos documentos utilizados, bem como a experiência de pesquisa nesse campo e, por que não dizer, a paixão comum que une os quatro artigos provêm de uma experiência amadurecida no ambiente oferecido pelo *ALSP, Archivio Ligure della Scrittura Popolare*, um centro de pesquisa e laboratório didático, criado em 1986 junto ao Departamento de *Storia Moderna e Contemporanea, DISMEC, dell'Università di Genova*. O *ALSP* faz parte de uma rede internacional de centros de pesquisa que promove estudos sobre a ativação das práticas de escrita em âmbito popular. A sua atividade tem como finalidade recuperar e estudar os testemunhos escritos produzidos pelas pessoas comuns entre os séculos XIX e XX. A colaboração interdisciplinar dos estudiosos do *ALSP* no presente número de *Italianística*, sem dúvida, contribui para o enriquecimento dos estudos sobre a imigração italiana no Brasil.

Todos os textos, em italiano e português, foram revistos por Letizia Zini Antunes. Os resumos foram traduzidos para o inglês por Fabiene Rocha. Às professoras Letizia e Loredana De Stauber Caprara vão os nossos agradecimentos pelo apoio que nos deram para a preparação da revista.

GILIOLA MAGGIO, PAOLA GIUSTINA BACCIN E FEDERICO CROCI





# ITALIANO COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA





# APPRENDERE L'ITALIANO OGGI

PAOLA MICHELI

**ABSTRACT** L'apprendimento dell'italiano all'estero e in Italia: come è cambiato il pubblico e le sue motivazioni. Il fenomeno dell'immigrazione in Italia ha aperto nuove prospettive nel processo di insegnamento-apprendimento.

**PAROLE CHIAVE** apprendimento; motivazioni; immigrazione; insegnamento.

**RESUMO** *A aprendizagem do italiano no exterior e na Itália: como mudou o público e suas motivações. O fenômeno da imigração na Itália abriu novas perspectivas ao processo de ensino/aprendizagem.*

**PALAVRAS-CHAVE** *aprendizagem; motivações; imigração; ensino.*

**ABSTRACT** *The learning of italian language in Italy and abroad: how the students and theirs incentives have changed. New perspectives in the teaching-learning process are opened in Italy by event of immigration.*

**KEYWORDS** *learning; incentives; immigration; teaching.*



## 1. Le motivazioni allo studio della lingua italiana all'estero

**L**a più recente indagine sui pubblici e sulle motivazioni dell'italiano nel mondo è *Italiano 2000*, promossa dal Ministero degli Affari Esteri, affidata al Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari dell'Università di Roma "La Sapienza" e realizzata sotto la direzione di Tullio De Mauro, in collaborazione con Massimo Vedovelli, Monica Barni e Lorenzo Miraglia dell'Università per Stranieri di Siena.

*Italiano 2000* ha avuto l'obiettivo di raccogliere dati sullo stato attuale della lingua italiana nel mondo e sugli interventi per la sua diffusione, con particolare riferimento alle caratteristiche, alle motivazioni e ai bisogni formativi dei pubblici stranieri dell'italiano; ai tratti metodologici dell'offerta formativa; al quadro generale delle condizioni che determinano la posizione e lo sviluppo della nostra lingua nel mondo.<sup>1</sup> (De Mauro, Vedovelli, Barni, Miraglia: 2002)

La materia di questa ricerca fa riferimento ad altre precedenti indagini, come quella svolta alla fine degli anni '70 dall'Istituto dell'Enciclopedia Italiana, già per conto del M.A.E., sotto la direzione di Ignazio Baldelli, e anche a quella promossa più recentemente dalla Società Dante Alighieri, allo scopo di fornire dati aggiornati e sistematici sull'italiano nel mondo.

Il dato quantitativo comune che emerge dalle indagini, anche di quelle che hanno preceduto in ordine temporale *Italiano 2000*, è che nell'arco di circa un ventennio l'espansione dello studio della lingua italiana è in crescita costante, malgrado si sia attestato, a metà Novecento, su posizioni di notevole distacco rispetto allo studio di altre lingue. Oggi questo distacco si sta gradualmente

1. L'indagine si è avvalsa della collaborazione degli Istituti Italiani di Cultura, delle Ambasciate e delle sedi consolari italiane nel mondo ai quali è stato inviato un questionario elettronico a partire dall'agosto 2000. I dati sono stati elaborati statisticamente a partire dal febbraio 2001.



colmando, tanto che l'italiano è attestato nelle prime posizioni fra le lingue europee tradizionalmente più richieste (francese, spagnolo, tedesco) o anche fra lingue come il giapponese, il russo, l'arabo. Al di là dei dati quantitativi, l'indagine ha prodotto dati di tipo qualitativo di grande interesse, avendo tra i presupposti principali quello di fornire informazioni il più possibile dettagliate sulla composizione dei pubblici di italiano nel mondo e sulle motivazioni allo studio.

La convinzione, ancora molto forte in anni recenti, che lo studio dell'italiano fosse all'estero solo prerogativa dei ceti più colti e quindi rappresentasse un forte richiamo dovuto alla cultura alta italiana da parte di studiosi e cultori delle arti e della musica, viene superata dai dati ricavati da questa indagine, che tuttavia risultano assai articolati. Accanto infatti a esigenze di studio e di ricerca, che pur sopravvivono, tra le motivazioni salienti per la scelta dell'italiano si annoverano esigenze di lavoro (circa un quarto degli apprendenti) presso imprese industriali e commerciali come anche il bisogno di stabilire relazioni sociali o di tipo turistico, senza dimenticare che anche questo settore non presenta oramai più il carattere elitario che aveva una volta.

La dimensione economica costituisce dunque una delle motivazioni più forti allo studio dell'italiano e che fa sì che l'italiano occupi una posizione di rilievo nel «mercato delle lingue»,<sup>2</sup> vale a dire in quella dimensione secondo la quale la diffusione di una lingua a livello internazionale non è solo

il frutto della intrinseca identità semiotica e strutturale delle lingue, ma anche del sistema che nella lingua fa convergere le dinamiche sociali e produttive delle comunità dei suoi utenti primari, le politiche istituzionali di produzione della sua diffusione, la capacità che le società hanno di proporre al resto del sistema internazionale le proprie identità sociali e culturali in termini di punti di riferimento, di modelli dotati di prestigio e successo. (Vedovelli, 2005a)

Ciò significa che la diffusione delle lingue sul piano internazionale è determinata dagli elementi linguistici, ma anche dalla capacità di una società a porsi a livello internazionale come sistema sociale capace di ricevere attenzione. La capacità di attrazione di una lingua assume dunque un rilievo determinante insieme al sistema sociale, economico e culturale di cui è veicolo.

E infatti la presenza vitale della lingua italiana nel mercato delle lingue è in stretta relazione con i valori culturali e con una più generale concezione di buon gusto. Basti pensare alla massiccia presenza di parole italiane che a livello internazionale vengono usate in tutte quelle manifestazioni produttive che hanno fatto sì che l'Italia occupasse i primi posti tra i paesi più industrializzati del mondo e, nei settori come la moda, la gastronomia, il *design*, puntualmente associate a una dimensione estetica e creativa.

2. Dallo studio di L.-J. Calvet *Le marché aux langues*, Paris, Plon, 2000, si estrae il concetto di “mercato delle lingue” in riferimento alla competitività tra le lingue nel più vasto panorama mondiale.

## 2. Lo studio della lingua italiana in Italia

La molteplicità dei pubblici e la varietà delle motivazioni all'apprendimento dell'italiano portano a differenziare i presupposti che stanno alla base del processo di insegnamento-apprendimento della nostra lingua. Tale fenomeno non si verifica nel caso di una lingua come l'inglese che, grazie al carattere meramente strumentale della comunicazione che sta alla base dell'apprendimento, presenta una maggiore standardizzazione dei processi di formazione linguistica. I termini più ricorrenti usati in riferimento alla condizione della lingua italiana sono prevalentemente quelli di "Lingua straniera" (LS), "Lingua seconda" (L2) e "Lingua etnica" per definire rispettivamente la lingua italiana come oggetto di apprendimento all'estero, oggetto di acquisizione in Italia, lingua delle comunità italiane emigrate all'estero.

Recentemente si è diffuso tra gli specialisti anche il termine "lingua di contatto", usato principalmente per delineare la condizione dei figli degli immigrati stranieri in Italia per i quali l'italiano non è definibile né come L1 né come L2. La competenza comunicativa di questi alunni è infatti il luogo di contatto tra più codici linguistici e culturali che creano nuove identità, ma nel loro complesso contribuiscono a creare un'identità al confine fra la lingua materna e la L2.

L'espressione "italiano lingua di contatto" è stata usata ufficialmente per la prima volta in un documento programmatico della Commissione ministeriale per il riordino dei cicli scolastici, nominata nel 2000 da Tullio De Mauro, allora Ministro della Pubblica Istruzione, proprio per riferirsi agli alunni stranieri immigrati in Italia. Non è infatti un dato trascurabile il fatto che proprio entro i confini nazionali risieda una parte consistente del pubblico straniero dell'italiano: circa due milioni e mezzo di immigrati da altri paesi sono coinvolti in un processo di apprendimento della competenza linguistico-comunicativa, a livello spontaneo o in contesto formale, prevalentemente nei Centri Territoriali Permanenti per l'educazione degli adulti. All'interno della realtà che vede ormai l'Italia come paese di immigrazione, è proprio per le nuove generazioni di origine straniera che l'italiano contribuisce a creare un ambiente di contatto all'interno del quale ogni individuo ridefinisce la propria identità prima di tutto linguistica.

Il primo saggio di carattere sociologico sul fenomeno dell'immigrazione in Italia, allora fenomeno del tutto nuovo, risale al 1979; mentre il primo articolo sui problemi linguistici degli immigrati stranieri è del 1981.<sup>3</sup> Oggi, come già accennato, l'italiano costituisce la lingua di contatto per circa due milioni e mezzo di immigrati stranieri adulti e bambini, per i quali la motivazione prevalente non è tanto quella dell'interesse culturale né tantomeno del turismo, ma piuttosto del vivere e sopravvivere in Italia allo scopo di inserirsi socialmente e professionalmente.

Se l'indagine *Italiano 2000* ha contribuito a fornire dati di assoluta rilevanza sull'italiano diffuso fra gli stranieri, soprattutto fuori dai confini nazionali, per quanto riguarda la nostra lingua diffusa fra gli immigrati stranieri attualmente presenti in Italia, è possibile fare riferimento alle indagini conoscitive del Dossier Caritas (a partire dal 2001) e del Centro di eccellenza della ricerca

3. Esperienze e Proposte, 1979, *Documentazione di base per una indagine sui lavoratori stranieri in Italia*, Cattedra di Sociologia 2B, Università di Roma, "Esperienze e proposte", 38, 1979.

Massimo Vedovelli, 1981, *La lingua degli stranieri in Italia*. "Lingua e Nuova Didattica", 3, 10:17-23.

*Osservatorio linguistico permanente dell'italiano diffuso fra stranieri e delle lingue immigrate in Italia*, costituito dal Ministero dell'Università presso l'Università per Stranieri di Siena e diretto dal Prof. Massimo Vedovelli.

La percentuale degli immigrati che studiano l'italiano in un contesto guidato è oggi in aumento. Tra questi possiamo intravedere due diverse situazioni: gli adulti che hanno superato l'età dell'obbligo scolastico in Italia e i giovani (bambini e adolescenti) che sono inseriti nei diversi gradi di istruzione del sistema scolastico italiano (scuole materne, elementari, medie e superiori). I primi immigrati con i quali gli insegnanti di italiano si trovarono a operare erano adulti di età compresa tra venti e quarant'anni, prevalentemente maschi. I materiali didattici e le strutture a disposizione si rivelarono da subito insufficienti e la preparazione degli insegnanti del tutto inadeguata, mancando all'epoca una tradizione di insegnamento per questo tipo di pubblico.

Oggi la formazione linguistica degli immigrati adulti è gestita principalmente dai Centri Territoriali Permanenti per la formazione degli adulti (CTP), strutture territoriali istituite dal Ministero per la Pubblica Istruzione nel 1997. Interessante è l'esperienza toscana che, nell'ambito di una nascente rete dei CTP, ha favorito lo sviluppo di linee comuni per l'insegnamento dell'italiano L2, con l'intenzione di veicolare le migliori esperienze dei singoli Centri e di fornire un punto di riferimento per tutti quegli operatori impegnati in aspetti progettuali, organizzativi e didattici. Da questa esperienza è nato il volume *Italiano L2. Vademecum per gli operatori dei Centri Territoriali Permanenti*.<sup>4</sup> La pubblicazione propone l'approccio pragmatico e sociolinguistico del *Quadro Comune Europeo di Riferimento* (QCER) e ad esso è ispirato anche nella definizione dei profili di apprendenti e dei livelli di competenza linguistico-comunicativa: livello basico, livello indipendente, livello competente.

Un'esperienza decisamente innovativa è stata portata avanti dall'Università per Stranieri di Siena in collaborazione con il quotidiano 'La Repubblica' attraverso l'inserito 'Metropoli', Il giornale dell'Italia multietnica, ([www.metropoli.repubblica.it](http://www.metropoli.repubblica.it)). A partire dal settembre 2006 per undici settimane è stato pubblicato un corso di italiano in undici lezioni «per muoversi nella vita di tutti i giorni, ma anche per acquistare quella piena padronanza dei costumi e delle leggi che è necessaria a ogni cittadino italiano. Il corso non è un testo di grammatica. Insegna le parole e il loro uso, ma anche il modo di muoversi in un paese diverso da quello di origine». È stato articolato con una parte generale e una parte più specifica dedicata alla formazione linguistica nei settori dell'assistenza familiare (come comunicare con gli anziani) o del fare acquisti (fare la spesa, scegliere cibi). La parte generale si rivolge agli immigrati appena arrivati o che si trovano da poco tempo in Italia e può essere utile sia per gli adulti che per i bambini e usata in una scuola o in famiglia, da soli o in gruppo. Ogni lezione è divisa in due parti: la prima, "Impariamo l'italiano", fornisce gli elementi di base della lingua e la seconda, "Testi e usi", presenta le situazioni più frequenti della vita quotidiana. Come si legge nell'introduzione, «il corso è anche un atto di amicizia, un modo di dimostrare ai lettori di "Metropoli" che non sono soli in Italia e che siamo accanto a loro per aiutarli».<sup>5</sup>

4. Borgogni M.C., Giannini C., Leonardis L., Piazzesi S., Pucci M., 2004, Firenze, Rete Toscana dei Centri Territoriali Permanenti - IRRE Toscana - Grafiche Cappelli.

5. *Metropoli*, anno 1, n.28. Hanno collaborato al corso di lingua Carla Bagna, Monica Barni, Alessandro Pallassini, Stefania Semplici, Donatella Troncarelli, Massimo Vedovelli (Unità 1-3) insieme anche a Sergio Pizziconi e Isabella Totaro (Unità 4-11).

I giovani immigrati ancora in età scolare sono più presenti nelle scuole elementari e materne e in misura minore nelle scuole medie e superiori, malgrado anche qui si registri un progressivo aumento di presenze.

Mentre nei CTP gli immigrati adulti vedono rispondere in maniera specifica alle loro esigenze, grazie a insegnanti formati e a strutture didattiche idonee, nei diversi cicli scolastici molto è stato fatto, ma restano ancora numerosi problemi da risolvere. Gli insegnanti si trovano spesso a dover fare i conti con allievi che, non conoscendo affatto la lingua, non sono in grado di interagire con l'ambiente che li circonda.

In particolare, proprio il fenomeno in crescita degli adolescenti presenti nelle scuole italiane merita attenzione per intraprendere uno studio circostanziato della loro situazione.

I presupposti da cui partire nel considerare la situazione linguistica degli adolescenti immigrati inseriti nella scuola superiore italiana riguardano innanzitutto le caratteristiche psico-evolutive, le modalità di apprendimento, i processi cognitivi e le esigenze che sono uniche per questa fascia di apprendenti e che meritano pertanto uno studio specifico, soprattutto in considerazione del fatto che se la condizione di migrante porta già di per sé una ridefinizione dell'identità dell'individuo che nasce dal contatto con una nuova lingua e cultura, il fatto di vivere questa condizione in età adolescenziale fa sì che a questa ristrutturazione dell'individuo si sommi anche il cambiamento e la ridefinizione dell'identità che normalmente si produce in ogni individuo in quella fascia di età, rendendo così ancora più complessa la gestione dei processi di definizione dell'identità. (Gallina, 2004)

Un quadro teorico di riferimento per questo studio può essere definito tenendo conto delle prospettive semiotiche, degli studi sul contatto linguistico, degli studi di linguistica acquisizionale e di glottodidattica. È quindi opportuno rifarsi, da una parte, agli studi che descrivono i processi di apprendimento attraverso le tappe dello sviluppo interlinguistico e, dall'altra, agli studi che definiscono la competenza a cui devono arrivare gli apprendenti per gestire l'interazione nei diversi scambi sociali e comunicativi per giungere a una didattica di tipo acquisizionale (Vedovelli, Villarini 2003) che tenga conto dello sviluppo della competenza linguistico-comunicativa degli apprendenti stranieri e individuare interventi didattici che tengano conto di questi processi, cercando di conciliare il piano teorico e descrittivo con quello applicativo-operativo e regolativo.

La scuola dell'obbligo rappresenta il primo contesto in cui si devono dare risposte adeguate alle esigenze di sviluppo sociale e culturale dell'immigrato straniero. Molto è stato fatto dopo un primo momento in cui si è cercato di adattare agli stranieri modelli formativi normalmente adottati con alunni italiani e successivamente avvalendosi di modelli specifici prevalentemente ispirati a paradigmi dell'intercultura. Parallelamente ci si è orientati su processi di cambiamento della professionalità

dei docenti di italiano L1 in docenti di italiano L2 attraverso l'organizzazione di corsi di formazione, mentre le Università per Stranieri di Siena e Perugia hanno attivato corsi di diploma, di laurea e scuole di perfezionamento mirati a formare docenti di italiano L2. Tuttavia è ancora frequente l'inserimento, nella scuola dell'obbligo, di giovani alunni in classi inferiori alla loro età. A tale proposito è interessante lo studio, in fase sperimentale, di Eleonora Fragai (Università per Stranieri di Siena) che prevede di applicare ai giovani immigrati il progetto di educazione linguistica elaborato negli anni '80 da Tullio De Mauro e dal suo gruppo di lavoro, il *glotto-kit*, per conoscere i bisogni degli allievi e individuare gli specifici obiettivi e i percorsi di formazione.<sup>6</sup> La sperimentazione è stata svolta a Cortona (Arezzo) somministrando a un piccolo gruppo di allievi stranieri tra i 6 e i 17 anni, inseriti nelle scuole dell'obbligo, questionari socioculturali e prove linguistiche. I dati ricavati, una volta sottoposti ad analisi statistiche, hanno confermato il ruolo rilevante di certi fattori socio-culturali sul processo di costruzione dell'identità linguistica di bambini e adolescenti stranieri inseriti nel contesto istituzionalizzato di apprendimento. Questo comporta sul piano operativo

l'esigenza di riflettere innanzitutto sui fenomeni di socializzazione in generale e sulla necessità di garantire agli allievi stranieri un inserimento entro un contesto di apprendimento ricco e stimolante, come presupposto fondamentale allo sviluppo della competenza linguistica e comunicativa in L2, dipendente innanzitutto da componenti motivazionali legate al desiderio di appartenenza nei confronti del gruppo verso cui è orientato l'atteggiamento di identificazione. (Fragai, 2000)

### 3. Linee comuni per l'insegnamento dell'italiano L2

Le recenti indicazioni di politica linguistica del Consiglio d'Europa contenute in un documento che oggi è uno strumento imprescindibile per quanti operano nell'insegnamento linguistico, il *Common European Framework for Languages: Learning, Teaching, Assessment*, noto in Italia con il nome di *Quadro Comune Europeo di Riferimento (QCER)*, offrono per l'organizzazione e la didattica un contributo fondamentale per sviluppo di modalità condivisibili, creando un linguaggio comune fra tutti quanti sono coinvolti in attività di apprendimento e insegnamento linguistico. Chi usa e apprende una lingua è considerato un agente sociale che deve portare a termine determinati compiti linguistici «in circostanze date, in ambiente specifico e all'interno di un determinato campo di azione», attraverso «attività linguistiche» di ricezione, interazione e produzione di testi. Dunque il punto di partenza di ogni azione didattica è basato su una visione della lingua come uso all'interno di una dimensione sociale e interazionale. Il concetto di “competenza linguistico-comunicativa” prevede il superamento dell'opposizione “competenza linguistica/competenza comunicativa”. Difatti la lingua

6. Una illustrazione dettagliata dello studio di Fragai è reperibile in 'Studi Emigrazione', anno XXXVII, 2000, n.140 pp.963-980. Ibidem una bibliografia ragionata di studi sull'italiano degli immigrati in Italia. Per una bibliografia di studi sulla lingua degli emigrati italiani all'estero si veda 'Studi Emigrazione', anno XXXV, 1998, n.132.

è considerata un sistema di usi linguistici che la persona mette in atto in un dato contesto sociale e da questo sono condizionati. «L'utente/apprendente è un soggetto sociale, cioè ha un'identità che si stabilisce entro il gruppo sociale, e per svolgere i compiti sociali si relaziona agli altri; svolge questi compiti in un determinato contesto che definisce il loro senso» (Vedovelli, 2000:38).

La competenza in una lingua non si limita pertanto al "sapere" in termini di conoscenza delle forme e delle sue strutture, ma di "saper fare", di saper agire in determinati contesti di comunicazione; non è quindi separabile dalle capacità individuali e nemmeno dalle relazioni contestuali individuali e collettive, concretizzandosi nella processazione di testi, determinati anch'essi dal contesto dell'interazione e che costituiscono l'unità minima di comunicazione.

Nel QCER la competenza linguistico-comunicativa è presentata come un continuum articolato su vari piani e, a seconda del grado di mobilità dell'individuo al suo interno, è indice di progressione della competenza linguistica. Questa potenziale progressione si esplica nell'articolazione in livelli che, attraverso i vari descrittori, formalizzano i diversi gradi di apprendimento.

Come si è già detto, anche per l'apprendimento dell'italiano il QCER costituisce un importantissimo strumento se usato come quadro di riferimento; purtroppo è necessario prendere atto che proprio i descrittori di competenza costituiscono dei possibili rischi per un'utilizzazione impropria del QCER, se questi vengono recepiti come strumento prescrittivo, con ricadute molto dannose in ambito formativo. Ma è proprio in base all'articolazione in livelli tramite i vari descrittori che

è possibile sia definire un modello di obiettivi didattici coerente, trasparente e comprensibile a tutti, sia ogni operazione di valutazione e, in particolare, di tipo certificatorio, perché i descrittori di ciascun livello diventano il punto di riferimento, il criterio in base al quale verificare la competenza raggiunta: condizione necessaria per costruire prove adeguate e per misurare e valutare le prestazioni degli apprendenti sulla base di ciò che i contesti di uso linguistico richiedono.<sup>7</sup>

Proprio in stretto legame con le sollecitazioni provenienti dal QCER nascono le certificazioni di italiano. In particolare, le numerose e dettagliate indagini condotte in seno al Centro di certificazione CILS dell'Università per Stranieri di Siena hanno portato, oltre alla costruzione di sei moduli certificatori, alla realizzazione e sperimentazione di moduli differenziati a seconda dei destinatari per gli immigrati adulti in Italia, per i bambini e per i ragazzi figli di immigrati in Italia, per i ragazzi figli di emigranti italiani all'estero, per gli stranieri adulti che apprendono l'italiano all'estero e con tipologie linguistiche lontane dall'italiano (asiatici) e infine per gli anziani. Il Centro CILS ha ricevuto dal Consiglio d'Europa, in collaborazione con il Ministero dell'Istruzione Università e Ricerca e con il Ministero del Lavoro e delle Politiche Sociali, il Label europeo 2004, riconoscimento per i prodotti più innovativi nel campo della diffusione e dell'insegnamento delle lingue, per la ricerca e la sperimentazione che ha condotto alla progettazione dei moduli certificatori per i livelli A1 e A2.

7. M. Barni, in Vedovelli M, (a cura di), (2005) *Manuale della Certificazione dell'italiano L2*, Carocci, Roma.

Per quanto riguarda l'italiano, il fatto che esistano più certificazioni, come del resto accade per altre lingue (inglese, francese, russo, ecc.), non deve essere letto come occasione di confusione e disorientamento, ma al contrario come fenomeno che nella molteplicità è anche garanzia di eticità, se è accompagnato da una sollecitazione alla ricerca scientifica, al dibattito e alla trasparenza delle scelte teoriche e operative adottate. Del resto anche le politiche europee tendono a sollecitare la molteplicità delle offerte formative e valutative in una prospettiva di approfondimento sulla verifica e valutazione della competenza linguistico-comunicativa basata su criteri condivisi e trasparenti. È dunque auspicabile che l'offerta certificatoria rimanga in questa dimensione di molteplicità. Solo con la molteplicità dell'offerta sarà infatti possibile dare spazio alla pluralità, al dialogo e al confronto; in caso contrario si rischierebbe di dare spazio a operazioni meramente politiche o commerciali che non risponderebbero alle condizioni necessarie per lo sviluppo di una società democratica.

## Bibliografia essenziale

- Balboni P.E., 1999. *Parole comuni, culture diverse. Guida alla comunicazione interculturale*, Venezia, Marsilio.
- Balboni P.E., 2002. *Le sfide di Babele. Insegnare le lingue nelle società complesse*, Torino, UTET.
- Barki P., Gorelli S., Machetti S., Sergiacomo M.P., Strambi B., 2003. *Valutare e certificare l'italiano di stranieri. I livelli iniziali*, Perugia, Guerra Editore.
- Barni M., Villarini A., (a cura di) 2001. *La questione della lingua per gli immigrati stranieri: insegnare, valutare e certificare le competenze in italiano L2*, Milano, Franco Angeli.
- Barni M., (2005). *Valutare e certificare l'italiano di stranieri: la proposta della CILS – la Certificazione di Italiano come Lingua Straniera dell'Università per Stranieri di Siena*, in Jafrancesco, 2005, 40-60.
- Cartura M., 2000. *Insegnare l'italiano a immigrati* in Dolci R., Celentin P., (a cura di), 2000. *La formazione di base del docente di italiano per stranieri*, Roma, Bonacci.
- Council of Europe, 2001. *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment*, Council for Cultural Co-operation, Modern Languages Division, Strasbourg, Cambridge, Cambridge University Press. (Traduzione italiana a cura di Bertocchi D., Quartapelle F., 2002. *Quadro Comune Europeo di Riferimento per le lingue: apprendimento, insegnamento, valutazione*, Milano-Firenze, RCS Scuola-La Nuova Italia).
- De Mauro T., Vedovelli M., Barni M., Miraglia L., 2002. *Italiano 2000. I pubblici e le motivazioni dell'italiano diffuso fra stranieri*, Roma, Bulzoni.
- Gallina F., 2004. *Adolescenti immigrati nella scuola superiore italiana: la questione della lingua*, Tesi di laurea specialistica non pubblicata, Università per Stranieri di Siena.
- Diadori P., 2001. *Insegnare italiano a stranieri*, Firenze, Le Monnier.
- Gallina F., *Alunni stranieri nelle scuole superiori: una presenza in crescita*, in 'Educazione Permanente', 2005. Nuova Serie, Perugia, Guerra Edizioni.
- Giacalone Ramat, A., 1986. *L'apprendimento spontaneo di una seconda lingua*, Bologna, Il Mulino.
- Giacalone Ramat, A., 2003. *Verso l'italiano*, Roma, Carocci.
- Jafrancesco E., (a cura di), 2005. *L'acquisizione dell'italiano L2 da parte di immigrati adulti*, Atti del XIII Convegno Nazionale ILSA, Roma, Edilingua.
- Micheli P., 2004. *Ultime tendenze negli approcci didattici*, (in corso di stampa) Atti del I° Simposio di Studi Linguistici dell'Italiano: *Tendenze dell'Italiano Contemporaneo e Insegnamento della Lingua Italiana in Brasile* - Università Federale di Rio de Janeiro, Dipartimento di Lettere Neolatine - Programma di Post-Graduação em Letras Neolatinas (29 marzo - 3 aprile 2004).
- Tosi A., 1995. *Dalla madrelingua all'italiano. Lingua e educazione linguistica nell'Italia multietnica*, Firenze, La Nuova Italia.
- Vedovelli M., 2000. *Guida all'italiano per stranieri. La prospettiva per il Quadro comune europeo per le lingue*, Carocci, Roma.
- Vedovelli M., 2003. *Note sulla glottodidattica italiana oggi. Problemi e prospettive*, «SILTA» 2, 173-197.
- Vedovelli M., Villarini A., 2003. *Dalla linguistica acquisizionale alla didattica acquisizionale: le sequenze sintattiche nei materiali per l'italiano L2 destinati agli immigrati stranieri*, in Giacalone Ramat, 2003.
- Vedovelli M., (a cura di), 2005a. *Manuale della Certificazione dell'italiano L2*, Carocci, Roma.
- Vedovelli M., 2005b. *L'italiano nel mondo da lingua straniera a lingua identitaria: il caso "freddoccino"*, «SILTA» XXXIV 3, 585-609.





# O LÉXICO DA LÍNGUA ITALIANA: SUAS NUANCES

OLGA ALEJANDRA MORDENTE

**RESUMO** Apresentamos neste artigo o resultado de uma pesquisa sobre a situação atual dos italianos regionais, quanto ao uso de palavras diferentes para o mesmo significado. Essa fonte de riqueza lexical, observada do ponto de vista dos dialetos, é um tema de grande relevância que deve permitir aos alunos incorporá-la, desde o início de sua aprendizagem da língua.

**PALAVRAS-CHAVE** léxico; língua italiana; empréstimos dialetais.



**ABSTRACT** *Presentiamo in questo articolo il risultato di una ricerca sulla situazione attuale degli italiani regionali per quanto riguarda l'uso di parole diverse per un medesimo significato. Questa fonte di ricchezza, osservata dal punto di vista dei dialetti, è un tema di grande rilievo che deve permettere agli allievi di assimilarla fin dall'inizio del loro apprendimento della lingua.*

**PAROLE CHIAVE** *lessico; lingua italiana; prestiti dialettali.*

**ABSTRACT** *This paper presents the result of research into the current situation of regional Italian in connection with the use of different words with the same meaning. This source of lexical wealth, from the point of view of dialects, is a topic of great relevance that students are expected to incorporate from the beginning of their studies.*

**KEYWORDS** *lexicon; Italian language; dialect-loaned words.*

# U

ma das características mais conhecidas na situação lingüística italiana é a fragmentação dialetal, isto é, a existência de muitas línguas locais diferentes da língua nacional, que derivam do latim vulgar (Biagi, 1985:327).

É legítimo falar de fragmentação, porque a realidade dialetal varia de lugar para lugar, no interior de cada região, e os limites dialetais não coincidem com os limites administrativos das atuais regiões. A afirmação da língua italiana acontece nas formas, geograficamente diversificadas, dos italianos regionais (variedade de italiano caracterizado por particularidades locais, sobretudo nos níveis fonológico e lexical).

Limitar-nos-emos, no âmbito lexical, a fazer considerações importantes acerca da situação atual dos italianos regionais, quanto ao uso de palavras diferentes para o mesmo significado. Para isso, temos, primeiramente, de falar dos empréstimos dos dialetos à língua italiana.

Até há poucos anos, havia na língua italiana palavras para expressar conceitos como “o valor civil”, “a imortalidade da alma” ou “o lamento de um amor perdido”, mas não havia palavras para indicar comidas, instrumentos de trabalho, animais domésticos e outros. Às expressões destes conteúdos eram destinadas palavras dialetais, mais ou menos modernizadas.

No sul, por exemplo, conhece-se a melancia por *mellone d’acqua*; no norte, por *anguria*; na Toscana, por *cocomero*. Essa absorção dos dialetos no léxico italiano contribuiu para a dilatação das possibilidades semânticas da língua padrão, que se tornou a língua de todos, e expressa todos os possíveis significados. Algumas são palavras que provêm da tradição culta, outras, do cotidiano, extraídas do dialeto.

Deste elenco de palavras, emergem dois fenômenos que alteraram, nestes últimos anos, a identidade lexical dos italianos regionais. O primeiro é o fato de muitas palavras que, vinte anos atrás, podiam legitimamente ser consideradas como variedades do italiano terem assumido uma validade nacional: *dritto* (*furbo*), *zozzo*, *macello*. Têm origem romana, mas já são italianas.

O segundo diz respeito a palavras que são, gradualmente, eliminadas ou substituídas pelos falantes por palavras consideradas de maior prestígio (porque são difundidas pela televisão ou pela publicidade). Na Toscana, a *camiciola* sobrevive somente na fala de uma avó, usa-se agora *maglia*; *uscio* está cedendo seu lugar a *porta*; *acquaio* está sendo substituída por *lavello*.

Os jornais, o cinema, o rádio, a televisão impuseram modelos ao italiano chamado padrão. No entanto, hoje pode-se reconhecer imediatamente a procedência geográfica do falante, baseando-se, sobretudo, na pronúncia, na entonação ou nas características lexicais.

As palavras citadas são algumas de tantas possibilidades de dialetismo, já assimiladas ao léxico padrão. Há casos de palavras dialetais que ainda hoje estão concorrendo entre si para imporem-se no italiano. A seguir, damos alguns exemplos de palavras empregadas em diferentes regiões com o mesmo significado:

*fermaglio, spilletta, graffetta, ciappa* (broche)  
*teglia, tegame* (frigideira)  
*ciotola, scodella, tazza* (tigela de leite, de sopa)  
*marmitta, zuppiera, terrina* (sopeira)  
*salvietta, asciugamano* (guardanapo)  
*pantofole, ciabatte, pianelle* (chinelos)  
*lacci, cordonetti, laccetti* (cadarço)

No dia-a-dia, por exemplo, em *Padova* o *cappucino* corresponde a *caffelatte* em *Trieste*; enquanto o *cappucino* em *Trieste* corresponde a *caffè macchiato* (pingado) em *Padova*. A *bistecca di manzo* (carne de boi) de *Firenze* chama-se *braciola* em *Bologna*; enquanto em *Roma* *braciola* é somente a carne de porco.

Essa fonte de riqueza lexical, observada do ponto de vista dos dialetos, é um tema de grande relevância que deve permitir aos alunos incorporá-la, desde o início de sua aprendizagem da língua. É um processo lento, contínuo e divertido ao mesmo tempo, porque os empréstimos dialetais revelam-se uma fonte de sinônimos, que se tornam expressivos quando utilizados, por exemplo, na literatura (Vitorini, Pavese, Pratolini), dando vivacidade ao uso lingüístico cotidiano de todos os falantes.

Vejam-se, para tal propósito, os trechos de Pratolini (1980:12):

*Le case dei contadini avevano gli alti usci socchiusi, dipinti di verde come gli ombrelloni che si usano nel **contado**: ne proveniva odore di latte e di stalla [...]*

Em *Cronaca Familiare* (p. 24), Pratolini usa *contado* no lugar de *campagna*; *uscio* em vez de *porta*.

*La nonna si accese in viso, rispose: “Come abbiamo allevato questo” e mi sollevò la mano che teneva nella sua, “sapremo **crescere** anche il secondo”.*

Nesta outra passagem (p. 25), o autor usa *crescere* (criar) no lugar de *allevare*.

*Ora avevi un anno, chiamavi **babbo** il tuo protettore.*

Também aqui o autor usa o léxico típico da linguagem falada florentina: no lugar de *papà* usa *babbo*. Pratolini, neste outro trecho (p.77), usa expressões da linguagem florentina:

*La nonna si è messa in **ghingheri** [...] Non stà più sulle mosse di **sbaciuchiarseli***

A intenção do autor é levar ao conhecimento do leitor o falar florentino, para tornar mais variado o diálogo. O estudante de italiano deve estar preparado para enfrentar estas variedades, e o professor pronto para explicá-las, sabendo distinguir o léxico dialetal do italiano.

Um exemplo pode ser ilustrado em nossas aulas de italiano. Ao lerem o romance *Cronaca Familiare*, os alunos do primeiro ano grifaram todas as expressões e as palavras da linguagem dialetal, encontradas nos diversos capítulos. Explicaram por que o autor as usou e substituíram-nas por expressões e palavras italianas de uso mais formal.

Entre as expressões que encontraram, podemos citar:

***pigliare un malanno** [pegar uma doença] (p.53);  
da via Ninna calava un vento **diaccio** [um vento gélido] (p.53);  
La nonna si è messa in **ghingheri** [com elegância afetada] (p.77).*

Os empréstimos dialetais são importante intercâmbio entre língua comum e falares regionais. Contribuem para dar ao italiano aquela variabilidade regional, percebida, principalmente, por aqueles que têm oportunidade de entrar em contato com falantes provenientes de diferentes regiões da Itália.

*Firenze* não é mais o modelo de língua para os italianos. Um florentino diz, no seu léxico familiar, *Io fò*, quando, em italiano, diz-se *Io faccio* (Eu faço). Isso ocorre porque o florentino, como toda língua viva, mudou através dos tempos.

Os toscanos hoje dizem: *acquaio*, o que, em italiano, é *lavandino* (pia); *rena é sabbia* (areia) em italiano; *balocco*, em lugar de *giocattolo* (brinquedo); *gota* e não *guancia* (face, bochecha) (Beccaria, 1988).

Um florentino, fora de *Firenze*, procura não usar *codesto* (questo), *fò* (faccio), *babbo* (papá), *figliolo* (figlio). Ele se autocensura.

Existe um italiano comum, nacional, que tem certos limites e problemas. O léxico geral, o léxico tecnológico italiano, é igual em toda a Itália, porque a cultura geral, a cultura tecnológica, surgiu em níveis nacional e internacional e não tem evidentemente raízes regionais, como o léxico das velhas profissões (*mestieri*), do artesanato, da vida mais humilde, como a dos camponeses, e a doméstica.

Vejamos, por exemplo, a terminologia dos alimentos. Os doces não têm ainda um nome industrial (como *panettone*, *pandoro*, *marron glacé*, *panforte*). Doces da *Lombardia*, *cannone* ou *cannoncino* (corneto recheado de chantilly); de *Napoli*, a *ciambella napoletana*; da Itália do centro e do sul, a *cicerchiata*. O italiano difundiu-se e enriqueceu-se graças aos dialetos. A terminologia da culinária italiana é rica em dialetismos (Beccaria, 88-89):

do Piemonte temos *agnolotti* e *grissini*;  
da Lombardia, *ossobuco*;  
do romano, *abbacchio* (*agnello*), *spaghetti all'amatriciana*; *porchetta*,  
do napolitano e da Itália do sul, a *pizza*;  
do siciliano, *i cannoli*, *la cassata*.

Muitas palavras, consideradas já como italianas, são de origem dialetal. Hoje não existe uma capital lingüística. É uma questão de prestígio lingüístico. Sobressai-se o modelo de italiano do norte. Isso depende da atividade social e cultural do centro de irradiação, mais intensa hoje em *Milano* do que em *Firenze*.

Os estrangeiros às vezes ignoram que o italiano falado em *Firenze* é o vernáculo, e acreditam que a pronúncia aprendida lá é a mais pura. Chegam a usar expressões, como:

È già **il tocco** (*mezzogiorno*);  
Il caffè di **codesto** ristorante (*questo*);  
**Vò** a casa e torno (*Vado*).

A escola, que, nos últimos anos, deixou de repelir e estigmatizar o dialeto, hoje está desenvolvendo uma obra de amálgama lenta e produtiva. Não é apenas uma fusão geolingüística, mas também sociolingüística. As novas relações de trabalho e a participação na vida pública reúnem pessoas de diferentes culturas e de diversas estratificações sociais.

Hoje já existe o italiano dos italianos. Quando uma pessoa do povo, no campo do esporte, por exemplo, fala na televisão, pode-se perceber que seu falar parece mais variado no léxico, com palavras técnicas, e na sintaxe. Por outro lado, o falar das pessoas cultas abriu-se para mode-

los coloquiais e populares, simplificando a morfologia e a sintaxe. A linguagem tornou-se mais coloquial e espontânea.

Por tudo isso, o estudo da língua italiana não deve limitar-se ao livro didático, o aluno deve estar consciente, desde o início, de que há variedades de italiano e de que a contribuição do dialeto à língua é grande.

O falante italiano tem uma gama de variedades à sua disposição e pode escolhê-las, em momentos diferentes, em diferentes situações. Saber falar a língua não quer dizer conhecer muitas palavras, mas falar adequadamente de acordo com o momento. Numa situação formal (por exemplo, num diálogo entre professor e aluno), não é aceitável dirigir-se ao seu interlocutor, dizendo: *Ma che pizza di libro mi ha dato in lettura!* Não respeitar as normas sociais que regulam o ato comunicativo pode resultar em situações cômicas, como apresentar-se ao caixa de um banco, dizendo: *Ehi amico, sganciami due centoni.*

Uma comunicação pode não estar muito clara, mas num determinado contexto ela será perfeitamente entendida. A palavra *espresso*, empregada num bar, no correio ou numa estação ferroviária adquire significados diferentes e inconfundíveis, em cada um desses lugares, a ponto de não precisarmos usar a expressão completa: *caffè espresso, treno espresso per Udine, francobollo espresso*, sob pena de tornarmo-nos pedantes e redundantes.

O emprego de uma ou outra expressão depende, às vezes, da situação. Dizer *ometto* a um rapaz é um ato de benevolência e confiança. Mas dirigida a um adulto é uma ofensa. Quando começamos uma carta, podemos usar várias expressões, como *gentile, illustre, egregio, caro, carissimo*, registros e códigos diferentes, que vamos escolher dependendo da pessoa a quem nos estamos dirigindo. Quem erra na escolha comete uma falta *contemplada*, quer dizer, inadmissível. Dizer, diante de uma senhora de respeito, *mi infastidisce* ou *mi secca* é permitido; mas dizer *mi scoccia* ou *mi rompe* é ultrapassar os limites da cortesia (Simonini, 1976:50).

O professor deve ensinar a seus alunos que o italiano é uma língua cheia de surpresas, rica em variedades e com interferências dos dialetos. O aluno deve saber distinguir um italiano literário de um italiano coloquial; um italiano regional (culto, muito culto, medianamente culto) de um italiano regional popular (com interferência dialetal).

Através de textos, o aluno entra em contato com as variedades sociogeográficas dos falantes, pois cada região da Itália corresponde a subdivisões dialetais (eventualmente também *alloglottiche*).

A situação que delineamos é definível como a existência de um sistema de sistemas, quer dizer, de um diassistema (Biagi, 1985:317) para cada classe social.

Um professor veneziano de escola secundária, por exemplo, terá a competência do italiano literário, do italiano coloquial, do italiano regional, do dialeto veneziano burguês e, talvez, popular (uma competência passiva, ou seja, mesmo que não esteja em condições de falá-lo, o entende). Ele poderá escolher uma ou mais variantes do diassistema.

O estudante brasileiro deve adquirir, pelo menos, essa competência passiva para que, quando

enfrentar o ensino de nível superior ou elaborar suas pesquisas, não se depara com dificuldades que poderiam ser resolvidas durante sua aprendizagem, e não numa etapa posterior.

## **Bibliografia**

- BECCARIA, G. L. *Italiano: l'antico e il nuovo; il movimento, le varietà e i problemi nell'italiano d'oggi*. Milano: Garzanti, 1988.
- BIAGI, M. L. A. *Linguistica essenziale*. Milano: Garzanti, 1985.
- PRATOLINI, V. *Cronaca Familiare*. 3.ed. Milano: Mondadori, 1980.
- SIMONINI, A. *Sociolinguistica*. Bologna: Calderini, 1976.







# O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: DOS MÉTODOS TRADICIONAIS À ABORDAGEM COMUNICATIVA

ELISABETTA SANTORO

**RESUMO** Muito já se escreveu sobre a relação entre língua e literatura e sobre o papel do texto literário no ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras. Neste artigo pretendemos refletir sobre como se desenvolveram as convicções sobre a função da literatura no ensino das línguas, tomando como exemplo a Universidade de São Paulo e a criação de seu curso de Letras para ilustrar algumas características dos métodos tradicionais. Em seguida, procuraremos analisar como se transformou o papel da literatura na didática das línguas estrangeiras até chegar à abordagem comunicativa.

**PALAVRAS-CHAVE** língua estrangeira; texto literário; didática das línguas.



**ABSTRACT** *Si è già scritto molto sul rapporto fra lingua e letteratura e sul ruolo del testo letterario nell'insegnamento/apprendimento delle lingue straniere. In questo articolo si riflette sulla maturazione di convinzioni riguardanti la funzione della letteratura nell'insegnamento delle lingue, prendendo come esempio l'Università di São Paulo e la creazione del corso di Laurea in Lettere, allo scopo di illustrare alcune caratteristiche dei metodi tradizionali. Sarà, in seguito, analizzata la trasformazione del ruolo della letteratura nella didattica delle lingue straniere fino all'approccio comunicativo.*

**PAROLE CHIAVE** *lingua straniera; testo letterario; didattica delle lingue.*

**ABSTRACT** *A lot has been written about the relation between language and literature and about the role of the literary text in teaching and learning foreign languages. In this article we will try to reflect about how have been developed convictions about the function of literature in language teaching, taking as example the University of São Paulo and the creation of its course of Letters, in order to illustrate some characteristics of the traditional methods. Then, we will analyze how the role of literature in the didactics of foreign languages has changed until the communicative approach.*

**KEYWORDS** *foreign language; literary text; didactics of languages.*

## Introdução

# E

m texto publicado em espanhol em 1977 e traduzido para o português em 1982, o lingüista romeno Eugenio Coseriu postula a identidade entre linguagem e poesia, já que, diz ele, apenas a linguagem poética ativa uma complexa rede de relações que nos outros usos lingüísticos se tornam inoperantes:

Por conseguinte, a linguagem poética revela-se, não um uso lingüístico entre outros, mas linguagem simplesmente (sem adjetivos): realização de todas as possibilidades da linguagem como tal. (1982: 146)

A “linguagem poética”, que é *poiesis*, criação, atividade e “fazer” com a língua (do grego *ποιεῖν*, fazer), representaria, segundo essa visão, a “plena funcionalidade” da linguagem. Por isso, os textos poéticos seriam o lugar mais rico dos desdobramentos da língua, necessários para observá-la e estudá-la, enquanto as outras manifestações lingüísticas seriam usos específicos da linguagem, reduções que não desenvolvem todas as suas virtualidades.

Pode-se discutir se a hipótese da absoluta coincidência entre linguagem e poesia é sustentável ou não. A certa altura o próprio Coseriu parece contradizê-la. De qualquer maneira, ela nos confronta com uma questão muito discutida e polêmica: a questão da relação entre língua e literatura, entre o texto literário e a língua de que é feito.

Muito já foi escrito sobre esse assunto e muitos argumentaram em favor da necessidade de união entre esses dois campos do saber, defendendo que língua e literatura constituem um binômio inseparável, visto que a língua não seria pensável sem a literatura e a literatura não seria possível sem a língua.

De fato, a língua estabelece relações, traça fronteiras, produz conceitos, transmite idéias, veicula interpretações e tudo isso é indispensável para que se faça literatura, que só pode ser realmente “descoberta” analisando e lendo em profundidade a língua que a constitui.

Por outro lado, a literatura abre novos espaços, admite contradições, permite jogos, comporta ambigüidades, amplia potencialidades e tudo isso é imprescindível para entender e conhecer a língua, inclusive porque, como diz Denis Bertrand, “a literatura exerce [...] por natureza, uma função crítica sobre a língua, desaprumando-a em relação a si mesma em cada obra” (2003:25).

Língua e literatura são, contudo, ainda hoje, em muitas situações, domínios separados, são tratadas como disciplinas distintas e, portanto, ensinadas e estudadas sem estabelecer contatos ou criar ligações. Embora unidas em nomes de cursos universitários e pronunciadas como sintagma coeso e sólido em tantas ocasiões, elas permanecem, na maior parte dos casos, dois campos separados do saber e, ainda que o texto literário possa ser considerado um lugar de encontro, o que justificaria a diluição da dicotomia língua/literatura, tanto nas escolas, quanto nas universidades, uma efetiva integração até hoje não se realizou.

De fato, a nosso ver, a literatura é o texto literário, o qual, por essa razão, deveria representar a base de qualquer curso de literatura, em qualquer nível e em qualquer situação. Por outro lado, o texto literário, enquanto realização de todas as potencialidades da linguagem, possui um papel essencial para que ela possa ser estudada e não poderia, portanto, ser excluído dos cursos de língua materna ou estrangeira. Levando em conta isso, reputamos indispensável a reflexão sobre intersecções e confluências entre essas duas áreas que, aparentemente divididas por intransponíveis barreiras metodológicas, na verdade, são, ou podem ser, uma só.

Ainda que muitas de nossas reflexões sobre língua e literatura não sejam específicas de uma determinada situação de ensino, concentrar-nos-emos na realidade em que atuamos e tomaremos, portanto, como referência a Área de Língua e Literatura Italiana do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Isso significa que especial atenção será dedicada a considerações sobre os cursos de Letras em geral, sobre a formação dos profissionais das Letras e sobre as peculiaridades do ensino das Línguas e das Literaturas Estrangeiras e, mais especificamente, da Língua e da Literatura Italiana para falantes de português.

## A tradição dos cursos de Letras

Os cursos de Letras refletem a divisão que acompanha desde sempre os campos dos estudos literários e dos estudos lingüísticos. Em seu conhecido ensaio “Lingüística e poética”, originalmente apresentado como conferência na *Indiana University* em 1958, Jakobson mostrou, de forma clara e contundente, como lingüistas e estudiosos da literatura raramente dialogam e quanto

cada uma das duas áreas poderia avançar, se não ignorasse a outra. Jakobson conclui sua argumentação com a seguinte afirmação:

[...] um lingüista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas lingüísticos e ignorante dos métodos lingüísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos. (1977:162)

Essas reflexões não parecem ter influenciado os rumos dos cursos de Letras. Desde o início de suas vidas acadêmicas, os alunos vivem língua e literatura como mundos separados e são levados, pela própria organização curricular, a perceber mais as diferenças do que as analogias entre essas duas disciplinas. De fato, pela maneira como são estruturados, os cursos induzem-nos a formar-se numa lógica da separação, numa mentalidade dos compartimentos estanques, que reforça e reitera um rígido sistema de ensino, no qual se prefere a comodidade da repetição de esquemas consolidados ao desafio da integração.

Para melhor entender como se originaram algumas das crenças que, em parte, perduram até hoje, tanto na estrutura do curso, quanto na maneira como são ensinadas as línguas e as literaturas estrangeiras, pode ser útil observar como foram dados os primeiros passos dos cursos de Letras no Brasil. Tomaremos como exemplo o curso da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, fundado não só nessa “cultura da divisão”, mas também na convicção da superioridade dos estudos literários em relação aos estudos lingüísticos.

Entre 1937 e 1954, a Faculdade promoveu a publicação de *Anuários* relativos aos anos de 1934 (ano de sua criação) a 1952. Entre outras coisas, nos *Anuários* eram descritos os diferentes cursos da Faculdade, eram fornecidos dados numéricos e eram transcritas as aulas inaugurais, os programas e os objetivos das disciplinas. Além disso, os professores responsáveis pelas diferentes cátedras eram convidados a escrever artigos, nos quais expunham sua experiência na Faculdade, discorriam sobre a relevância dos estudos em suas disciplinas e sobre seu possível desenvolvimento, dando inclusive sugestões a respeito de como poderia ser melhorado o ensino universitário.

É significativo para as nossas considerações sobre estudos lingüísticos e estudos literários ler no texto do professor Francisco da Silveira Bueno que “para os lingüistas, as qualidades literárias do texto de pouco ou nada valem” (*Anuário*, 1953: 85), porque eles estariam interessados na língua como tal e, portanto, não na literatura. O escrito do professor de Filologia visava a evidenciar as diferenças entre lingüistas e filólogos – aqueles atraídos apenas pela “língua em que está escrito o documento”, enquanto para estes “a língua é apenas um instrumento, um auxiliar que (...) ajuda a criticar o escrito, a avaliar sua época” (*Anuário*, 1953:85) –, mas dá claros indícios sobre a maneira como eram vistos os lingüistas e a lingüística e sobre a distância que, segundo se considerava, existia entre o mundo da língua e o da literatura.

Na nossa busca de indicações quanto às relações entre língua e literatura, encontramos sinais ainda mais evidentes de separação nos relatórios das cadeiras de Línguas e Literaturas Estrangeiras. Nelas são mencionados, às vezes, cursos e aulas de língua, dos quais não se encontram, porém, referências nos programas, já que estes contêm exclusivamente tópicos de literatura.

Lendo, por exemplo, o primeiro programa do professor Francesco Piccolo, que ocupou em 1934 a cátedra de Língua e Literatura Italiana,<sup>1</sup> observamos que ele prevê o estudo de Dante, Angelo Poliziano, Lorenzo de' Medici e Ariosto para ilustrar alguns momentos essenciais da literatura italiana, mas não faz menção alguma ao estudo da língua e a como esse se daria (*Anuário*, 1937:294). Os programas dos anos seguintes são redigidos nos mesmos moldes do primeiro.

Quando, em 1937, Giuseppe Ungaretti é chamado da Itália para substituir o antigo professor, em seu primeiro programa faz constar, além do programa de literatura, uma parte dedicada à língua. No entanto, o tema previsto nada tem em comum com um estudo lingüístico assim como o entendemos hoje: o programa propõe o estudo da teoria sobre a língua de Leopardi e a leitura da obra do poeta com comentários de seus textos (*Anuário*, 1938:364).

Bastam essas observações para perceber que a tradição do curso de Letras da USP não só separa língua e literatura, mas enfatiza a literatura em detrimento à língua: não havia interesse no ensino das línguas – em especial, das línguas estrangeiras – e os professores lamentavam que os estudantes não chegassem à universidade com conhecimentos prévios, porque isso significava não poder “elevar-se dos conhecimentos das línguas ao conhecimento histórico e crítico das literaturas” (*Anuário*, 1937:211), como escreve o professor Piccolo, referindo-se em especial à falta do estudo das línguas clássicas no currículo escolar, já que – afirma o professor – os alunos “balbuciam o italiano ou o francês [e] não conhecem sequer os primeiros elementos da língua latina ou da língua grega” (*Anuário*, 1937:210).

Uma queixa do mesmo tipo está presente também no *Anuário* relativo aos anos de 1939 a 1949. No volume em que são indicadas e comentadas as atividades docentes, há um relatório da cadeira de Língua e Literatura Italiana e, a uma certa altura, lê-se o seguinte:

Os candidatos à Faculdade de Filosofia ingressam nos cursos da Cadeira sem que lhes seja exigido, por exame, qualquer conhecimento de Língua ou Literatura Italiana. É esta uma situação insustentável que poderia ser corrigida com a inclusão do estudo do italiano no 2º ciclo do ensino médio como cadeira de livre escolha ou como disciplina de um curso pré-universitário. (1953:494)

Vê-se que a língua estrangeira é mencionada, mas apenas como instrumento para que possam ser lidos os textos literários originais. Em outras palavras: a língua estava a serviço da literatura, era pensada como conhecimento prévio das formas, do léxico e da gramática, que pudesse permitir compreender os textos de literatura estrangeira, estes sim vistos como a essência do curso,

1. Em 1934 começaram apenas as aulas das Cadeiras de Língua e Literatura Italiana e Língua e Literatura Francesa. As Cadeiras Língua e Literatura Alemã, Língua e Literatura Espanhola e Língua e Literatura Inglesa, embora previstas, tiveram seu início efetivo só em 1940.



como aquilo que realmente contava na formação (cf. também Fiorin, 2007:100-101). Os alunos deviam concentrar-se nos estudos mais nobres e “elevados” da literatura e a aprendizagem das línguas estrangeiras não devia, nem podia ter lugar dentro da universidade, onde se almejava uma instrução “verdadeiramente superior” e onde, portanto, a língua deveria ser um pré-requisito.

É evidente que o conhecimento da língua não implicava, nessa concepção, reflexões lingüísticas e que a atividade de ensinar uma língua (e aqui pensamos especialmente nas línguas estrangeiras) era, por isso, considerada inadequada ao contexto universitário, redoma dos intelectuais da interpretação literária epifânica e magistral, a que se chegava pela erudição, pela história, pelo estudo da crítica e dos críticos, e não pelo conhecimento profundo da língua e do seu funcionamento.

## **O ensino de línguas estrangeiras e o texto literário: dos métodos tradicionais à abordagem comunicativa**

Embora tivesse sido abertamente declarado não se considerar a universidade lugar adequado para isso, os cursos de Letras foram obrigados a encarregar-se também do ensino das línguas estrangeiras. Os currículos escolares do ensino fundamental e médio não previam o estudo de todas as línguas estrangeiras clássicas e modernas incluídas nesses cursos superiores e houve até épocas nas quais era possível concluir o percurso escolar sem nunca ter estudado sequer uma única língua estrangeira (Leffa, 1999:10). A universidade teve, portanto, de preparar os alunos para que pudessem iniciar suas carreiras universitárias na área das Letras, aprendendo as línguas estrangeiras para dedicar-se, depois da prática com a língua, aos estudos literários, que eram o que realmente importava.

Como já ressaltamos, nesse período o ensino do idioma era um ensino baseado na gramática, no léxico e nos exercícios de classificação. Além disso, no caso de uma língua não-materna, a atenção estava dirigida, antes de tudo, a aprender as maneiras “corretas” de expressar-se no outro sistema lingüístico. As línguas eram consideradas conglomerados de estruturas gramaticais e palavras isoladas, que, uma vez estudadas e treinadas com listas e traduções, permitiriam a leitura dos textos, sobretudo os literários, que eram o objetivo final de todo o processo de aprendizagem. A metodologia tradicional previa, em suma, um único ponto de intersecção entre o ensino da língua e o ensino da literatura: o código lingüístico utilizado.

Nesse contexto, não é difícil imaginar que os textos literários possuíam um papel essencial nas aulas; eles eram, aliás, os únicos textos de referência, porque continham a língua que devia ser imitada e entendida. É por isso que geralmente se associa o uso da literatura na sala de aula de língua estrangeira às abordagens didáticas ditas tradicionais, nas quais o texto literário, julgado

respeitoso das normas gramaticais e exemplo de uma “boa” realização lingüística, era o modelo que apresentava a língua *correta e elevada* ao aluno estrangeiro. O texto literário era, portanto, tratado como distante objeto de veneração, visto “[...] como aquilo que devíamos alcançar e como aquilo que jamais alcançaríamos. Falávamos dele, mas raramente com ele e muito menos dentro dele”, diz González descrevendo a posição dos aprendizes de línguas estrangeiras (1990:117).<sup>2</sup> E, de fato, o objetivo não era criar as condições para que os alunos pudessem “estabelecer uma vivência” com o texto literário, o qual, ao contrário, incorporando os valores de um determinado tipo de ensino, era visto como norma, perfeição, estabilidade, elevação do espírito, distância da banalidade do cotidiano e da língua utilitária e corrente.

À medida que as metodologias para o ensino das línguas estrangeiras foram mudando e que a dita “abordagem comunicativa” se foi afirmando, o texto literário foi, cada vez mais, substituído por textos que se acreditava pudessem refletir de forma mais *fiel* a língua falada e cotidiana, isto é, a língua da “verdadeira comunicação”. Os adeptos dessa visão do ensino de línguas estrangeiras rejeitaram a idéia da importância do texto literário e, reagindo aos modelos antes vigentes, inverteram completamente a rota: em sua, a nosso ver, errônea interpretação do que é competência comunicativa, não consideraram “comunicativo” o texto literário e, portanto, não julgaram que pudesse ser integrado num ensino da língua estrangeira, no qual se ia consolidando a idéia de que era necessário concentrar-se na comunicação da “vida real” e nas funções da linguagem, que permitem aprender a fala utilitária do dia-a-dia. Era essa a língua que devia ser estudada antes e sem a interferência de textos tão distantes do cotidiano como os textos literários, os quais prejudicariam ou retardariam a aquisição da competência comunicativa.<sup>3</sup>

A partir desse período, a literatura perdeu, portanto, seu papel central nas aulas de línguas estrangeiras, o que acentuou a separação entre o ensino de língua e de literatura. Eventualmente ela era utilizada apenas nos níveis avançados dos cursos de língua e essa convicção é até hoje extremamente difundida: considera-se que um aluno que ainda não conhece profundamente a língua estrangeira não pode entender os aspectos mais especificamente “literários” dos textos e que, portanto, é necessário prepará-lo antes; em outras palavras, prevalece a lógica que impõe, numa escala cujos critérios não são sempre facilmente compreensíveis, que o fácil (a língua) anteceda o difícil (a literatura) e que o cotidiano e a “realidade” (a língua com função utilitária) venham antes do incomum e da “ficção” (a língua com função estética).

Curiosamente, a partir do auge da abordagem comunicativa, afirmou-se, portanto, uma posição que, em relação à presença da literatura na sala de aula de língua estrangeira, revela mais pontos de contato com a concepção tradicional, que – como vimos – tratava o texto literário como objeto de “veneração”, do que com as metodologias posteriores, nas quais começaram a ganhar espaço visões muito mais dinâmicas e abrangentes de língua e de aprendizagem.

Em épocas mais recentes, somou-se a isso a opinião de alguns docentes e especialistas em didática das línguas estrangeiras, que afirmaram considerar *desnecessário* o uso de textos literários como

2. O texto do qual foi extraída essa citação foi publicado em espanhol (“[...] como aquello que debíamos alcanzar y como aquello que jamás alcanzaríamos. Hablábamos de él, pero raramente con él y mucho menos en él”). Nesse caso, como em todos os outros em que o texto consta na bibliografia numa língua diferente do português, a tradução é nossa e o original será transcrito em nota.

3. Muito foi escrito sobre a “abordagem comunicativa” e muitas são as indicações bibliográficas possíveis. Remetemos ao texto “clássico” *The Communicative Approach to Language Teaching*, organizado por Brumfit e Johnson (1979).

material didático, dada a abundância de textos que jornais, revistas, televisão e, principalmente, a internet nos colocam à disposição, iterando também que um aprendiz só pode dar conta de um texto literário, quando tiver alcançado um nível avançado no estudo da língua estrangeira.

É claro que essas posições não consideram os aspectos peculiares da função poética do texto literário, que, tratado como apenas *mais um* tipo de texto, é privado de seu potencial específico e identificado como o texto “difícil”, além de sofrer uma sorte de “preconceito ao contrário”: por ter sido já tão valorizado pelos métodos tradicionais, defender sua utilização em sala de aula soa aos ouvidos de muitos como anacronismo.

Mesmo o *Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino e avaliação* (QECR), documento elaborado por vários especialistas em ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e publicado pelo Conselho da Europa em 2001<sup>4</sup> como resultado de anos de estudos e pesquisas, raramente menciona os textos literários e, quando o faz, também considera a literatura como leitura para aprendizes nos últimos níveis (C1-C2), que se prepararam com textos cotidianos antes de estar prontos para “entender” o texto literário (cf. QECR, 2001:53).

Assim, acontece ainda hoje que muitos livros didáticos para o ensino de línguas estrangeiras,<sup>5</sup> mesmo quando dão algum espaço ao texto literário, restringem sua utilização aos níveis avançados e oscilam entre a visão tradicional, que o identificava com o modelo “sacralizado” de bom uso da língua, e a banalização das suas potencialidades. O trabalho com o texto limita-se, de fato, ao denotativo e à exemplaridade da língua utilizada.

Com a finalidade de verificar a “compreensão” são elaborados questionários, aos quais o aprendiz deve responder após a leitura. Muitas vezes, esses questionários são pouco ou nada desafiadores, pois as perguntas são óbvias e têm como objetivo verificar apenas a compreensão *do que diz* o texto em língua estrangeira. Uma vez comprovado que os alunos o “entenderam”, ele pode ser usado para observar as estruturas gramaticais que contém e como ponto de partida para exercícios. Há também livros didáticos que partem da temática abordada e usam-na como estímulo para a conversação em sala de aula ou para a produção de um texto escrito, de forma que o aprendiz possa praticar a língua estrangeira e exercitar o que está aprendendo.

A consequência é que, num movimento contrário ao da ênfase na literatura, o aspecto mais especificamente literário (estético, múltiplo, denso) do texto é sacrificado para que se alcance a compreensão do enredo, da mensagem, do referente, da denotação, sem que se indique ao aprendiz quais são os caminhos por meio dos quais é gerado o sentido e sem que sejam exploradas as possíveis interpretações. Ou seja: a partir da leitura não se iniciam reflexões mais profundas sobre o funcionamento do texto, sobre os sentidos nele contidos e sobre a maneira como se dá a significação.

Por outro lado, em atividades didáticas como as que acabamos de descrever, a observação da língua pára no enunciado, só dá lugar à reutilização de formas e não constitui o ponto de partida para análises mais detalhadas e para poder aprender a perceber a gramática no texto como

4. O título completo do documento no original em inglês é: *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment*. Em 2001 o volume foi publicado pelo Conselho da Europa em inglês e francês e, logo em seguida, foram encomendadas e realizadas as traduções na maior parte das línguas dos países da União Européia. Para o presente trabalho utilizamos a versão portuguesa (2001) e a italiana (2002). O *Quadro Europeu Comum de Referência* (QECR) divide em seis níveis gerais a organização da aprendizagem das línguas e indica descritores para que os aprendizes possam ser classificados nos diferentes níveis, que são: A1 (*iniciação*), A2 (*elementar*), B1 (*limiar*), B2 (*vantagem*), C1 (*autonomia*), C2 (*mestría*). Há ainda a denominação *utilizador elementar* para A1 e A2, *utilizador independente* para B1 e B2 e *utilizador proficiente* para C1 e C2 (QECR, 2001: 48).

5. Os manuais, aos quais nos referimos aqui, são especialmente os de Italiano como língua estrangeira, inclusive os mais recentes. Em geral e pelo que conhecemos, o tratamento dos textos literários não é muito diferente também na maioria dos livros didáticos para outras línguas estrangeiras.

elemento que contribui para a criação de (novos) significados. A chamada “reflexão sobre a língua”, que muitos manuais didáticos incluem, limita-se geralmente a uma reconstrução, com base em elementos observados no texto, de como pode ser sistematizada uma “regra” gramatical e de quais são as normas que regem seu “uso”, sendo que, em geral, não há espaço para efetivos questionamentos sobre os efeitos de sentido gerados e sobre como eles influenciam a leitura e a interpretação do texto.

Dessa maneira, deixa-se inutilizado o aspecto mais significativo da criação literária, aquilo que a transforma em algo especial, como muito bem escreve Graciela Reyes, afirmando que:

[...] citar a literatura como exemplo de língua culta prestigiosa [...] é um erro que surge da crença de que a literatura é a culminação do falar bem da comunidade. A literatura é muito mais do que isso, a partir de uma perspectiva lingüística: a literatura é um experimento que supõe um falar bem, consolida-o e perverte-o para inová-lo.<sup>6</sup>

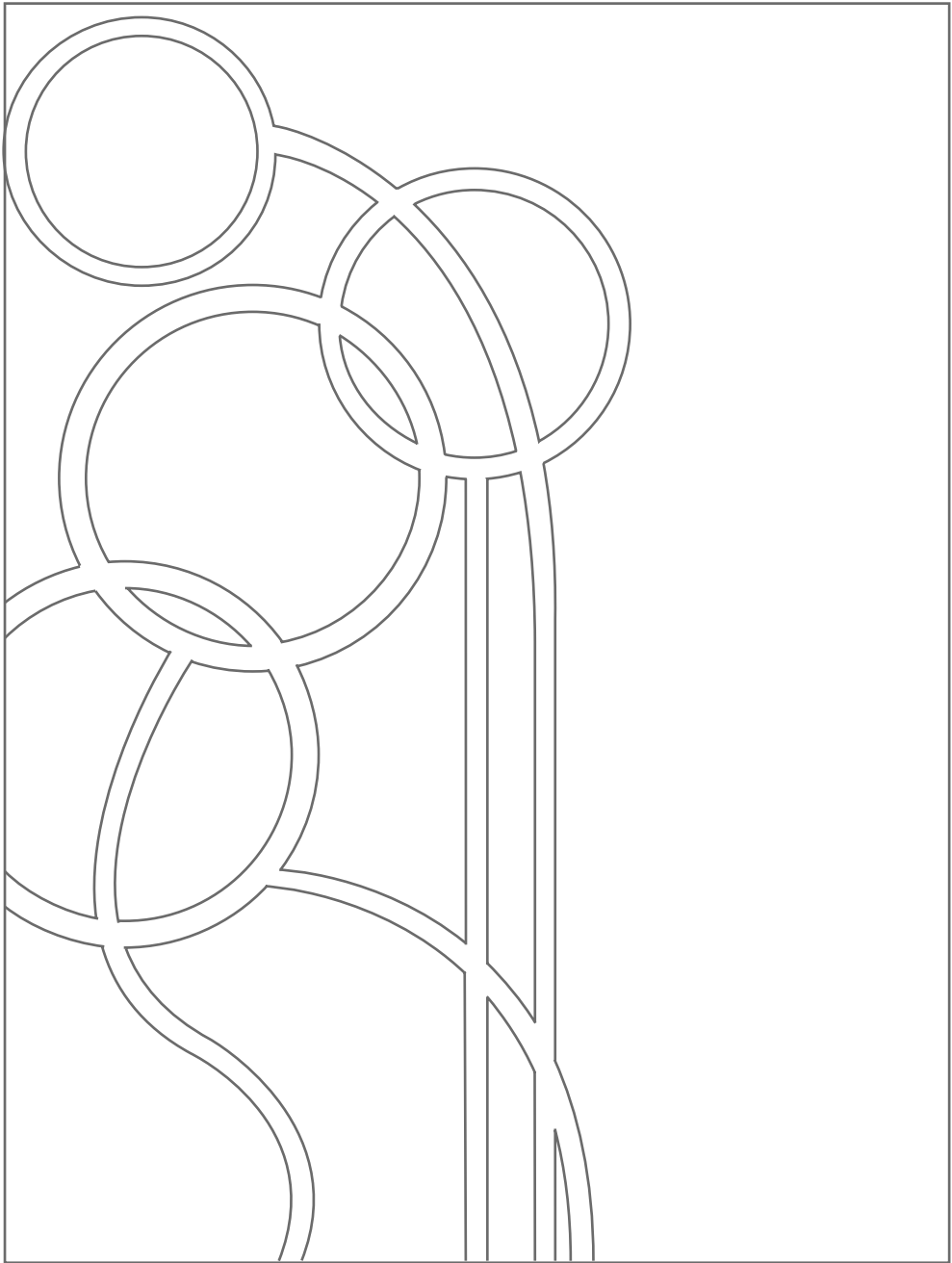
Eis um dos pontos que nos levam a propor a integração do ensino de língua e de literatura: o texto literário consolida, transforma, inova, equilibra e é, portanto, um texto cujas potencialidades são fundamentais no ensino em geral e indispensáveis para os alunos dos cursos de Letras, que, em sua formação, precisam de sólidos conhecimentos literários e de profundos conhecimentos lingüísticos para aprender a analisar, observar e vivenciar a linguagem.

Isso se torna ainda mais essencial, quando se aprende uma língua estrangeira e se estuda sua literatura, já que, só na observação das confluências e na interação entre uma área e outra, o processo de aprendizagem pode tentar apreender a complexidade que representa o contato com um mundo *outro* por meio da linguagem, vista não apenas como um “instrumento”, mas como a essência do ser humano, aquilo que realmente o constitui.

6. “[...] citar la literatura como ejemplo de lengua culta prestigiosa [...] es un error que surge de la creencia de que la literatura es la culminación del bien hablar de la comunidad. La literatura es mucho más que eso, desde una perspectiva lingüística: la literatura es un experimento que supone un bien hablar, lo consolida y lo pervierte para innovarlo” (REYES, 1984: 193).

## Referências Bibliográficas

- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1934-1935* (1937). São Paulo: Revista dos Tribunaes.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1936* (1937a). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1937-1938* (1938). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1939-1949* (1953). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, v. I e II.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1950* (1952). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1951* (1952a). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 1952* (1954). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Bertrand, Denis (2003). *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo Casa Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração.
- Brumfit, Chistopher & Johnson, Keith (orgs.) (1979). *The Communicative Approach to Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Tradução do inglês de Maria Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares. Porto/Lisboa: Asa Edições.
- Consiglio d'Europa (2002). *Quadro comune europeo di riferimento per le lingue. Apprendimento, insegnamento, valutazione*. Tradução do inglês de Franca Quartapelle e Daniela Bertocchi. Milão: RCS Scuola/Florença: La Nuova Italia.
- Coseriu, Eugenio (1982). "Teses sobre o tema 'linguagem e poesia' ". In: Coseriu, E. *O homem e sua linguagem. Estudos de teoria e metodologia lingüística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 145-149.
- Fiorin, José Luiz (2007). "A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa lingüística universitária". In: Fávero, Leonor Lopes, Bastos, Neusa Barbosa & Marquesi, Sueli Cristina. *Língua Portuguesa: pesquisa e ensino*. São Paulo: Editora da PUCSP, v. I, p. 93-104.
- González, Neide T. Maia (1990). "La utilización del texto literario en las clases de lengua extranjera". In: Silva, Pedro Câncio da (org). *Língua, literatura e integração hispano-americana*. Porto Alegre: SEC, Editora da UFRGS, p. 116-123.
- Jakobson, Roman (1977). *Lingüística e comunicação*. Prefácio de Izidoro Blikstein. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.
- Leffa, Vilson J. (1999). O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, APLIESP, n. 4, p. 13-24.
- Reyes, Graciela (1984). *Polifonía textual. La citación en el relato literario*. Madri: Gredos.



# LÍNGUA E IMIGRAÇÃO







# IN FONDO ALLA SCRITTURA (LA SCRITTURA DI CHI STA IN FONDO) LE TESTIMONIANZE SCRITTE DELLA GENTE COMUNE

FABIO CAFFARENA

**ABSTRACT** La storia, soprattutto quella contemporanea, può essere ripercorsa attingendo alle consuete fonti istituzionali, legate ai classici paradigmi interpretativi economici e istituzionali, ma anche privilegiando gli aspetti sociali, utilizzando l'inesauribile miniera di testimonianze scritte ed orali prodotte dalla gente comune. Tali fonti consentono uno sguardo "dal basso" degli eventi, ma tale prospettiva, per nulla trascurabile e dotata di una sempre più solida concettualizzazione metodologica, è ancora alla ricerca di una completa legittimazione storiografica.

**PAROLE CHIAVE** macro-storia; micro-storia; archivi; gente comune; soggettività; scritture popolari.



**RESUMO** *A história, especialmente a contemporânea, pode ser abordada utilizando-se as costumeiras fontes institucionais, ligadas aos clássicos paradigmas econômicos e institucionais, mas também privilegiando os aspectos sociais, utilizando a mina inesgotável de testemunhos escritos e orais produzidos pela gente comum. Essas fontes permitem que se olhe “de baixo” para os eventos, mas essa perspectiva, que não pode ser ignorada e adquire uma conceituação metodológica cada vez mais consistente, está ainda buscando uma legitimação historiográfica completa.*

**PALAVRAS-CHAVE** *macro-história; micro-história; arquivos; gente comum; subjetividade; escritos populares.*

**ABSTRACT** *History, especially contemporary history, can be written by drawing on the usual institutional sources, and deploying the classical interpretative paradigms focussed on institutions and the economy. But history can also be written with an emphasis on its social dimensions, by delving into the inexhaustible mine of testimonies left by ordinary people. Such sources allow events to be viewed “from below”. Yet despite the importance of this second approach, and despite the increasing solidity of its methodological foundations, it has still to attain complete historiographical legitimacy.*

**KEYWORDS** *macro-history; micro-history; archives; ordinary people; subjectivity; popular writings.*

## Fondi e fonti\*

[...] *La storia non esiste [...]. Vostro nonno ha scritto la sua storia? E vostro padre? E il mio? E i nostri avoli e trisavoli?... Sono discesi a marcire nella terra né più e né meno che come foglie, senza lasciare storia... [...] E il gorgoglio delle loro viscere vuote? E la voce della loro fame? Credete che si sentirà, nella storia? Che ci sarà uno storico che avrà orecchio talmente fino da sentirlo? [...].*

Leonardo Sciascia, *Il Consiglio d'Egitto*, 1963.

“

Uomini senza archivi e senza volto: così gli storici moderni – afferma Aron Ja. Gurevic – hanno definito il popolo in un’epoca in cui gli era precluso un accesso diretto agli strumenti con cui fissare per iscritto i valori culturali”.<sup>1</sup> Il riferimento è rivolto in particolare alle classi popolari del periodo medievale, tuttavia il rapporto privilegiato ed escludente fra il “diritto alla storia”<sup>2</sup> e la scrittura, come forma di conservazione di eventi e memoria, costituisce una dinamica di lungo periodo che arriva fino all’epoca contemporanea. Uomini senza *tracce di carta* depositate nei raccoglitori istituzionali della memoria,<sup>3</sup> quindi senza *fondi*, nell’accezione *archivistica* dei significati più congeniale allo storico. Questo almeno in apparenza.

L’assonanza casuale crea un concatenamento di significati tra *fondi* e *fonti*, sebbene i termini si possano collocare agli estremi: la *fonte* è un punto di partenza, il *fondo* ciò che resta, ciò che è filtrato dalle maglie del tempo. Ma per lo storico – coincidenza degli opposti – si tratta di un concatenamento virtuoso ed efficace poiché ciò che resta, come *fondo di un magazzino di eventi e relazioni*, costituisce il punto di partenza dell’indagine sul passato più o meno recente. Da questa prospettiva, *guardare dal fondo* significa innanzitutto *guardare i documenti, i fondi d’archivio*: ogni traccia sul terreno può essere un documento, ogni terreno un archivio. La forma che prendono il tempo e gli eventi è plasmata dal punto di vista assunto e dalle relative tracce – le fonti – che è possibile trovare: è quindi una forma mutevole.

\* Questo testo raccoglie, ampliandole, alcune riflessioni presentate al Convegno *Guardare dal fondo – Le forme del tempo*, a cura del Centro culturale Candiani di Mestre (Venezia), 14 aprile 2005.

1. Cfr. A. Ja. Gurevic, *Contadini e santi. Problemi della cultura popolare nel Medioevo*, Torino, Einaudi, 2000, p. VIII.

2. *Ibidem*, p. IX.

3. Sulla definizione di *fondo* in ambito archivistico, inteso come “complesso documentario che abbia un carattere di unitarietà”, cfr. P. Carucci, *Le fonti archivistiche: ordinamento e conservazione*, Roma, N.I.S., 1993, p.201.

La storia della contemporaneità propone nuove problematiche metodologiche costituite dal fatto che le fonti a disposizione sono talmente numerose e tipologicamente differenziate da non poter essere contenute tutte negli archivi, almeno nelle forme consuete in cui comunemente si intendono questi *strati sovrapposti e organizzati del passato*: basta frequentare l'archivio di un qualsiasi Ente istituzionale attivo per rendersi immediatamente conto della proliferazione incontrollabile di carta che aumenta in modo esponenziale nel corso degli anni. Spesso la documentazione più ordinata e fruibile risulta essere proprio quella più antica, mentre la più recente, in barba agli snellimenti per ora solo teorici ed illusori dell'era informatica, è talvolta semplicemente accatastata in depositi di fortuna. Ad oggi sono gli archivi, fisicamente, a non contenere più la carta ed in un certo senso si potrebbe dire che l'epoca contemporanea porta con sé un processo quasi fisiologico di disordine – quando non di dispersione – delle fonti: fenomeno che si potrebbe interpretare quasi come un sintomo visibile dell'estrema complessità di quest'epoca. I *fondi* diventano così inesplorabili baratri d'archivio, in attesa di smaterializzarsi, di migrare nel Web trasformandosi in non meno inquietanti database elettronici, in agglomerati di bytes.<sup>4</sup>

La moderna – e per certi aspetti paradossale – propensione alla dispersione di informazioni non è solo una questione archivistica, ma coinvolge anche un elemento fondamentale per la ricostruzione storica dell'epoca contemporanea di cui lo storico dell'antichità deve necessariamente fare a meno: la memoria, la testimonianza diretta, il *fondo di magazzino di esperienze vissute* il cui utilizzo in ambito storiografico è oggetto di un ampio dibattito.<sup>5</sup>

## Uno sguardo sottosopra...

Ad oggi il rapporto fra ricostruzione storica e documenti presuppone il primato delle carte ufficiali e dei *contenitori* archivistici che raccolgono documentazione burocratica, espressione degli enti e delle istituzioni.<sup>6</sup> Meno rappresentati sono gli individui, i gruppi sociali, a meno che la loro vita ed il loro operato non siano strettamente connessi ad una dimensione pubblica: la gente comune insomma, per quanto questa definizione sia un'etichetta omologante imposta ad individui molto eterogenei per cultura ed esperienze.

La storia non può essere ridotta ad una collezione di fatti e occorre ridare volume agli eventi liberandoli dagli schemi ideali, dalle scuole di pensiero storiografico, che restituiscono in alcuni casi una narrazione storica affidata solo alle grandi categorie concettuali, ai quadri indifferenziati e amorfi privi delle sfaccettature e della complessità del presente: “la storia – ha rilevato efficacemente Franco Ferrarotti – non è un fiume, relativamente unilineare, e neppure un torrente. È piuttosto un delta a più rami con uno sbocco dai contorni incerti, coperto da

4. Cfr. S. Vitali, *Passato digitale. Le fonti dello storico nell'era del computer*, Milano, Mondadori, 2004.

5. Sui rapporti fra storia e memoria e sul ruolo della finzione nella ricostruzione storica cfr. K. Pomian, *Che cos'è la storia*, Milano, Mondadori, 2001. Sull'utilizzo della soggettività in ambito storiografico cfr. G. De Luna, *La passione e la ragione. Fonti e metodi dello storico contemporaneo*, Milano, La Nuova Italia, 2001; Q. Antonelli, A. Iuso (a cura di), *Vite di carta*, Napoli, L'ancora del Mediterraneo, 2000 ed il contributo di A. Gibelli, *Soggettività e storia del Novecento*, in «Ventesimo secolo», 4 (1992).

6. Cfr. I. Zanni Rosiello, *Archivi e memoria storica*, Bologna, Il Mulino, 1987.

cimmeriche nebbie tanto che a nessuno è dato di descrivere con accuratezza il complesso divaricarsi. Si comprende l'ansia semplificatrice degli storici tradizionali, di quelli che preferiscono battere i sentieri relativamente sgombri e rettilinei dell'*histoire-bataille* invece dei tortuosi cammini dell'*histoire-homme*. La loro cura filologica merita ogni apprezzamento, ma la loro prospettiva va ampliata in maniera piuttosto sostanziale. Ai «documenti» e ai «monumenti» sono da aggiungersi le testimonianze [...] La storia così «complessificata» sfugge alle categorie tradizionalizzate, forse comode ma anguste [...] Da storia storica, più o meno marmorizzata, si scioglie nella fluidità problematica delle storie di vita. La storia dei principi deve accogliere, e accettare di venire riscritta, come storia dei sudditi. Storico e vissuto cominciano a dar luogo a una sottile, inesplorata dialettica relazionale<sup>7</sup>.

Questo salto storiografico implica una scelta di *fondo* – nel senso di fondamento prospettico – e di *fonti*: un primato del vissuto sulla cronaca evenemenziale. Come ha affermato Michel Vovelle in un saggio dedicato a *La nuova storia*, ogni epoca crea – e lascia – le fonti utili a ripercorrerla<sup>8</sup> e l'epoca contemporanea mette a disposizione della ricerca fonti qualitative: penso alle testimonianze, alle parole labili affidate alla volatilità delle voci, ma anche alle innumerevoli lettere, diari e memorie autobiografiche scritti dalla gente comune. Veri e propri *fondi a cielo aperto* cui attingere:

“Si immagini ora un uomo a cui, – ha scritto Primo Levi – insieme con le persone amate, vengano tolti la sua casa, le sue abitudini, i suoi abiti, tutto infine, letteralmente tutto quanto possiede: sarà un uomo vuoto, ridotto a sofferenza e bisogno, dimentico di dignità e discernimento, poiché accade facilmente, a chi ha perso tutto, di perdere se stesso; tale quindi, che si potrà a cuor leggero decidere della sua vita o morte al di fuori di ogni senso di affinità umana; nel caso più fortunato, in base ad un puro giudizio di utilità. Si comprenderà allora il duplice significato del termine «Campo di annientamento», e sarà chiaro che cosa intendo esprimere con questa frase: giacere sul fondo.

[...] Eccomi dunque sul fondo. A dare un colpo di spugna al passato e al futuro si impara assai presto, se il bisogno preme.<sup>9</sup>

Per immaginare questo uomo privato del proprio vissuto, per sondare il tremendo *fondo* in cui è precipitato e dove si è spento ogni senso di pietà umana, le testimonianze dirette (orali e scritte) rappresentano evidentemente gli strumenti più efficaci, in grado di dare maggiore profondità e spessore alla ricostruzione storica: una tridimensionalità impossibile utilizzando esclusivamente i dati quantitativi dell'Olocausto, per quanto impressionanti e significativi.

In questo senso anche un approccio storiografico classico, che presuppone il primato delle fonti scritte, dovrebbe accettare ormai l'ingombrante *eredità cartacea*, se non quella *sonora*, delle classi popolari. Una dote che fornisce allo storico raffinati strumenti d'indagine che consente di rivalutare

7. Cfr. F. Ferrarotti, *La storia e il quotidiano*, Roma-Bari, Laterza, 1986, pp. 116-117.

8. Cfr. M. Vovelle, *La nuova storia*, Milano, Mondadori, 1980.

9. P. Levi, *Se questo è un uomo. La tregua*, Torino, Einaudi, 2003, pp. 23-31.

il ruolo assunto da individui subalterni, talvolta emarginati e perseguitati, che comunque sono stati protagonisti del XX secolo e non certo comparse anonime dal ruolo secondario.<sup>10</sup>

La gente comune ha lasciato – e continua a lasciare – archivi di voci, quando queste sono state raccolte, trascritte e impresse su un supporto magnetico:<sup>11</sup> la testimonianza orale tuttavia non si fonda qualitativamente solo sulla percezione uditiva, ma anche su una miriade di suggestioni fornite dall'espressività gestuale del narratore, infine dall'interazione con l'interlocutore a cui si racconta la propria storia di vita. La fonte scritta risulta mutila di questo impianto espressivo, che costituisce un valore aggiunto alla testimonianza.

Le testimonianze scritte della gente comune danno vita invece ad archivi involontari, per quanto sfuggenti e anarchici, senza scaffali ed inventari. Sono carte che tendenzialmente rifuggono alla conservazione sistematica: occorre scovarle nei *fondi* delle cantine, nei cassetti. Si tratta quasi sempre di sedimentazioni spontanee di scritti depositati negli anfratti delle case, finite ai margini fisici della quotidianità familiare e del ricordo.<sup>12</sup> La loro conservazione è legata spesso all'oblio in cui sono precipitati o, al contrario, al rapporto affettivo che ne impedisce la distruzione da parte dei possessori, legati da rapporti di parentela o amicizia con gli scriventi. Questi testi lasciati dalla gente comune, come tracciati di un sismografo, costituiscono l'indicatore di un'imponente spinta *chirografica* avvenuta non appena le masse popolari hanno dovuto impossessarsi, per quanto precariamente, di una nuova tecnologia comunicativa: la scrittura. L'uso di questa tecnica da parte della gente comune è attestato già nel periodo medievale e moderno, ma si diffonde soprattutto tra il XIX e il XX secolo. Non si tratta di un fenomeno legato esclusivamente al consolidamento dei percorsi scolastici e al conseguente maggior tasso di alfabetismo, ma di una pratica indotta soprattutto dal bisogno di comunicare a distanza, di fissare la consueta comunicazione orale su un supporto in grado di abbattere le distanze e ricucire almeno idealmente gli strappi sociali e culturali causati dagli eventi separatori della modernità.<sup>13</sup>

La Grande emigrazione<sup>14</sup> e la Prima guerra mondiale<sup>15</sup> costituiscono a questo proposito eventi chiave che smuovono uno strato sepolto – fragile ma fertile – di pratiche scritte, trasformandole

10. Nel saggio dedicato alla *Gente non comune* (Milano, Rizzoli, 2000), E.J. Hobsbawm ha scritto che “quello che [le persone comuni] hanno pensato e fatto è tutt'altro che trascurabile: era in grado di influire, e ha influito, sulla cultura e sugli avvenimenti, e questo non è mai stato così vero come nel XX secolo” (p.8).

11. Si pensi ad esempio agli imprescindibili lavori di N. Revelli. Per una panoramica dei centri internazionali preposti al recupero ed allo studio delle fonti orali cfr. C. Bermani (a cura di), *Introduzione alla storia orale. Esperienze di ricerca*, Roma, Odradek, 2001. Vol. II (*Indirizzi e siti internet della Storia orale*, a cura della Società di Mutuo soccorso “Ernesto de Martino” di Venezia). Sulle problematiche connesse all'utilizzo di queste fonti cfr. G. Contini; A. Martini, *Verba manent. L'uso delle fonti orali per la storia contemporanea*, Roma, N.I.S., 1993.

12. A questo scopo in Italia sono sorti centri di raccolta delle testimonianze scritte della gente comune: tra i principali l'Archivio della Scrittura Popolare di Trento (A.S.P.), l'Archivio Ligure della Scrittura Popolare di Genova (A.L.S.P.) e la Fondazione Archivio Diaristico Nazionale di Pieve Santo Stefano (A.D.N.).

13. Su questi aspetti cfr. P. Conti; G. Franchini; A. Gibelli (a cura di), *Storie di gente comune*, Acqui Terme, Editrice Impressioni Grafiche, 2002.

14. Sui nuovi paradigmi interpretativi dei fenomeni migratori cfr. M. Tirabassi (a cura di), *Itinera. Paradigmi delle migrazioni italiane*, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 2005. Sulle testimonianze degli emigranti cfr. E. Franzina, *Merica! Merica. Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina (1876-1902)*, Milano, Feltrinelli, 1979 (Verona, Cierre Edizioni, 1994<sup>2</sup>); A. Gibelli; F. Caffarena, *Le lettere degli emigranti*, in P. Bevilacqua; A. De Clementi; E. Franzina (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana – Partenze*, Roma, Donzelli, 2001 e il lavoro di F. Croci; G. Bonfiglio, *El baúl de la memoria. Testimonios escritos de inmigrantes italianos en el Perú*, Lima, Fondo Editorial del Congreso de la Republica del Perú, 2002, che utilizza testimonianze provenienti da archivi familiari ritrovati in Perù. In particolare, sulle lettere di chiamata, che rappresentano una tipologia di testi ancora poco studiata, cfr. l'articolato studio di F. Croci, *La porta per le Americhe. Migrazioni italiane a São Paulo: lettere di chiamata e ricongiungimenti familiari*, Università di Genova, Tesi di dottorato XVIII ciclo in Scienze Storico Filosofiche (indirizzo Storia contemporanea) discussa nell'aprile 2007.

15. Per quanto riguarda il vissuto bellico dei combattenti durante la Grande Guerra, oltre al classico studio di A. Gibelli, *L'officina della guerra. La Grande Guerra e le trasformazioni del mondo mentale*, Torino, Bollati-Boringhieri 2007<sup>3</sup> (con una nuova ed ampia postfazione che riassume

in efficaci strumenti comunicativi. È ipotizzabile infatti che questi eventi portino in superficie usi sotterranei della scrittura talvolta già attivati come supporto della memoria, senza una funzione comunicativa, come ad esempio la piccola contabilità domestica. Ma quando dall'annotazione contabile si passa al racconto esperienziale, scrivere significa riaffermare la soggettività, lasciando tracce autografe del proprio passaggio.

Ogni documento ed ogni racconto diventano strumenti utili per sondare la dimensione psicologica e sociale degli individui, rendendo possibile la ricostruzione di una storia dei comportamenti e delle relazioni.<sup>16</sup> Una storia che prende forma anche attraverso le contaminazioni linguistiche che si possono ritrovare nelle missive degli emigranti, come segno di commistione culturale fra due sponde dell'oceano e sintomo di progressivo radicamento nella cultura del paese di arrivo.

Le testimonianze della gente comune costituiscono un punto di osservazione *interno* agli eventi e sono in grado di fornire all'osservatore scorci di storia e di storie non trascurabili. È così possibile cogliere le ricadute della Grande storia sulla quotidianità soggettiva di uomini, donne e bambini, evidenziando le complesse connessioni che le esperienze personali stabiliscono con il piano generale della storia. Ogni testo è evidentemente una risposta soggettiva agli eventi in corso, ma quando tante storie di vita possono essere messe in relazione, confrontate secondo un'accurata griglia metodologico-interpretativa, si riesce a delineare traiettorie piuttosto definite, seppur nel loro moto irregolare: per l'emigrazione si dovrà ad esempio sfumare l'esclusiva dinamica pauperistica legata a fattori espulsivi (dalla terra di origine) ed attrattivi (dei paesi di adozione), introducendo svariate motivazioni personali, familiari e comunitarie alla base della mobilità di tanti individui. E sarà possibile scomporre gli eserciti in soldati, in *individui collettivi* (i piccoli gruppi di combattenti che configurano un surrogato di famiglia), fino agli *individui singoli*, sondandone le intime paure, i contrasti latenti o laceranti tra consenso e rifiuto. "Se pure non offrono una testimonianza fedele degli eventi, – ha rilevato a questo proposito Stefano Catucci – le lettere, i diari e le memorie autobiografiche della Grande Guerra sono comunque la traccia più significativa dell'«atto configurante» con il quale i soldati semplici e gli ufficiali, i contadini, i borghesi e gli intellettuali hanno cercato, a diversi livelli e su vasta scala, di dar forma all'esperienza di se stessi nel nuovo mondo in cui si trovavano scaraventati".<sup>17</sup>

Occorre sottolineare come le tante memorie soggettive non sempre coincidano con la memoria collettiva, tantomeno con la fattualità storica: ma è proprio in questa frattura fra storia e memoria, intesa come rielaborazione singola del vissuto, che si possono trovare risposte utili per capire i processi di adattamento e di *resistenza* agli eventi. Una frattura che si produce lungo il confine mutevole che scorre fra accadimenti e ricordo, creando storia: insomma, le rappresentazioni della realtà fornite dalle fonti soggettive sono altrettanto importanti della ricostruzione oggettiva degli eventi e, come sostiene Krzysztof Pomian, "senza la consapevolezza dell'esistenza di un confine tra il regno della realtà e quello in cui è la finzione a esercitare un pieno potere non è possibile avere alcuna storia".<sup>18</sup>

il percorso storiografico degli ultimi venti anni), segnalo il mio studio, *Lettere dalla Grande Guerra: il caso italiano. Scritture del quotidiano, monumenti della memoria, fonti per la storia*, Milano, Unicopli, 2005, che rinvia ad un cospicuo apparato bibliografico e di fonti.

16. Cfr. P. Jedlowski, *Storie comuni. La narrazione nella vita quotidiana*, Milano, Mondadori, 2000 e P. Sorcinelli, *Il quotidiano e i sentimenti. Viaggio nella storia sociale*, Milano, Mondadori, 2002, in cui l'autore, intersecando proficuamente prospettive sociologiche e storiche, ha ripercorso le tracce di storia che restano nella quotidianità fornendo una rassegna delle possibili fonti in cui si trovano depositate tante minime, ma utilissime, storie di vita. Cfr. anche D. Calanca, *Legami. Relazioni familiari nel Novecento*, Bologna, Bononia University Press, 2005.

17. Cfr. S. Catucci, *Per una filosofia povera. La Grande Guerra, l'esperienza, il senso: a partire da Lukács*, Torino, Bollati Boringhieri, 2003, p.217.

18. K. Pomian, *cit.*, p.7.

La memoria scompone e ricompone continuamente il ricordo, lo rimodella in base alle sollecitazioni indotte dal succedersi delle esperienze e talvolta da convenienze più o meno volontarie: in questo senso, ciò che un testimone e una testimonianza tacciono è altrettanto importante di ciò che rivelano. Le innumerevoli *rappresentazioni mentali* e le sfasature della memoria, intese come percezioni della [propria] storia, acquistano sempre maggior rilievo quanto più vengono miniaturizzate, declinate al soggettivo. Indubbiamente lavorare con le fonti individuali implica attingere a strumenti cognitivi non sempre posseduti dallo storico, a categorie socio-antropologiche che conducono ad un proficuo percorso interdisciplinare.

## Testi e con-testi

Antonio Gramsci il 16 novembre 1931 scrive dal carcere una lettera alla sorella Teresina particolarmente efficace per accedere al *paesaggio mentale* popolare ed ai suoi *abitanti*:

[...] molti tipi di villaggio [...] per fare sfoggio di cultura, raccattavano dai romanzi popolari delle grandi frasi e poi le facevano entrare a dritta e a traversa nella conversazione per far stupire i contadini. Allo stesso modo le beghine ripetono il latino delle preghiere contenute nella Filotea: ti ricordi che zia Grazia credeva fosse esistita una «donna Bisodia» molto pia, tanto che il suo nome veniva sempre ripetuto nel Pater noster? Era il «dona nobis hodie» che lei, come molte altre, leggeva «donna Bisodia» e impersonava in una donna del tempo passato, quando tutti andavano in Chiesa e c'era ancora un po' di religione in questo mondo. – Si potrebbe scrivere una novella su questa «donna Bisodia» immaginaria che era portata a modello: quante volte zia Grazia avrà detto a Grazietta, a Emma e anche a te forse: «Ah, tu non sei certo come donna Bisodia!» quando non volevate andare a confessarvi per l'obbligo pasquale. Adesso tu potrai raccontare ai tuoi bambini questa storia [...]<sup>19</sup>

In una prospettiva liminare fra antropologia e storia, ciò che interessa non è l'esistenza storicizzabile di «donna Bisodia», ma la sua effettiva presenza nell'immaginario collettivo, che poi si traduce in una presenza quanto mai reale e storicamente rilevabile del vissuto: come l'arrivo di Lenin nelle piazze di alcuni sperduti paesini italiani (quasi sempre riconducibile all'effettiva presenza di militanti comunisti o sindacalisti locali). Esempi, aneddoti, che si potrebbero moltiplicare, mettendo in rilievo la necessità di una continua e puntuale contestualizzazione storica, di incrociare le fonti, per ridimensionare e in qualche caso confutare la «fantasia mitologizzante».<sup>20</sup> Ciò non implica tuttavia

19. Sulla diffusione nell'immaginario popolare di «donna Bisodia» – come santa o donna malvagia – cfr. E. Sanguineti, *Giornalino 1973-1975*, Torino, Einaudi, 1976, pp. 185-187.

20. F. Ferrarotti, *cit.*, p.184.



l'attribuzione di una patente di maggior attendibilità di una fonte rispetto ad un'altra. La dialettica e la non sovrapposibilità tra le varie tracce del passato non fa altro che evidenziare allo storico la faglia instabile tra storia e memoria. Una precarietà che a ben vedere è anche virtuosa.

## ...uno sguardo invadente?

L'inserimento delle fonti popolari nella panoplia di strumenti che armano lo storico contemporaneo non è stato affatto – e non è tuttora – indolore: per alcuni si tratta di uno sguardo storiografico che tenderebbe a prevaricare le consolidate metodologie di ricerca, provocando un “eccesso di memoria”.<sup>21</sup> “a forza di parlare di sé, – sostiene Alberto Cavaglioni – la memoria è degenerata nel culto della memoria, che è altra cosa; oppure facendo leva sui ritardi della storiografia, ha cercato di sostituirsi alla storia, anche qui facendo un cattivo uso di se stessa e generando non pochi malintesi [...] la storia, o sarebbe meglio dire la ricerca storiografica, in odio alla storiografia politico-diplomatica della generazione precedente, ha coltivato in maniera altrettanto sproporzionata, ed eccessiva, il sogno di un'inverosimile “ego-storia”, insomma di una storia in cui la soggettività – strumento classico della memoria – ha finito con il prevalere sulla ricerca stessa e sul dominio delle fonti archivistiche e scritte”.<sup>22</sup>

Annette Becker e Stéphane Audoin-Rouzeau, riferendosi alle testimonianze dei combattenti francesi della Grande Guerra, sostengono similmente che “le cose si sono nondimeno complicate in conseguenza del fatto che i veterani non si sono limitati a rivendicare il proprio statuto – certo incontestabile – di testimoni dell'esperienza di guerra, ma hanno voluto assumere anche quello di storici, e di storici determinati ad assicurarsi l'esclusività del discorso su quel vissuto”.<sup>23</sup>

Queste considerazioni, che evocano “una certa forma di dittatura”<sup>24</sup> delle testimonianze dirette, possono essere estese a tutti i campi di applicazione della storia vista dal *fondo*, inteso questa volta come punto più basso. L'utilizzo delle fonti popolari non si è trasformato ancora in un orizzonte storiografico condiviso in quanto far interagire biografie minime di persone comuni e quadri d'insieme è tutt'altro che una sfida agevole. La storia contemporanea tuttavia non può rinunciare ad occuparsi della soggettività, del suo *fondo* e delle sue *fonti*.

Addentrarsi nella “ego-storia”, con le dovute cautele, non significa affatto sprofondare in una sorta di *voyeurismo* del passato e delle sue storie. Significa invece acquisire indizi più definiti per comprendere la storia *caotica* della modernità, sfruttare gli “atti configuranti” dei singoli per ricomporre il quadro assolutamente disarticolato degli eventi e della loro memoria.

21. In generale, su questo aspetto, cfr. C. Maier, *Un eccesso di memoria? Riflessioni sulla storia, la malinconia e la negazione*, in «Parole chiave», 9 (1995). Cfr. anche A. Tarpino, *Memoria e crisi della società del ricordo*, in «Memoria e Ricerca», 10 (2002).

22. Cfr. A. Cavaglioni, *Sui vuoti di memoria*, in Q. Antonelli, A. Iuso (a cura di), *Vite di carta... cit.*, pp. 218-222.

23. Cfr. S. Audoin-Rouzeau; A. Becker, *La violenza, la crociata, il lutto. La Grande Guerra e la storia del Novecento*, Torino, Einaudi, 2002, p. 29.

24. Cfr. S. Audoin-Rouzeau; – A. Becker, *cit.*, p. 30.

## Bibliografia

- Q. Antonelli, A. Iuso (a cura di), *Vite di carta*, Napoli, L'ancora del Mediterraneo, 2000.
- S. Audoin-Rouzeau; A. Becker, *La violenza, la crociata, il lutto. La Grande Guerra e la storia del Novecento*, Torino, Einaudi, 2002.
- C. Bermani (a cura di), *Introduzione alla storia orale. Esperienze di ricerca*, Roma, Odradek, 2001. Vol. II
- F. Caffarena, *Lettere dalla Grande Guerra: il caso italiano. Scritture del quotidiano, monumenti della memoria, fonti per la storia*, Milano, Unicopli, 2005.
- D. Calanca, *Legami. Relazioni familiari nel Novecento*, Bologna, Bononia University Press, 2005.
- P. Carucci, *Le fonti archivistiche: ordinamento e conservazione*, Roma, N.I.S., 1993, p.201.
- S. Catucci, *Per una filosofia povera. La Grande Guerra, l'esperienza, il senso: a partire da Lukács*, Torino, Bollati Borin-ghieri, 2003.
- G. Contini; A. Martini, *Verba manent. L'uso delle fonti orali per la storia contemporanea*, Roma, N.I.S., 1993.
- P. Conti; G. Franchini; A. Gibelli (a cura di), *Storie di gente comune*, Acqui Terme, Editrice Impressioni Grafiche, 2002.
- F. Croci;- G. Bonfiglio, *El baúl de la memoria. Testimonios escritos de inmigrantes italianos en el Perú*, Lima, Fondo Editorial del Congreso de la Republica del Perú, 2002.
- F. Croci, *La porta per le Americhe. Migrazioni italiane a São Paulo: lettere di chiamata e ricongiungimenti familiari*, Università di Genova, Tesi di dottorato XVIII ciclo in Scienze Storico Filosofiche (indirizzo Storia contemporanea) discussa nell'aprile 2007.
- G. De Luna, *La passione e la ragione. Fonti e metodi dello storico contemporaneo*, Milano, La Nuova Italia, 2001.
- F. Ferrarotti, *La storia e il quotidiano*, Roma-Bari, Laterza, 1986.
- E. Franzina, *Merica! Merica. Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina (1876-1902)*, Milano, Feltrinelli, 1979 (Verona, Cierre Edizioni, 1994<sup>2</sup>).
- A. Gibelli; F. Caffarena, *Le lettere degli emigranti*, in P. Bevilacqua; A. De Clementi; E. Franzina (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana. Partenze*, Roma, Donzelli, 2001.
- A. Gibelli, *L'officina della guerra. La Grande Guerra e le trasformazioni del mondo mentale*, Torino, Bollati-Borin-ghieri, 2007<sup>3</sup>.
- A. Gibelli, *Soggettività e storia del Novecento*, in «Ventesimo secolo», 4 (1992).
- A. Ja. Gurevic, *Contadini e santi. Problemi della cultura popolare nel Medioevo*, Torino, Einaudi, 2000.
- P. Jedlowski, *Storie comuni. La narrazione nella vita quotidiana*, Milano, Mondadori, 2000.
- P. Levi, *Se questo è un uomo. La tregua*, Torino, Einaudi, 2003.
- C. Maier, *Un eccesso di memoria? Riflessioni sulla storia, la malinconia e la negazione*, in «Parole chiave», 9 (1995).
- K. Pomian, *Che cos'è la storia*, Milano, Mondadori, 2001.
- E. Sanguineti, *Giornalino 1973-1975*, Torino, Einaudi, 1976, pp. 185-187.
- P. Sorcinelli, *Il quotidiano e i sentimenti. Viaggio nella storia sociale*, Milano, Mondadori, 2002.
- A. Tarpino, *Memoria e crisi della società del ricordo*, in «Memoria e Ricerca», 10 (2002).
- M. Tirabassi (a cura di), *Itinera. Paradigmi delle migrazioni italiane*, Torino, Fondazione Giovanni Agnelli, 2005.
- S. Vitali, *Passato digitale. Le fonti dello storico nell'era del computer*, Milano, Mondadori, 2004.
- M. Vovelle, *La nuova storia*, Milano, Mondadori, 1980.
- I. Zanni Rosiello, *Archivi e memoria storica*, Bologna, Il Mulino, 1987.





# SCUOLA, EMIGRAZIONE ED ALFABETIZZAZIONE: IL CASO DI COMUNEGLIA IN ALTA VAL DI VARA

DAVIDE MONTINO

**ABSTRACT** L'articolo ricostruisce, per sommi capi, la vicenda della scuola rurale di Comuneglia, nell'Appennino ligure. In particolare, mostra come l'emigrazione non abbia inciso solo sulla crescita di un diffuso bisogno di scrittura, ma anche sui processi di scolarizzazione. Tra Ottocento e Novecento, infatti, la scuola venne individuata, nelle comunità a forte vocazione migratoria, come un elemento decisivo per fornire gli strumenti necessari per affrontare il viaggio e la ricerca di un lavoro. Da questo punto di vista, pratiche simili erano già diffuse fin dal XVIII secolo, specialmente nelle aree montane, soggette all'emigrazione stagionale transfrontaliera. Il caso della scuola di Comuneglia, quindi, sembra inserirsi in questo contesto, evidenziando, tra l'altro, la figura di un educatore innovativo come Don Vincenzo Giannone.

**PAROLE CHIAVE** scuola; educazione; emigrazione; scrittura; alfabetizzazione.



**RESUMO** *O artigo reconstitui, em grandes linhas, a história da escola rural de Comuneglia, no Apenino da região Ligúria. Em particular, mostra que a emigração não somente influenciou sobre o crescimento de uma necessidade difundida de aprendizagem da escritura, mas também sobre os processos de escolarização. Entre os séculos XIX e XX, com efeito, a escola foi apontada, nas comunidades com forte vocação migratória, como um elemento decisivo para fornecer os instrumentos necessários para enfrentar-se a viagem e a busca de trabalho. Desse ponto de vista, iniciativas semelhantes existiam desde final do século XVIII, especialmente nas regiões montanhosas, atingidas pela emigração sazonal fronteiriça. O caso de Comuneglia, portanto, parece inserir-se nesse contexto, destacando-se, entre outros fatores, a figura de um educador inovador como o Padre Vincenzo Giannone.*

**PALAVRAS-CHAVE** *escola; educação; emigração; escritura; alfabetização.*

**ABSTRACT** *The article reconstructs, for sums heads, the vicissitude of the rural school of Comuneglia, situated in Liguria Appennino. In particular, extension as the emigration has not only affected the increase of a diffused need of writing, but also on the school mass processes. Between the 1800's and the 1900's, in fact, the school came characterized, in the communities strongly migratory vocation, like a decisive element in order to supply the instruments necessary in order to face the travel and to the search of a job. From this point of view, practical similar they were already diffuse since XVIII the century, especially in the rural areas. The case of the school of Comuneglia, therefore, seems to become part in this context, evidencing, among other things, the figure of an innovative pedagogist like Don Vincenzo Giannone.*

**KEYWORDS** *school; education; emigration; writing; literacy*

## Scritture d'emigrazione

# N

ell'ambito degli studi sui processi migratori sono emerse ingenti quantità di testimonianze scritte – lettere, diari, memorie – composte per lo più da persone comuni, appartenenti alle classi subalterne, ma non solo: contadini, operai, ma anche piccoli commercianti e artigiani, nonché imprenditori hanno così lasciato una mole considerevole di scritture,<sup>1</sup> oggi a disposizione di studiosi e ricercatori che le possono interrogare in diversi archivi.<sup>2</sup> Le scritture d'emigrazione testimoniano, molto spesso, di un linguaggio nuovo, che si crea dall'interazione tra la lingua madre, spesso il dialetto, la lingua del paese d'origine, e quella del paese d'arrivo. Anche quando i contenuti delle scritture mostrano un eloquente legame con la terra di provenienza, fino a rasentare un sentito patriottismo, spesso la lingua in cui sono vergate lascia trasparire ben maggiori scambi e sincretismi linguistici. Si legga, per esempio, quanto scrive Alisia, tra il 1936 e il 1938, da Iquique al fratello Mario, per raccontargli alcune scene di vita cilena:

Carissimo Mario, Non ti puoi immaginare con quanto piacere leggo le lettere che scrivi a Lina specialmente saperti che ti ricordi con affetto e conservi ricordo di me, e di noi tutti, puoi stare sicuro che sei di onore e con affetto contraccambiato. hai ragione in lagnarti del mio silenzio ma certo tu sei tanto buono che saprai perdonarmi questo mio silenzio che imparte è dovuto che trovarmi in collegio e non avendo da chi farmi correggere in cierta confidecia.

Ritardo in scriverti perché o quasi vergogna sollecitare l'aiuto delle Suore che parecchie sono Italiane.

Vorrei contattarti tante cose ma inverità la capacita mi manca e non so come cominciare per nararti tutto quello che vorrei dirti. Siamo nella settimana primaverile cioè la festa

1. Sulle lettere di emigrazione si veda A. Gibelli e F. Caffarena, *Le lettere degli emigranti*, in P. Bevilacqua, A. De Clementi, E. Franzina (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana - Partenze*, Roma, Donzelli, 2001.

2. I maggiori centri italiani di raccolta, catalogazione e studio di "scritture popolari", nei quali è possibile reperire anche scritture di emigrazione, sono L'Archivio Ligure della Scrittura Popolare dell'Università di Genova ([www.dismec.unige.it/webalisp/alsp.htm](http://www.dismec.unige.it/webalisp/alsp.htm)), L'Archivio della Scrittura Popolare di Trento ([www.museostorico.tn.it](http://www.museostorico.tn.it)) e la Fondazione Archivio Diaristico Nazionale di Pieve S. Stefano ([www.archiviodiari.it](http://www.archiviodiari.it)).

del studente avevo voglia di andare a casa a Papà di questo mio desiderio malgrado sapevo che le suore sono un poco contrario dato che siamo vicino all'esame, papà che è tanto buono si interessa del mio desiderio e sabato verso le sei mi manda a prendere con una impiegata, casiera, ero veramente contenta, pure era contento il papà avermi vicino. Rientrai domenica verso le 19, dopo aver visto il corso dei fiori ove presero parte i studenti, è stato discreto e mi sono divertita insieme a papà i Lina e tutti di casa.

Sono stata pure in casa el 4 novembre dato che in colonia si festeggia con vera entusiasmo. Il programma è stato bellissimo, messa en colegio dei padri salesiani in memoria dei caduti, alle 12. grande ricevimento in el circolo Italiano che è un locale veramente magnifico Papà andò perché essendo presidente del comitato coloniale aveva l'incarico di ricevere le autorità, e invitanti io Lina e Angelo siamo andati al l'ora precisa 12. vi sono stati magnifici discorsi.

Davano anche galletine champaña l'acto era magnifico imponente non vi erano meno di 500 persona, due grandi sale erano cuasi piccole per tanta gente, alle due si tornò a casa si pranzò e mi feci una scorpacciata di parsoti che erano squisito e da tanto tempo non li mangiavo.

Alle 19 tornai contenta in colegio.

Una novità quale primizia desidero cioè papà per prima volta lo visto con la camicia nera credi che se la mette stava così bene, sembrava più giovane quanto è buono non noi eppure non lo dimostra à veramente un cuore d'oro non tralascia una domenica senza venirmi a vedere mi porta cioccolatini gallettine e frutta senza lasciarmi di mancare uova e marmelata [...]³

È appena il caso di notare gli evidenti spagnolismi, non solo nell'ortografia, ma anche nel tentativo di rendere certi fonemi propri del castigliano. Ma quello che più colpisce è proprio la discrepanza tra un sentimento che si rivela spontaneo e sentito, quale la propria italianità, ed una lingua che è largamente debitrice del nuovo contesto in cui vive la bambina. Tanto più evidente, quanto più si pensi che Alisia era nata in Italia e aveva raggiunto solo in seguito la famiglia.

Nel quadro della storia della lingua, dunque, le scritture di emigrazione rappresentano un tassello importante, dal momento che restituiscono non solo dinamiche di alfabetizzazione, ma anche soluzioni linguistiche che si sono manifestate accanto alla formulazione delle lingue nazionali, così come è avvenuta nel corso del tempo. Sono un flusso di parole scritte che ha contribuito alla diffusione della lingua, o meglio che ha permesso una sorta di "traduzione" tra contesti espressivi differenti, dando vita molto spesso a forme linguistiche ibride, che lette oggi attestano tutta la forza e la profondità degli intrecci culturali che si sono determinati a seguito dei recessi migratori. Se è vero che anche attraverso l'insegnamento della lingua italiana sono passati i processi di

3. Archivio Ligure della Scrittura Popolare – Genova (ALSP), *Fondo emigrazione*, Epistolario Boero.



nazionalizzazione messi in atto dallo Stato unitario tra Ottocento e Novecento, è altrettanto vero che in contesto migratorio quella stessa lingua si presta ad utilizzi più creativi, divenendo il modo espressivo della comunità migrante che la scrive.

Se l'emigrazione è stata indubbiamente un fattore di sviluppo della scrittura, allo stesso tempo sembra che abbia inciso, almeno per alcune aree italiane, anche sui processi di scolarizzazione, determinando – insieme al bisogno di scrittura – anche un bisogno di scuola sempre più impellente nel corso del XIX e del XX secolo.

## Emigrazione ed alfabetizzazione

Come è stato notato, emigrare significava aver bisogno di comunicare con i familiari, tentare di ricomporre le fratture sociali ed esistenziali sottese all'abbandono della propria comunità, ma anche una necessità maggiore di saper leggere, per districarsi più agevolmente nel mercato del lavoro in paesi stranieri. In questo senso, nelle aree di emigrazione transfrontaliera, come ha mostrato Marina Roggero soprattutto per l'area alpina piemontese, si sono sedimentate pratiche di alfabetizzazione fin dall'età moderna, le quali hanno inciso sui livelli più bassi di analfabetismo registrati in quelle zone fin dai primi censimenti unitari.<sup>4</sup> Anche per la zona dell'Appennino ligure, Marco Porcella ha documentato, fin dai primi anni del XIX secolo, accanto a flussi migratori consistenti verso le Americhe, un bisogno sempre più crescente di alfabeto, l'unico strumento per mantenere rapporti con chi restava, ma anche per guidare spostamenti e strategie economiche e commerciali.<sup>5</sup> Se passiamo da zone relativamente circoscritte alla realtà nazionale, non mancano gli stessi documenti coevi a testimoniare la stretta relazione tra emigrazione ed alfabetizzazione. Ad esempio, il relatore per gli Abruzzi e il Molise dell'inchiesta Faina (pubblicata tra il 1909 e il 1911) sulle condizioni dei contadini meridionali, Cesare Jarach, così riassumeva la sua indagine:

Dall'America vengono gli incitamenti alle mogli a mandare i figliuoli a scuola; anch'essi potranno un giorno emigrare, e l'intimità dei segreti familiari sarà conservata e gli inganni dei ciurmatori saranno più facilmente evitati se essi sapranno agire da sé.<sup>6</sup>

Gli faceva eco Francesco Nitti, relatore per la Basilicata e le Calabrie, che si soffermava più dettagliatamente sulle cause dell'aumentato bisogno di scuole:

Tutte le deposizioni orali e scritte concordano in questo: che è l'emigrazione la causa principale dell'aumentata frequenza delle scuole. [...] Anzitutto il contadino

4. M. Roggero, *L'alfabeto conquistato. Apprendere ed insegnare nell'Italia tra Sette ed Ottocento*, Il Mulino, Bologna, 2000.

5. M. Porcella, *Da girovaghi a emigranti. Lettere da Filadelfia*, in P. Conti, G. Franchini, A. Gibelli (a cura di), *Storie di gente comune nell'Archivio Ligure della Scrittura Popolare*, EIG, Acqui Terme, 2002.

6. Inchiesta Faina, Relazione Jarach, p. 216, citato in E. De Fort, *Scuola e analfabetismo nell'Italia del '900*, il Mulino, Bologna, 1995.

emigrato in lontani paesi, assai più civili del suo, impara per propria esperienza ad apprezzare l'utilità dell'istruzione, del saper leggere e scrivere. Vede quanto meglio vengono pagati gli operai non analfabeti e quanto meno siano soggetti ad imbrogli, soprusi e truffe. Poi, per corrispondere con la sua famiglia, e per aver da essa notizie, sa quali inconvenienti procuri dover ricorrere ad estranei ai quali deve comunicare i fatti propri, e si affretta perciò ad ordinare alla sua donna che mandi i ragazzi a scuola a qualunque costo.<sup>7</sup>

In quest'ultima citazione è significativo anche il richiamo alla scuola. Se da un lato c'è un bisogno sociale diffuso di alfabetizzazione, dall'altro comincia a delinearsi l'esigenza anche di agenzie formali – ossia la scuola – in cui apprendere e fare pratica della scrittura. Da questo punto di vista non pare azzardata l'ipotesi che anche i processi migratori, in età contemporanea, abbiano influito sulle crescenti dinamiche di scolarizzazione, ed anzi ne siano stati in qualche modo i vettori soprattutto in aree periferiche, economicamente e culturalmente arretrate, come in larga misura era il Sud Italia tra Ottocento e Novecento. Allo stesso modo, nelle zone rurali del Nord, specialmente laddove l'agricoltura non era ancora stata interessata dalla modernizzazione delle pratiche e degli strumenti di coltivazione, e permanevano dunque bassi livelli di resa a fronte di uno sforzo produttivo notevole. Si pensi per esempio alle Langhe piemontesi, a vaste zone del Veneto, o all'aspro Appennino ligure. Non è raro, infatti, che proprio in tali zone si scoprano scuole fondate, fin dal Settecento, da membri della comunità emigrati, che rimettendo un po' delle loro risorse si sono interessati, accanto alla chiesa locale, di attrezzare proprio un luogo di apprendimento. Segno che il nesso tra istruzione ed emigrazione, almeno nella consapevolezza di chi aveva fatto quell'esperienza, era forte e poteva orientare ed agevolare le scelte di chi in futuro avesse voluto tentare la sorte emigrando.

Un caso paradigmatico di questo rapporto è, dunque, la scuola rurale di Comuneglia, situata proprio sull'Appennino ligure.

## La scuola di Comuneglia

Un luogo dove antiche pratiche e nuovi modelli di mobilità geografica si incontrarono e diedero forma ad un diffuso bisogno di istruzione, come abbiamo detto, fu la montagna dell'Appennino ligure, dove, a partire almeno dagli anni Quaranta dell'Ottocento, si verificò un profondo processo di trasformazione della comunità contadina, che prese le forme dell'inurbamento e dell'industrializzazione, soprattutto intorno al polo urbano di Genova, e di una emigrazione

7. Inchiesta Faina, Realzione Nitti, p. 709, citato in E.De Fort, *Scuola e analfabetismo*, op.cit.

transoceanica che toccò moltissimi dei componenti della comunità. Su queste montagne sorge il piccolo borgo di Comuneglia, nel comune di Varese Ligure, situato nell'Alta Val di Vara. I suoi abitanti, abituati già da secoli ad emigrare soprattutto in Francia, aggiunsero, dalla metà dell'Ottocento, alle loro solite mete i paesi dell'Europa centrale, come la Prussia, spingendosi poi verso Nord-est in Russia e verso Sud-est in Turchia, ma in particolar modo si diressero verso l'America, specie quella del Nord. Costretti a prendere la via dell'Oceano dalle difficili condizioni economiche – la montagna appenninica è aspra e spesso avara di frutti – ma anche in base a precise strategie di mobilità,<sup>8</sup> gli abitanti di Comuneglia trovarono in Don Vincenzo Giannone<sup>9</sup> (1827-1915) e nella sua scuola un valido aiuto, consistente nell'istruzione che lui aveva impartito a tanti piccoli scolari (e non solo) poi divenuti emigranti.

La figura di Don Giannone è una figura atipica. Uomo colto, amante della lettura e della scrittura, ispirato ad un moderno cristianesimo pedagogico di tipo spiritualista, che aveva i suoi referenti culturali in Tommaseo, Rosmini, Gioberti, egli vedeva l'istruzione come formazione morale dell'individuo, e pertanto aveva dedicato la vita all'insegnamento, in particolare nelle piccole comunità rurali. Anzi, dava molta più importanza al suo ruolo di maestro che a quello di sacerdote, tenendo in particolar modo a differenziare la sua scuola da quelle “scuole di campanile” troppo legate all'insegnamento scolastico tradizionale. A Don Giannone importava che i suoi alunni “imparassero comprendendo”, in un rapporto costante con il mondo circostante e con il lavoro, specie quello agricolo. Sotto questo punto di vista, il parroco di Comuneglia appare un pedagogista moderno rispetto ai suoi tempi, attento alle esigenze dei fanciulli, volutamente distante da un modello educativo troppo legato alle pratiche religiose, ma non tanto per salvaguardare uno spazio pedagogico non confessionale – che lo avrebbe posto al di fuori del contesto in cui invece viveva ed operava – quanto per poter sperimentare forme nuove di istruzione, in grado di formare uomini sì rispettosi della chiesa e dei suoi insegnamenti, ma anche capaci di cavarsela da soli, potendo contare su quello che sapevano ed avevano imparato.

Se l'opera del maestro era compiuta con estrema attenzione e dovizia, da sola non basta però a spiegare l'accoglienza e il riscontro trovato presso la comunità. Non bisogna dimenticare, infatti, che la scuola era perlopiù vista come un orpello accessorio, e leggere e scrivere e far di conto non erano che le minime capacità strumentali che nemmeno tutti possedevano, e sentivano il bisogno di possedere. Quello che contraddistinse l'esperienza di Don Giannone è che questo suo esemplare impegno si innestò su una diffusa domanda di istruzione, che andava aumentando mano a mano che si intensificava il processo migratorio, e che gli emigranti si rendevano conto dell'importanza che aveva il saper padroneggiare l'alfabeto, per scrivere ma anche per leggere le lettere che ricevevano o i giornali, e per sentirsi ancora parte della comunità d'origine. Senso di appartenenza abbondantemente testimoniata dalle tante sottoscrizioni che facevano per donare alla chiesa un altare, una statua o una riparazione essenziale. Ed è proprio questo intreccio ad apparire significativo e a far emergere il bisogno di scrittura come un potente fattore di sviluppo

8. Cfr. A. Gibelli, *La risorsa America*, in P. Rugafiore, A. Gibelli (a cura di), *Storia d'Italia, Le regioni, dall'unità a oggi*. La Liguria, Torino, Einaudi, 1994.

9. Su Don Vincenzo Giannone cfr. M. Podestà, *L'esperienza dell'emigrazione attraverso l'Epistolario di Don Giannone*, Tesi di Laurea, Facoltà di Lettere e Filosofia, A.A.1995/96.

della scolarizzazione, almeno nella prospettiva locale che qui si presenta. Senza il determinarsi di cospicui flussi migratori, infatti, sembra ben più difficile immaginare una così forte richiesta di alfabeto e di scuola. Tant'è che nelle stesse intenzioni delle autorità locali, le quali avevano fin dall'inizio sostenuto il progetto di una scuola, l'insegnamento del maestro era particolarmente da apprezzare per l'amore che infondeva per "l'arte del contadino", in modo da porre rimedio "a due grandi piaghe che affliggono la nostra cara patria: dell'emigrazione e della smania di affluire ai grandi centri per trovar lavoro".<sup>10</sup> Insomma, le intenzioni che avevano sorretto la fondazione della scuola andavano proprio nella direzione opposta alla funzione che aveva assunto col tempo. Pensata per legare, mediante una precisa istruzione agricola, gli abitanti di Comuneglia al loro paese, in realtà la scuola era spesso il primo passo in direzione delle Americhe: era il luogo in cui si affinavano gli strumenti comunicativi che si sarebbero rivelati utili e fondamentali una volta partiti per l'Oceano.

La scuola di Don Giannone visse dal 1852 al 1905, interessando un numero di scolari che variava, da anno ad anno, tra i 70 e i 90 alunni, quasi la totalità dei bambini in età scolare. Fino al 1883 fu attiva anche la scuola serale e festiva, per gli adulti, le donne e quei bambini che per diversi motivi – spesso l'impiego in lavori domestici o agricoli – non potevano frequentare con assiduità.

Dato il cospicuo numero di alunni, ed anche il poco spazio a disposizione per le aule, il metodo adottato in queste scuole era quello del "mutuo appoggio", conosciuto anche come metodo "lancasteriano", che prevedeva l'utilizzo dei migliori alunni in supporto al maestro, i quali ricevevano anche una piccola paga. Inoltre la scuola non era fissa in un luogo, ma toccava un po' tutte le frazioni della borgata, in modo da raggiungere gli allievi ovunque fossero. Una scuola, insomma, che era articolata per quante erano le frazioni, raggiungendo i suoi allievi laddove si trovavano. Anche questo un elemento non del tutto inconsueto, poiché spesso i maestri nei primi decenni unitari erano costretti ad inseguire gli scolari nelle loro case, facendo lezione nelle stalle, in cui spesso finivano per essere coinvolti anche gli adulti. Quello che appare più interessante, se mai, è che la mobilità della scuola di Don Giannone non rispondeva solo ad una necessità – raggiungere quegli studenti che non avrebbero in altro modo partecipato alla scuola –, ma era frutto di un progetto ben definito, consistente nel formulare una proposta di istruzione che oggi definiremmo "flessibile", proprio in virtù dell'alta richiesta di istruzione diffusa tra gli abitanti di Comuneglia.

Che l'esperienza di questa scuola fosse qualcosa di particolare lo testimonia il rapporto tra Don Giannone e i suoi allievi, il quale durava oltre la scuola, come documentano le lettere che molti di essi gli inviarono, conservate tra le tante missive (più di ottocento) dell'epistolario del parroco che si trovano in copia all'Archivio Ligure della Scrittura Popolare. Don Giannone teneva particolarmente a questo rapporto, sentendosi quasi un padre per i suoi ex allievi e facendo da collettore tra gli emigrati e la loro "patria", che essi identificavano con il paese di origine. Da queste lettere si vede chiaramente la capacità degli emigrati di mantenere saldi i rapporti con la comunità d'origine e tra di essi (sono sparsi tra l'Europa, la California, l'Argentina e il Perù), quasi che le

10. *Epistolario Don Giannone*, lettera del Cav. Marchini. 15 giugno 1893.

distanze fossero annullate dalle lettere attraverso cui comunicavano. Si comprende, allora, e fino in fondo, quel bisogno di istruzione che abbiamo visto manifestarsi nella comunità di Comuneglia, e tutta la valenza sociale ma anche psicologica del saper scrivere. Una volta attraversato l'Oceano, infatti, solo la parola scritta poteva far da tramite tra la propria origine e il nuovo mondo (fisico ma anche e soprattutto mentale) e creare addirittura un senso di appartenenza molto forte tra i comunegliesi sparsi nel mondo.<sup>11</sup> Esemplare a questo proposito è la richiesta di Don Giannone agli emigrati a Stockton di spedirgli per il suo cinquantenario di sacerdozio una foto di gruppo, “come han fatto quelli di Buenos Aiers, e son dietro a fare quelli di Lima, di Giacquil e spero di New York e di Dai ton”.<sup>12</sup>

Da quanto abbiamo sommariamente visto la scuola di Comuneglia si presta a mettere in evidenza alcuni aspetti: essa è il riflesso di un bisogno di scrittura che scaturisce dai processi migratori, ma anche di pratiche di istruzione popolare, ed infine di un senso di appartenenza che supera la dimensione del contatto fisico. Proprio grazie alla sua funzione di mediatore, Don Giannone tiene insieme gli ex alunni, che continuano a percepirsi come elementi di una comunità che potremmo definire virtuale, nonostante siano sparsi in tutto il mondo: la scuola diventa il luogo di una memoria che resiste al tempo e allo spazio, e la lingua scritta lo strumento di una comunicazione che tiene insieme le esperienze degli emigranti. Non solo e non più un mezzo per resistere alla destabilizzazione propria dell'emigrazione, o per gestire gli affari e i rapporti nel paese d'origine, ma elemento strutturale di un'appartenenza che resiste agli urti della modernità. Tutto ciò non sarebbe stato possibile senza la scuola di Don Giannone.

## Bibliografia

- A. Bartoli Langeli, *La scrittura dell'italiano*, Il Mulino, Bologna, 2000  
 E. De Fort, *Scuola e analfabetismo nell'Italia del '900*, Il Mulino, Bologna, 1995  
 A. Gibelli e F. Caffarena, *Le lettere degli emigranti*, in P. Bevilacqua, A. De Clementi, E. Franzina (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana - Partenze*, Roma, Donzelli, 2001  
 A. Gibelli, *La risorsa America*, in P. Rugafore, A. Gibelli (a cura di), *Storia d'Italia, Le regioni, dall'unità a oggi*. La Liguria, Torino, Einaudi, 1994  
 D. Lercari, *La "Patria" e la "Merica". Epistolari di emigranti liguri*, in P. Conti, G. Franchini, A. Gibelli (a cura di), *Storie di gente comune nell'Archivio Ligure della Scrittura Popolare*, EIG, Acqui Terme, 2002  
 M. Porcella, *Da girovaghi a emigranti. Lettere da Filadelfia*, in P. Conti, G. Franchini, A. Gibelli (a cura di), *Storie di gente comune nell'Archivio Ligure della Scrittura Popolare*, EIG, Acqui Terme, 2002  
 M. Roggero, *Apprendere ed insegnare nell'Italia tra Sette ed Ottocento*, Il Mulino, Bologna, 2000

11. Sui rapporti tra la terra natia e l'America si veda D. Lercari, *La "Patria" e la "Merica". Epistolari di emigranti liguri*, in P. Conti, G. Franchini, A. Gibelli (a cura di), *Storie di gente comune, op. cit.* In particolare sui rapporti di Don Giannone con i suoi ex allievi, in quest'ottica, pp. 63-64.

12. *Epistolario Don Giannone*, lettera a Guglielmo Ghiggeri, 10 febbraio 1901.



# IL RICHIAMO DELLE LETTERE: LINGUA, CULTURA E IDENTITÀ NELLE CORRISPONDENZE EPISTOLARI DEI MIGRANTI ITALIANI IN BRASILE

FEDERICO CROCI

**ABSTRACT** Fra il secolo XIX e XX, un milione e mezzo di italiani sono emigrati in Brasile. Si tratta di un fenomeno che ha costretto i suoi protagonisti a vivere lunghe, dolorose e, spesso, definitive separazioni dai familiari e dalle loro comunità. Un'esperienza che è cominciata con la traversata oceanica, una specie di rito di passaggio nel quale si concentra simbolicamente la condizione dell'emigrante, caratterizzata dal senso di sradicamento. In un modo più preciso, i segni tangibili di questo processo di frantumazione dell'identità e dei tentativi di ricomposizione, realizzati con difficoltà ma anche con grande ostinazione, sono le lettere che consentono di ristabilire un punto di continuità col passato e con la comunità di origine. Le navi tagliavano i mari con merci e uomini, seguite da una scia di parole e di scrittura che oggi rappresenta una testimonianza preziosa e, per certi aspetti, insostituibile per la ricostruzione di momenti della storia della lingua italiana nel suo contatto con la lingua portoghese. In questo articolo si analizza una tipologia particolare di queste lettere: le lettere di chiamata. Interferenze linguistiche e aspetti sociolinguistici della lingua scritta in questi documenti sono un prisma valido per analizzare interscambi decorrenti dal contatto fra le due culture.

**PAROLE CHIAVE** immigrazione italiana; sociolinguistica; scrittura popolare; lettere di chiamata.



**RESUMO** *Entre o século XIX e XX, um milhão e meio de italianos emigraram ao Brasil. Trata-se de um fenômeno que obrigou seus protagonistas a viver longas, dolorosas e, freqüentemente, definitivas separações de familiares e das próprias comunidades. Uma experiência que começou com a travessia oceânica, uma espécie de ritual de passagem no qual se concentra simbolicamente a condição do migrante, caracterizada pelo sentido de desarraigamento. Mais precisamente, os sinais tangíveis deste processo de fragmentação da identidade e das tentativas de recomposição, cansativamente mas obstinadamente realizadas, são as cartas que permitem restabelecer um ponto de continuidade com o passado e com a própria comunidade de origem. Os navios singravam os mares com mercadorias e homens, acompanhados por uma esteira de palavras e de escritos que, hoje, constituem um testemunho precioso e, por alguns aspectos, insubstituível para tentar reconstruir momentos da história da língua italiana no seu contato com a língua portuguesa. Nesse artigo, analisa-se uma tipologia particular dessas cartas: as cartas de chamada. Interferências lingüísticas e aspectos sociolingüísticos da língua escrita nesses documentos constituem um prisma valioso para analisar intercâmbios devidos ao contato entre as duas culturas.*

**PALAVRAS-CHAVE** *Imigração italiana, sociolingüística, escrita popular, cartas de chamada*

**ABSTRACT** *Between the 19th and 20th century, one and a half million Italians emigrated to Brazil. The move forced most to lead long, painful lives and often permanent separation from family members and their own communities. The experience began with an ocean crossing, a sort of rite of passage in which the position of migrants is symbolically represented by the concept of uprooting. More accurately, the tangible signs of this process of identity fragmentation followed by tiresome but stubborn attempts at rebuilding it are seen in the letters. They restore a connection with the past and their own community of origin. The ships sailed the seas with goods and crews, trailing a wake of words and writings that today make up an invaluable and somewhat irreplaceable source of information if one is to try and rebuild the historic encounter between the Italian and the Portuguese languages. This paper looks into a unique typology among these letters: the cartas de chamada (invitation letters). The language interferences and socio-linguistic aspects of the written language found in these documents provide a precious perspective into the identity and cultural exchanges that resulted from this contact.*

**KEYWORDS** *Italian immigration, socio-linguistics, popular writings, invitation letters*



*Jaco Spina – S'io fossi re, - disse, e sputò - s'io fossi re, nemmeno una lettera, ma no! che dico una lettera!, nemmeno un semplice saluto farei più arrivare a Fàrnia da laggiù!*

*La Gialluzza – Bravo zi' Jaco Spina; e come farebbero qua le povere mamme, le spose, senza notizie e senz'ajuto?*

*Jaco Spina – Sì! Ne mandano assai! – e sputò di nuovo – Le madri, a far le serve, e le spose vanno a male! Su certe case le corna vedo crescere fino ai sette cieli! Vorrei sapere perché il male che trovano laggiù non lo dicono nelle loro lettere. Solo il bene dicono. E ogni lettera che arriva è qua per questi ragazzacci ignoranti come la chioccia: - pío, pío, pío – se li chiama e porta via tutti quanti!*

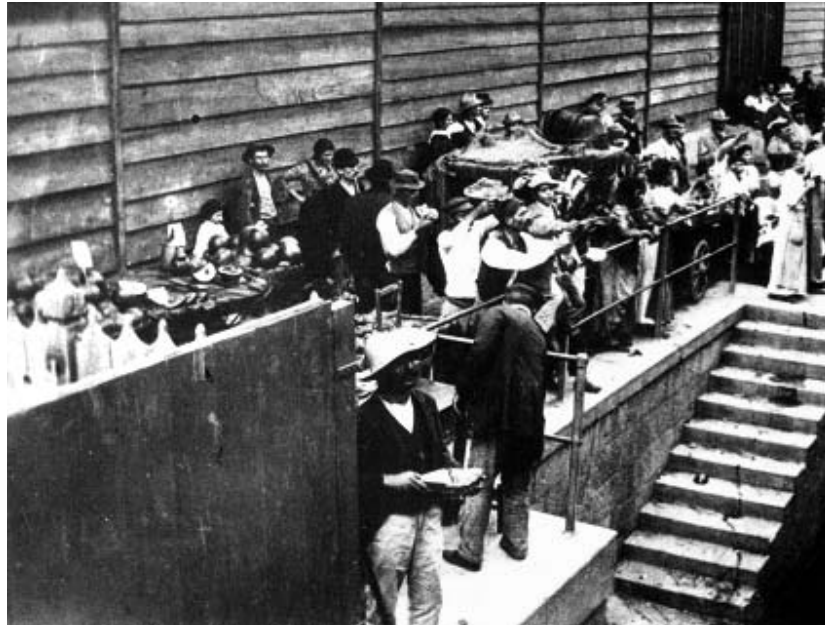
Luigi Pirandello, *L'altro figlio*, 1923

# F

ra tutti gli elementi che caratterizzano l'universo simbolico del fenomeno migratorio, la lettera è quello che racchiude in sé un potenziale evocativo e di fascinazione di portata eccezionale, per il semplice fatto di essere un documento privato e personale che, almeno virtualmente, ci trasporta all'improvviso nel bel mezzo dell'evento *emigrazione* permettendoci di osservarne alcuni aspetti o momenti, anche particolarmente intimi, dall'interno, attraverso il punto di vista dei protagonisti. Il potere di suggestione della corrispondenza privata si deve proprio a questa contaminazione fra vita intima e quotidiana – nella quale ognuno di noi può riconoscersi – e l'impronta diretta della Storia, il passaggio del tempo nella soggettività, senza rielaborazioni e adattamenti della memoria. Si tratta indubbiamente di una visione parziale, sottoposta ai molteplici condizionamenti e filtri ai quali ogni singolo autore di questi documenti è vincolato, ma che ci consente di addentrarci nell'esplorazione delle tracce che le trasformazioni sociali, culturali e identitarie indotte dal fenomeno migratorio hanno lasciato.

Ogni storia d'emigrazione inizia con una partenza, con un distacco, è *la lontananza* che produce bisogno di comunicazione e la comunicazione a distanza, in quell'epoca – ossia quella della Grande Emigrazione, che *grosso modo*, per convenzione, viene considerata quella compresa nel periodo che va dal 1876 al 1914 – e almeno fino all'invenzione e diffusione del telefono, poteva solo essere

scritta. Quando i bastimenti carichi di emigranti stavano per partire vi era l'usanza che coloro i quali s'imbarcavano tenessero in mano un filo di lana, l'altro capo del quale rimaneva in mano ai parenti che restavano sul molo e lo stringevano fra le dita fino all'ultimo momento.



Molo del porto di Genova, inizi Novecento

La fotografia faceva parte della mostra *Tante Patrie una Patria. L'identità italiana nel mondo attraverso l'emigrazione*, il cui catalogo è stato curato da Stolfi Emanuele, *Italiani nel Mondo*, Mondadori, Milano, 2003, p. 56.

Il bastimento si allontanava e i fili di lana restavano stretti fra le mani degli emigranti a bordo e dei parenti a terra, fino a quando non si rompevano: si trattava di un gesto rituale con una valenza simbolica paradigmatica. Gli emigranti, molto spesso, avrebbero passato la vita intera nel tentativo di riallacciare i capi di quei fili, quei legami familiari, identitari e comunitari che si erano spezzati alla partenza dal porto. Le lettere sono proprio la testimonianza di questo sforzo, di questo compito impossibile: la ricerca costante di ricostruire, o mantenere immutato, attraverso la scrittura, ciò che l'emigrazione aveva irrimediabilmente interrotto o modificato.

Per quanto riguarda in particolare gli aspetti linguistici del fenomeno, che sono il nodo centrale di questo nostro breve articolo, innanzi tutto occorre chiarire un punto: il binomio emigrante-

analfabeta, spesso considerato una condizione magari non assoluta, ma di certo largamente maggioritaria, andrebbe analizzato alla luce delle relazioni che si instaurano fra mobilità geografica, modernizzazione, sviluppo dell'apparato burocratico dello stato e alfabetizzazione.<sup>1</sup> Quanto e come l'emigrazione abbia influito sulla diffusione delle pratiche di scrittura fra le classi subalterne è un fatto noto e riconosciuto fin dal classico studio, del 1963, di Tullio de Mauro:

L'efficacia linguistica dell'emigrazione italiana verso l'estero è stata valutata finora andando in traccia degli italianismi lessicali diffusi in altri paesi dagli emigranti e degli esotismi lessicali introdotti dai medesimi in Italia (specialmente nella Lucchesia che sin dal 1870-80 fu una delle zone di massime punte emigratorie). Poiché gli uni e gli altri sono ben poca cosa, si può essere indotti a sottovalutare l'importanza linguistica dell'emigrazione; in realtà questa ha agito sulla situazione linguistica italiana in modo più complesso e profondo di quanto non sia possibile scorgere catalogando gli esotismi introdotti per via popolare in qualche regione italiana.<sup>2</sup>

De Mauro proseguiva nel suo argomentare illustrando gli effetti dell'emigrazione sulla diffusione dell'alfabetizzazione e, di conseguenza, di una lingua comune a discapito della cultura dialettale, legata alla tradizione orale. Con particolare riferimento alla storia della cultura scritta viene ugualmente messo in evidenza il nesso emigrazione e pratica della scrittura da Attilio Bartoli Langelì, in un suo recente lavoro, in cui non esita a definire la Grande emigrazione, insieme alla Grande Guerra, come

le due esperienze di massa [...] le quali causarono una produzione scritta di massa [...] È come se gli emigranti e i soldati abbiano attinto, subitaneamente e massicciamente, alle potenzialità di scrittura depositate nel fondo della società italiana dalla sua lunga e tortuosa storia di rapporto con l'alfabeto.<sup>3</sup>

Ed è proprio la scrittura epistolare che si consacra come il terreno per eccellenza delle pratiche scrittorie delle classi subalterne. Armando Petrucci, uno dei più autorevoli studiosi di storia della scrittura, ha dedicato il suo più recente studio proprio all'epistolografia e, riferendosi alla corrispondenza di guerra – ma si potrebbe estendere la valutazione anche a quella di emigrazione – ha affermato:

Quella che può essere a giusta ragione definita l'epistolarità bellica dei subalterni costituisce nel Novecento occidentale il «fiume carsico», cioè sotterraneo e perciò poco conosciuto o misconosciuto, dell'epistolarità contemporanea, anche per le sue diffuse e qualificanti caratteristiche, ovunque presenti, non soltanto di approssimazione (o di invenzione) linguistica, ma pure, se non soprattutto, di diversità materiale e grafica

1. Per le dovute argomentazioni e gli opportuni riferimenti bibliografici a questo proposito rimando a quanto ho già scritto in *Modernizzazione e pratiche comunicative. La scrittura dell'italiano nel XX secolo*, in «Italianistica», n. XII, in particolare pp. 115-132.

2. DE MAURO Tullio, *Storia linguistica dell'Italia unita*, Laterza, Roma-Bari 2005<sup>2</sup>, pp. 54-55. Sempre riguardo all'approccio linguistico, la questione lingua italiana/emigrazione – con un primo bilancio bibliografico sull'argomento – è stata recentemente affrontata in maniera più ampia ed approfondita da VEDOVELLI Massimo, *L'italiano degli stranieri*, Carocci, Roma 2002, in particolare pp. 111-164; anche se non viene fatto nessun riferimento specifico alla questione della scrittura della lingua e delle pratiche comunicative.

3. BARTOLI LANGELI Attilio, *La scrittura dell'italiano*, Il Mulino Bologna 2000, p. 156.

rispetto alla produzione epistolare borghese: matita (spesso copiativa) invece della penna stilografica o della macchina per scrivere; cartolina postale, spesso illustrata (il primo rapporto con il o la corrispondente era la scelta dell'immagine), invece di vere e proprie lettere scritte su fogli ripiegati e imbustati; disordine immaginativo con frequente ricorso a scrittura nei margini; assenza o eccezionalità di punteggiatura; ripetizione maldestra di più o meno antichi modelli scolastici o addirittura incerta imitazione di modelli burocratici o manualistici.<sup>4</sup>

E le osservazioni di Petrucci ci rimandano immediatamente dalla questione materiale del rapporto col mezzo scrittoria, a quella linguistica: ossia in quale lingua o varietà linguistica scrivevano i nostri emigranti? È evidente che gli scriventi avevano ben poca dimestichezza con carta, penna e calamaio, per cui l'esercizio della scrittura continuerà ad essere un'impresa oltremodo faticosa, quasi uno sforzo contro natura, da cui il paradosso delle *lettere di illetterati* – secondo la definizione di Filippo Lussana<sup>5</sup> – che presentano caratteristiche generali comuni: persistenza di registri espressivi tipici dell'oralità, incerta distinzione tra l'uso di lettere maiuscole e minuscole, difficoltà di separare correttamente le parole e nell'utilizzo dei segni d'interpunzione. Il primo ad interessarsi dal punto di vista linguistico a questi documenti è stato Leo Spitzer, filologo e italianista austriaco che – ironia della storia – venne preposto all'ufficio della censura militare con il compito di controllare la posta dei prigionieri di guerra italiani durante la prima guerra mondiale. Il suo studio<sup>6</sup> del 1921 è diventato il capostipite degli studi linguistici sull'*italiano popolare*, termine che ancor oggi suscita discussioni. Si tratta insomma di quella varietà linguistica che è stata definita dagli specialisti italiano *popolare* o *semicolto*.<sup>7</sup> Ovvero, l'italiano appreso in modo non completo e non corretto da chi possiede come lingua madre il dialetto. Una lingua piena di termini regionali e con proprie particolarità, di cui sono stati identificati 28 tratti costanti che la caratterizzano come varietà linguistica compiuta. Ma, al di là delle definizioni, siamo di fronte al risultato di un enorme sforzo collettivo di comunicazione che, non potendo trovare altra via d'uscita se non quella dell'italiano, segna così una prima importante tappa verso il raggiungimento di un'identità linguistica nazionale. Ma non solo, per riprendere ancora una volta le osservazioni fatte sul lungo periodo da Bartoli Langeli:

l'italiano popolare è un modo di scrivere, non di parlare; e ha un carattere largamente unitario, sovraregionale. Gli specialisti vi identificano sì tratti dialettali e locali, ma in numero e con incidenza relativamente bassi. Soltanto i letterati sono in grado di scrivere il dialetto. Gli illetterati, per il solo fatto di aver imparato a scrivere, realizzano quella che essi ritengono la lingua scrivibile, non la lingua che parlano. Molti dei fenomeni riscontrabili nei loro testi non hanno, non possono avere un'effettiva corrispondenza di pronuncia.<sup>8</sup>

4. PETRUCCI Armando, *Scrivere lettere. Una storia plurimillennaria*, Laterza, Roma-Bari 2008, p. 186.

5. LUSSANA Filippo, *Lettere di illetterati. Note di psicologia sociale*, Zanichelli, Bologna s.d. [1913].

6. SPITZER Leo, *Lettere di prigionieri di guerra italiani 1915-1918*, Boringhieri, Torino 1976.

7. Cfr. DE MAURO Tullio, *Storia linguistica dell'Italia unita*, cit.; CORTELLAZZO Manlio, *Avviamento critico allo studio della dialettologia italiana*, Vol. III, *Lineamenti di italiano popolare*, Pacini, Pisa 1972; COVERI Lorenzo, *Italiano popolare, scrittura popolare: una prospettiva linguistica*, in «Materiali di lavoro», n. 1-2, 1987; BERRUTO Gaetano, *L'Italiano popolare*, in IDEM, *Lineamenti di sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*, La Nuova Italia Scientifica, Roma 1987, pp. 107-140; BRUNI Francesco (a cura di), *L'italiano nelle regioni. Lingua nazionale e identità regionali*, Utet, Torino 1992.

8. BARTOLI LANGELI Attilio, *La scrittura...*, op. cit., p. 168.

Ed è un modo di scrivere che ha degli elementi permanenti che costituiscono una *lunga durata* – la definizione è ancora di Bartoli Langeli – in cui è possibile rintracciare caratteristiche comuni tali da poter affermare che lo scrivere dell'*italiano popolare* è

il modo medievale di scrivere l'italiano. A leggere gli autografi "popolari" ottocenteschi hai l'impressione che poco o nulla sia cambiato dai tempi iniziali della diffusione dello scrivere volgare, che i seicento anni che separano il Ghezzo fattore che scrive nel 1314 al suo principale dai soldati che scrivono alle famiglie dal fronte o dai campi di prigionia siano una linea continua. Dal nostro punto di vista beninteso, nel senso cioè che su questi scriventi la svolta cinquecentesca (la codificazione grammaticale e ortografica dell'italiano) e gli avanzamenti dell'alfabetizzazione formale non hanno prodotto grandi effetti. Quel modo di scrivere, inizialmente largo e libero per l'assenza di una norma, si è mantenuto a lungo anche dopo che l'italiano fu ridotto a norma, fuori e contro di essa.<sup>9</sup>

Viene così individuata una linea di continuità che attraversa i secoli, che ha rappresentato una produzione sorda e sommersa di comunicazione scritta, che si è sviluppata in una sorta di zona grigia, al confine fra oralità e scrittura, o meglio, fra cultura orale e cultura scritta, i cui autori sono uomini e donne delle classi subalterne che hanno impugnato la penna pur senza dominarla completamente ed hanno – nella maggior parte dei casi, inconsapevolmente – esercitato il proprio *diritto alla scrittura* sfidando una società che del privilegio e dell'esclusività di questo diritto ne faceva una discriminante per l'esclusione. Che questa produzione scrittoria venisse trasformata in un vero e proprio mare di carta nel corso del fenomeno migratorio proprio da coloro i quali si ritrovavano nelle condizioni di esercitare un altro diritto che per definizione si colloca anch'esso in una zona grigia e di confine, il *diritto alla mobilità* o, come è stato definito, *alla fuga*,<sup>10</sup> rafforza ancor più la suggestiva immagine dell'irriducibilità di questa produzione scritta ai canoni della cultura alta o comunque colta, nonché la sua vivacità e vitalità.

## Le lettere di chiamata tra documento intimo e formulario burocratico

«Inspetoria de Imigração do Estado de São Paulo no Porto de Santos»  
 Certifico que o senhor Carlo D'Abruzzo, de nacionalidade italiana, com mais de 60  
 annos de edade, casado, que se acha actualmente em Sant'Angelo de Pesco, (Provincia  
 de Campobasso, Italia) e deseja viajar para o Brasil, é tio do senhor pascoal de Palatis

9. BARTOLI LANGELI Attilio *La scrittura...*, op. cit., pp. 166-167.

10. MEZZADRA Sandro, *Diritto di fuga. Migrazioni, cittadinanza e globalizzazione*, Ombre Corte, Verona 2006. Occorre specificare però che esercitare il *diritto alla scrittura* non si può identificare direttamente e meccanicamente con un atto emancipatore; anzi, almeno fino al secondo dopoguerra e soprattutto in contesto bellico, la scrittura e la diffusione della pratica della comunicazione scritta fra le classi subalterne hanno rappresentato un volano, una cinghia di trasmissione delle parole d'ordine, degli slogan della propaganda e dei valori del potere e dello stato, fosse quello liberale o il regime fascista; cfr. GIBELLI Antonio, *L'officina della guerra, La Grande Guerra e le trasformazioni del mondo mentale*, Bollati Boringhieri, Torino 1998<sup>2</sup>, pp. 99-102; CROCI Federico, *Scrivere per non morire. Lettere dalla Grande Guerra del soldato bresciano Francesco Ferrari*, Marietti (ora Paravia-Scriptorium) Genova 1992, pp. 64-66. GIBELLI Antonio, *Il popolo bambino. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò*, Einaudi, Torino 2005, pp. 277-290. Il fenomeno assume dimensioni macroscopiche in situazioni di di-

morador na estação de Ribeirão Pires (município de S. Bernardo, Estado de S. Paulo, Brasil) onde exerce a profissão de canteiro e é proprietário da pedreira denominada São Caetaninho, em cuja companhia e a cujas expensas passará a viver o deus tio acime referido quando vier para o Brasil, não avendo, porisso, nenhum impedimento para o desembarque do mesmo no porto de Santos, uma vez que não soffra de molestia contagiosa e exhiba o presente certificado ás autoridades que comparecerem no acto do céu desembarque.

Santos, 13 de outubro de 1921

[Timbro d'imbarco nel porto di Napoli del 24 aprile 1922]

[Timbro di sbarco nel porto di Santos del 24 maggio 1922]<sup>11</sup>

*Is an ciamè* (ci hanno chiamato)

dalla testimonianza di Enrica Cesari, 2001<sup>12</sup>

Sull'epistolografia d'emigrazione esiste ormai una letteratura consolidata da circa trent'anni di studi,<sup>13</sup> ma in questo caso specifico ci occupiamo di *Lettere di Chiamata*, ossia di quelle pratiche che oggi, nei termini della burocrazia delle migrazioni, verrebbero definite di *ricongiungimento familiare*. In sostanza di cosa si tratta? Le *Lettere di Chiamata* si possono suddividere in due grandi gruppi che fanno riferimento alla diversa tipologia dei documenti: un primo e più consistente gruppo è quello che chiameremo delle *Lettere Ufficiali*, costituito da documenti redatti su appositi moduli presso i consolati dei paesi interessati nello Stato di São Paulo, o presso gli uffici addetti della *Inspectoria de Imigração del porto di Santos*, come nel caso del documento citato in epigrafe in questo paragrafo; il secondo gruppo è formato da delle classiche *Lettere Private*, ossia lettere manoscritte, corrispondenza privata, ricevuta dal Brasile che il parente in partenza dall'Italia portava con sé a testimonianza del fatto che andava laddove c'era qualcuno che lo potesse ricevere e mantenere, non necessariamente si trattava di lettere nelle quali si faceva un seppur informale atto di chiamata.

In particolare per quanto riguarda l'immigrazione italiana nello Stato di São Paulo, il maggior flusso d'entrata di cittadini italiani si è registrato negli anni compresi tra il 1887 e il 1902,<sup>14</sup> ingressi

slivello di potere tra mittenti e destinatari della corrispondenza, cfr. ZADRA Camillo e FAIT Gianluigi (a cura di), *Deferenza. Rivendicazione. Supplica. Lettere ai potenti*, Treviso, Pagus Edizioni, 1991.

11. *Lettera di chiamata*, Arquivo do Memorial do Imigrante (AMI), São Paulo.

12. Citato in SERVETTI Lorenza, *Vado nella Merica: è lì di là dalle colline. Budrio e la grande emigrazione (1880-1912)*, Marsilio, Venezia 2003, p. 21, che prosegue specificando che «così veniva risposto a Enrica Cesari quando chiedeva ai suoi genitori perché, tanti anni prima, fossero partiti per il Brasile; e questa frase rimase per lei a lungo misteriosa». La testimonianza è stata rilasciata all'autrice l'8 giugno del 2001 dalla figlia di Anselmo Cesari e Maria Treggia che sono partiti per il Brasile nel 1895 e ritornati a Budrio circa dieci anni dopo.

13. Sulle scritture degli emigranti e sulle loro potenzialità come fonti per la storia, si potrebbero citare i classici di THOMAS William Isaac e ZNANIECKI Florian sulle lettere di emigranti polacchi risalente agli anni 1918-1920 (cfr. *Il contadino polacco in Europa e in America*, Edizioni Comunità, Milano 1968, 2 voll. [ed. or. The University of Chicago Press 1918-1920]). Limitandosi al caso italiano, il riferimento d'obbligo va al pionieristico lavoro di FRANZINA Emilio, *Merica! Merica Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina (1876-1902)*, Milano, Feltrinelli, 1979 (Verona, Cierre Edizioni, 1994<sup>2</sup>), seguito dagli studi di CHEDA Giorgio sui ticinesi in Australia e California (cfr. *L'emigrazione Ticinese in Australia*, Armando Dadò Editore, Locarno 1979; *L'emigrazione Ticinese in California*, Armando Dadò Editore, Locarno, 1981). Ma per limitarci agli studi più recenti – cui rimandiamo anche per ulteriori riferimenti bibliografici – che fanno il punto della situazione sia rispetto al percorso storiografico, sia sui principali elementi dell'epistolografia popolare d'emigrazione, come i contenuti prevalenti della corrispondenza, il dettaglio delle possibili funzioni, nonché alcune fondamentali indicazioni di carattere metodologico, si vedano GIBELLI Antonio e CAFFARENA Fabio, *Le lettere degli emigranti*, in BEVILACQUA Piero a, DE CLEMENTI Andreina e FRANZINA Emilio (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana*, Vol. I, *Partenze*, Roma, Donzelli, 2001, pp. 563-574.

14. Mi riferisco a flussi superiori alle 30.000 unità all'anno, con picchi di 105.000 unità nel 1888, 131.000 nel 1891, 98.000 nel 1895, 105.000 nel 1897, 60.000 nel 1901. Dal 1902, l'anno del decreto Prinetti (provvedimento che, in seguito alle denunce delle condizioni in cui erano costretti a lavorare i braccianti italiani nelle *fazendas* di caffè arrivati con il viaggio pre-pagato, ha bloccato l'immigrazione sussidiata), gli ingressi annuali rimarranno sempre al di sotto dei 28.027 (quota fissata come limite massimo dell'immigrazione annuale) eccezion fatta per gli anni

che comunque avevano un saldo positivo, ossia in relazione alle uscite, di circa il 40%. Una parte considerevole del movimento nei primi anni del XX secolo si deve all'effetto *chiamata*, vale a dire a quello che, fin dalle classiche formulazioni delle catene migratorie,<sup>15</sup> è il ruolo attribuito ai primi arrivati che, soprattutto attraverso la corrispondenza privata, richiamano o invitano a raggiungerli parenti, amici e conoscenti. Sono coloro i quali risultano nelle statistiche dei flussi a cavallo tra il XIX e il XX secolo come *saldo positivo*, in altre parole quelli che restano e non ritornano a casa, che costituiscono una base d'appoggio e uno dei fattori d'attrazione dei flussi migratori che seguono, o meglio sarebbe dire costituiscono uno dei nodi attraverso i quali funzionano le reti migratorie. E le lettere sono la trama di queste reti, il canale di comunicazione, la linfa vitale che le sostiene.

Dal punto di vista istituzionale, nel 1911, è intervenuta una legge brasiliana che in un certo senso legalizzava l'uso della *Lettera di Chiamata*. Ad esempio, introduceva l'obbligo della chiamata per i maggiori di 60 anni e i non abili al lavoro:

*Parágrafo único. Os maiores de 60 anos e os inaptos para o trabalho só serão admitidos quando acompanhados de suas famílias, ou quando vierem para a companhia destas, contanto que haja da mesma família, pelo menos, um individuo valido, para outro invalido ou para um até dois maiores 60 anos.*

L'unico modo per dimostrare che il migrante arrivava per stare in famiglia e questa era disponibile e atta al loro mantenimento era munirsi di una *Lettera di Chiamata*. Nel successivo Capitolo II art. 5°, si specificava che il Governo Federale avrebbe fornito gratuitamente agli agricoltori che fossero arrivati con famiglia «*ou chamados das mesmas*», sempre che abili al lavoro, il biglietto di terza classe, trasporto e accoglienza fino alla destinazione scelta, esenzione dal pagamento delle tasse per i bagagli e gli attrezzi agricoli o utili all'esercizio della professione dichiarata: un ottimo motivo per presentarsi con una *Lettera di Chiamata*. E ancora nel Capitolo III art.

1912 e 1913 in cui vi furono rispettivamente 31.000 e 30.000 ingressi, cfr. AESP (Arquivo do Estado de São Paulo), serie Inspetoria de Terras e Colonização, *Boletim da Diretoria de Terras, Colonização, e Imigração*, n. 1, 1937.

15. Com'è noto, per catena migratoria s'intende il modello che consente lo studio dei meccanismi che favoriscono o inibiscono l'arrivo degli immigranti o la partenza degli emigranti – secondo il punto di vista – esortati e consigliati da parenti, amici o compaesani, nel caso della cosiddetta catena informale, familiare o comunitaria; nel caso della catena formale o istituzionale i meccanismi sono messi in atto dalla stampa, la pubblicità o la propaganda fatta da agenti contrattati dalle compagnie di navigazione, o dalle agenzie delle società d'immigrazione che i governi dei paesi americani finanziavano. L'elaborazione del concetto di catena migratoria rimonta alla sociologia degli anni Cinquanta del XX secolo, anche se, in realtà, è stata una categoria che la storiografia italiana ha sottovalutato. Cionondimeno, dagli anni Sessanta ha contribuito al cambiamento di prospettiva degli studi migratori, valorizzando l'uso dei documenti personali nell'indagine e interpretazione delle dinamiche dell'esodo. Oggi ormai possiamo contare su di una vasta letteratura; riguardo all'emigrazione italiana in America Latina, forse il caso argentino è stato l'ambito in cui si sono approfondite di più le ricerche. Per un bilancio di questi lavori e le linee essenziali del dibattito si veda il numero monografico di «Estudios Migratorios Latinoamericanos», *Las cadenas migratorias italianas a la Argentina*, n.8 1988. Come ormai è stato ampiamente dimostrato il modello delle catene ha presentato problemi di ambiguità e rigidità, che sono impliciti nell'artificiosa linearità che la stessa immagine della catena impone. Le ricerche più recenti hanno invece posto l'accento sulla varietà e variabilità dei movimenti migratori e, soprattutto, sulla molteplicità delle destinazioni, intrecciate a tal punto che, come ha suggerito Fernando DEVOTO, è ormai diventato necessario sostituire la metafora della *catena* con quella della *raginatele*, cfr. DEVOTO Fernando, *Algo más sobre las cadenas migratorias de los italianos a la Argentina*, in «Estudios Migratorios Latinoamericanos», n.19, 1991, p. 342; Ídem, *Le migrazioni italiane in Argentina. Un saggio interpretativo*, Officina Tipografica, Napoli 1994, p. 48. Tra i lavori recenti di Devoto, oltre allo studio comparato su Argentina e Brasile svolto con Boris Fausto (cfr. FAUSTO Boris e DEVOTO Fernando, *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*, Editora 34, São Paulo 2005<sup>2</sup>), occorre ancora citare per l'interessante approccio "globale" il volume *Historia de la Inmigración en la Argentina*, Editorial Sudamericana, Buenos Aires 2003; e il volume appena uscito per i tipi di Donzelli, *Storia degli italiani in Argentina*, Roma 2007. Dalle *catene*, alle *raginatele*, per arrivare a un modello che negli ultimi anni ha acquisito una sempre maggior solidità grazie anche alla moltiplicazione degli studi che ne hanno fatto uso: *le reti*. Lo stesso DEVOTO nel 1994 ne faceva già uso in *Liguri nell'America australe: reti sociali, immagini, identità*, in RUGAFIORI Paride e GIBELLI Antonio (a cura di), *Storia d'Italia. Le regioni, dall'unità a oggi. La Liguria*, Einaudi, Torino 1994, pp. 651-688. A questo proposito si veda anche RAMELLA Franco, *Reti sociali, famiglie e strategie migratorie*, in BEVILACQUA Piero, DE CLEMENTI Andreea, FRANZINA Emilio (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana*, Vol. I, *Partenze*, Donzelli, Roma 2001, pp. 143-160.

18° si dava preferenza, per l'imbarco con le compagnie di navigazione autorizzate dal governo federale al trasporto dei migranti, ai cosiddetti immigranti spontanei e a quelli «*chamados por parentes já estabelecidos no Brasil*».<sup>16</sup>

Tanto per quantificare il fenomeno, si tratta di un movimento che ha coinvolto, dal 1900 al 1929, più di 350.000 persone,<sup>17</sup> proprio nella fase in cui la regione paulista stava vivendo un processo di profonda trasformazione della struttura produttiva e dell'organizzazione sociale. Fino ad oggi ci si è basati sulle statistiche che sono state pubblicate nei bollettini della *Secretaria de Agricultura*, senza avere la possibilità di consultare le carte originali.<sup>18</sup> Una parte degli originali delle *Letture di Chiamata* è custodito presso l'archivio del *Memorial do Imigrante*, sede dell'antica *Hospedaria* di São Paulo.<sup>19</sup> Gli immigranti che sbarcavano nel porto di Santos consegnavano la *Lettera di Chiamata* ai funzionari dell'*Inspectoria de Imigração* che, a loro volta, le depositavano, insieme alle liste di sbarco dei piroscafi e ad altra documentazione, all'*Hospedaria*.

Di *Letture Ufficiali*, ossia i documenti formali che venivano usati per farsi autorizzare lo sbarco nel porto di Santos, ve ne sono di diverso tipo: quelli redatti presso il Consolato Generale d'Italia a São Paulo (o presso altri consolati, secondo la nazionalità dello scrivente) su moduli prestampati, dai quali si possono desumere i dati anagrafici fondamentali e la professione sia del richiamante che del richiamato; quelli redatti dalla stessa *Inspectoria de Imigração* del porto di Santos su richiesta del richiamante, che svolgono la funzione di nulla osta allo sbarco, quindi redatti a Santos, spediti in Italia e ritornati a Santos in mano al richiamato; quelli redatti dai Comuni in Italia con diverse tipologie, ma quasi sempre in funzione di nulla osta allo sbarco.

Molti dei documenti, ad esempio, più che dei veri e propri ricongiungimenti familiari attestano una mobilità continua tra i due paesi (e non di rado la rete include punti e snodi in altri paesi, spesso, ad esempio l'Argentina) che queste reti familiari hanno mantenuto per molti anni:

Il Sindaco Certifica che Franchi Alessandro fu Giuseppe, nato in Careggine, residente in Castelnuovo, da oltre quaranta anni residente in San Paolo, Brasile dove possiede beni stabili e commerci, e la propria famiglia, che colà lo chiama avendo urgenza di fare liquidazioni e vendite, essendo urgente la sua presenza per eseguire dette operazioni. Quindi il detto Franchi Alessandro deve nuovamente espatriare d'urgenza per il Brasile

Il Sindaco di Castelnuovo di Garfagnana, 12 giugno 1922<sup>20</sup>

16. Cfr. Decreto n. 9.081 de 03 de novembro de 1911, *Dá novo regulamento ao Serviço do Povoamento*, in HORN IOTTI Luiza (a cura di), *Imigração e colonização, legislação 1747 a 1915*, Educs, Caxias do Sul 2001, p. 522-572. La legge è suddivisa in 26 Capitoli per un totale di 277 articoli; il capitolo XXIII che comprende gli articoli dal n. 231 al n. 238, tratta dell'*Hospedaria* da *Ilha das Flores*, quella del porto di Rio de Janeiro, dettagliando le norme per l'entrata, la permanenza e l'uscita degli immigranti dall'*Hospedaria*, l'unica che era finanziata e riconosciuta dal Governo Federale.

17. Cfr. AESP, serie Secretaria da Agricultura, Departamento de Imigração e Colonização, *Estatística dos trabalhos executados pelo Departamento de Imigração e Colonização durante o ano de 1961*, São Paulo, 1962, p.44.

18. Cfr. VANGELISTA Chiara, *Os Braços da lavoura. Imigrantes e caipiras na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)*, São Paulo, HUCITEC 1991, pp. 96-114.

19. Le *Letture di Chiamata* ad oggi consultabili, suddivise in 5 casse, sono circa 2.000 per un periodo compreso tra il 1911 e il 1927, approfittando dell'occasione per ringraziare la direttrice esecutiva del *Memorial do Imigrante*, dona ANA MARIA LEITÃO VIEIRA per avermi dato la più completa disponibilità e libertà di consultazione dell'Archivio, un ringraziamento particolare anche dona MIDORY KIMURA FIGUTI, che mi ha svelato ogni segreto dell'archivio del *Memorial*, da lei curato con rara passione e competenza da oltre trent'anni. Oggi le *Letture di Chiamata* sono oggetto di un progetto di ricerca del LEER-USP (Laboratório de Estudos sobre Etnicidade Racismo e Discriminação), sviluppato in compartecipazione con il *Memorial do Imigrante*, l'Università di Genova, l'Archivio di Stato di São Paulo, l'Istituto Italiano di Cultura e l'Istituto Cultural Ítalo-Brasileiro, per la costituzione di un *Arquivo Virtual da Imigração Italiana*.

20. Lettera di chiamata, AMI, São Paulo.



In questo caso – e di certificati simili rilasciati dai comuni se ne trovano molti fra le lettere di chiamata – è evidente che questa specie di “autochiamata” è una sorta di attestato di relazioni, non solo affettive e familiari, ma anche economiche che si sono mantenute per decenni tra una parte della famiglia emigrata in Brasile e l'altra parte che è rimasta in Italia.

### “Saressimo desiderosi di sapere”

E più che altro mi attiravano i sacchi della posta, accumulati in un canto, legati e suggellati. Poiché v'eran là dentro i frammenti del dialogo di due mondi: chi sa quante lettere di donne che per la terza o quarta volta chiedevano dolorosamente notizie del figliuolo o del marito, che non si facevan vivi da anni; e supplicazioni perché tornassero o le chiamassero a raggiungerli; domande di soccorso, annunci di malattie, e di morti; e ritratti di ragazzi che i padri non avrebbero più riconosciuti, e richiami desolati di fidanzate e menzogne impudenti di mogli infedeli e ultimi consigli di vecchi: tutto questo mescolato a letteroni irti di cifre di banchieri, a espistole amorose di ballerine e di coriste [...]. E tutti quei sacchi si sarebbero sparpagliati fra pochi giorni dalle foci del Plata ai confini del Brasile e della Bolivia e fino alle rive del Pacifico e nell'interno del Paraguay e su per i fianchi delle Ande, a suscitare allegrezze, rimorsi, dolori, timori; i quali poi a volta loro, pigiati in altri sacchi, avrebbero fatto in direzione opposta il medesimo viaggio, ammuccchiati in un altro camerino come quello, dove avrebbero visto passare altre processioni di povere genti, che se ne ritornavano al mondo vecchio, forse meno poveri, ma non più felici di quando l'avevano abbandonato con la speranza d'una sorte migliore.

Edmondo De Amicis, *Sull'Oceano*, 1889<sup>21</sup>

*Tencionando a Diretoria do Serviço de Propaganda e Exportação Econômica do Brasil no Estrangeiro redigir um opúsculo, salientando as condições favoráveis de que gozam os colonos estabelecidos no Brasil [...] solicito que sejam remetidas cartas de colonos, dirigidas a parentes seus na Europa e nas quais eles façam alusão á sua satisfação por haverem emigrado para aqui [...] ao melhoramento que obtiveram nas suas condições econômicas.*

*Comunicado de 13 de fevereiro de 1909*<sup>22</sup>

*La lontananza*, abbiamo detto, è l'impulso determinante per scatenare la scrittura e, in contesto migratorio, assurge a un significato peculiare ed emblematico, fino ad evocare una condizione

21. DE AMICIS Edmondo, *Sull'Oceano*, (a cura di BERTONE Giorgio), Diabasis, Reggio Emilia, 2005, pp. 210-211.

22. Cfr. AESP (Arquivo do Estado de São Paulo), serie Secretaria da Agricultura 1823-1926, Comércio e Obras Públicas, *Comunicado de 13 de fevereiro de 1909*.

esistenziale per gli emigranti. Dall'iniziale *lontananza* fisica, geografica, affettiva, che viene dolorosamente percepita già dalla partenza, momento della genesi della condizione migrante, fino alla *lontananza* che si alimenta del dilatarsi dello spazio e del tempo. Nonostante il paziente e tenace lavoro di scrittura nel tentativo di ricucire lo strappo della separazione, inevitabilmente, con il suo prolungarsi da situazione temporanea sempre rivolta a un possibile pronto ritorno, la *lontananza* iniziale muta in condizione permanente e genera *lontananza* culturale, linguistica e identitaria.<sup>23</sup> La lettera si configura dunque come il paradigma dell'emigrazione: frutto dell'allontanamento e della separazione, prodotto del bisogno di comunicazione a distanza, risultato del tentativo di annullare le distanze e, al tempo stesso, testimonianza e prova della lacerazione in corso nonché veicolo delle trasformazioni future.

In merito ai contenuti, le lettere hanno permesso di indagare l'integrazione degli emigrati nel paese d'accoglienza, la disgregazione familiare, l'allontanamento e la ricongiunzione, la persistenza o il mutamento degli atteggiamenti mentali tradizionali, i conflitti di classe e le risposte delle diverse generazioni alle sfide che le nuove società proponevano loro. Proprio l'utilizzo di fonti quali lettere, diari, memorie e fotografie degli emigranti, ha permesso di dare al fenomeno emigrazione una profondità maggiore, andando tra le pieghe di scelte e motivazioni spesso anche molto diverse tra loro, restituendoci i sogni e le speranze di tante persone comuni che hanno solcato l'Oceano per raggiungere le Americhe, insieme alle dinamiche soggettive ma anche alle reti relazionali tra comunità di partenza e di arrivo che si articolavano all'interno dei flussi migratori.

In effetti, attraverso le missive non si mantengono semplicemente i contatti con i familiari, ma si forniscono importanti elementi che determinano le scelte di chi deve ancora prendere in considerazione l'opportunità di partire o è già in procinto di farlo: in particolare le mete d'arrivo sono valutate in relazione alle possibilità di lavoro offerte e chi è emigrato getta le basi per la costruzione di un ponte di notizie. Per questo le missive hanno una doppia valenza: da una parte sono testi domestici ad uso familiare, dall'altro assumono anche una rilevanza pubblica in quanto si rivelano insostituibili fonti informative di prima mano, sulle quali si ripone una fiducia non concessa alle statistiche ufficiali o alle lusinghe degli agenti d'emigrazione. L'appello della *Secretaria de Agricultura*, che abbiamo citato all'inizio del paragrafo, mirava proprio a fare un uso pubblico delle lettere dei coloni ai parenti per dare maggior impulso alla propaganda pro-emigrazione sviluppata dalle agenzie del governo all'estero. La stampa dell'epoca in Italia, sia pro o anti emigrazionista, fece largo uso della corrispondenza privata nell'intento di render più credibile la propria linea politica. Le reti migratorie che svuotano interi paesi hanno quindi delle resistenti maglie di carta che regolano ed indirizzano il flusso dei partenti.<sup>24</sup>

23. Mi permetto qui di rimandare a CROCI Federico e BONFIGLIO Giovanni, *El baúl de la memoria. Testimonios escritos de inmigrantes italianos en el Perú*, Fondo Editorial del Congreso de la República del Perú, Lima 2002; in particolare al primo capitolo *Palabras de la lejanía. Escritos de inmigrantes como fuente histórica*, pp. 19-35.

24. Sulle scritture degli emigranti e sulle loro potenzialità come fonti per la storia, e per la storia della lingua in Brasile non si è ancora fatta strada una solida tradizione di studi. Esistono molte pubblicazioni, soprattutto di testimonianze autobiografiche nella maggior parte dei casi riferite all'esperienza della colonizzazione degli stati del Sud la cui edizione si deve alla cura e al lavoro di studiosi come Luis Alberto DE BONI e Rovilio COSTA, per gli opportuni riferimenti bibliografici rimando a FRANZINA Emilio, *L'immaginario degli emigranti. Miti e raffigurazioni dell'esperienza italiana all'estero fra i due secoli*, Pagus, Treviso 1992. Per quanto riguarda l'uso delle testimonianze scritte come fonte per la storia, riguardo all'esperienza della colonizzazione agricola, il riferimento d'obbligo va al classico, DAVATZ Thomas, *Memórias de um colono no Brasil: 1850*, Edusp, São Paulo 1980 (con prefazione e note di Sergio BUARQUE DE HOLLANDA); si tratta del noto diariomemoria del maestro della colonia di Ibicaba che, quando venne pubblicato nel 1858 in Svizzera, suscitò un'ondata di sdegno nell'opinione pubblica, identificando il Brasile come un paese inadatto a ricevere immigranti europei. Riguardo alla corrispondenza dei coloni, si veda BENDOCCHI Alves Débora, *Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro-Turingia (1852-1853)*, in «Revista Brasileira de História», n. 45, 2003, pp. 155-184; che analizza nove lettere di immigrati tedeschi nelle *fazendas* della provincia di Rio de Janeiro negli anni 1852-1853, pubblicate da riviste tedesche dell'epoca e rinvenute negli archivi di Turingia. Nell'ambito specifico dell'analisi linguistica

Per quanto riguarda le *Lettere di Chiamata* dell'*Hospedaria*, addirittura ci sono casi in cui lo scrivente cerca di dissuadere il parente alla partenza in modo esplicito, ma la presenza della lettera fra le carte dell'*Hospedaria* ci rivela un comportamento in totale dissonanza con i consigli ricevuti dal familiare,<sup>25</sup> aprendo così uno spiraglio molto interessante sulla lettera come veicolo di notizie e regolatore di flussi. In alcuni casi, rari, si tratta di lettere scritte apposta per consentire l'imbarco dei parenti e quindi prive, o quasi, di quelle caratteristiche di testimonianza scritta che rendono le lettere una fonte insostituibile per lo studio degli aspetti culturali della storia dell'emigrazione. In altri, ci troviamo di fronte ad un frammento d'epistolario che è rimasto impigliato nelle maglie della burocrazia statale che cerca di regolare il movimento delle persone alla stregua di quello delle merci. È superfluo sottolineare come questo tipo di carte ci consenta di entrare nell'analisi delle strategie personali e familiari, nonostante la frammentarietà e il carattere episodico dei documenti a disposizione. Non possiamo, infatti, disporre d'epistolari, ma solo di schegge e frammenti isolati d'epistolari che, in alcuni fortunosi casi, possono essere dei micro-epistolari composti di 2 o 3 lettere magari d'andata e ritorno che il parente, ansioso di ricevere il permesso di sbarco, ha consegnato all'*Inspectoria de Imigração* del porto di Santos.

Per quanto riguarda la *questione della lingua*, com'è noto, il binomio lingua e cultura<sup>26</sup> costituisce un'unità inscindibile al cui interno si possono individuare una serie di relazioni articolate e complesse – *la lingua traduce la cultura in senso antropologico, la cultura crea la lingua e viceversa*<sup>27</sup> – che contribuiscono alla definizione, o meglio, demarcazione, identitaria del parlante, possiamo dire – per estrema sintesi – che ogni lingua “si appoggia” e si struttura intorno ad un immaginario e a una cultura di appartenenza. Le lettere rappresentano un italiano scritto sottoposto al contatto più o meno prolungato con la lingua e la cultura del paese ospite, sono la cristallizzazione – nero su bianco è il caso di dire – di interferenze lessicali e morfo-sintattiche che spesso si riscontrano anche nel parlato, ma soprattutto ci offrono l'opportunità di studiare dettagliatamente alcune fasi del contatto tra lingua e cultura d'origine e lingua e cultura ospite, offrendo spunti di riflessione sui processi culturali innescati dal fenomeno migratorio. È, infatti, attraverso la lingua che vengono veicolati i processi di acculturazione, integrazione e/o assimilazione con la società ospite. Così come è sulla lingua che vengono applicate o studiate strategie di propaganda e manipolazione del consenso, o di repressione verso comunità considerate potenzialmente pericolose. A questo proposito basti pensare a quanto è avvenuto qui in Brasile durante il periodo dell'*Estado Novo* con il decreto del 1938 sulla naturalizzazione degli stranieri ed il successivo decreto del 1941 che proibiva la vendita e la circolazione di giornali in lingua straniera e vietava l'uso pubblico di una lingua straniera.<sup>28</sup> Situazione quasi paradossale in una São Paulo che ancora in quegli anni contava

di lettere di emigranti, per il caso brasiliano si veda BANFI Emanuele, *Analisi variazionistiche nelle lettere di un migrante ladino in Brasile a metà '800*, in Id. e CORDIN Patrizia (a cura di), *Pagine di scuola, di famiglia, di memorie. Per una analisi del multilinguismo nel Trentino austriaco*, Museo Storico in Trento, Trento, 1996.

25. Vi è un caso, che si presterebbe a della facile ironia, in cui lo scrivente si rivolge alla suocera pregandola di non andare in Brasile e quasi minacciando di andare lui in Italia o, come seconda soluzione, a Mendoza per ricongiungersi con un'altra parte della famiglia. Insomma avverte la suocera che non vada, altrimenti sarà lui ad andarsene, seguendo i percorsi della “rete” a sua disposizione. Il mittente scrive il 2 febbraio del 1911 e la lettera reca il timbro della *Inspectoria de Imigração* del porto di Santos del 21 ottobre dello stesso anno.

26. Sulla questione la bibliografia è vastissima, si tratta di uno dei nodi su cui la riflessione antropologica d'inizio Novecento si è interrogata profondamente, mi limito a rimandare al classico di MALINOWSKY Bronislaw, *Teoria scientifica della cultura*, Feltrinelli, Milano 1962; per una panoramica generale si veda FABIETTI Ugo, *Storia dell'antropologia*, Zanichelli, Bologna 2001, e le riflessioni sviluppate da CARDONA Giorgio Raimondo, *Introduzione all'etnolinguistica*, Il Mulino, Bologna 1976.

27. Cfr. LONGO di Cristofaro Gioia, MARIOTTI Luciana (a cura di), *Modelli culturali e differenza di genere*, Armando, Roma 1998, p. 11.

28. Cfr. MACHADO CAMPOS Cynthia, *A política da língua na era Vargas. Proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil*, UNICAMP, Campinas 2006; BUENO Alexandre Marcelo, *Intolerância Lingüística e Imigração*, 2006, Tese de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Lingüística Geral da FFLCH-USP, orientadora Profa Dra, Diana Luz Pessoa De Barro.

con una comunità italiana numerosa che si mantenne come il maggior gruppo etnico straniero fino al 1940, anno in cui venne superato dai portoghesi.<sup>29</sup>

*Não sei se uma cidade poderia ser mais italiana que São Paulo! No bonde, no teatro, na rua, na igreja, falava-se mais o idioma de Dante do que a língua de Camões. Os maiores e mais numerosos comerciantes e industriais eram italianos [...] Coisa realmente assustadora. A impressão de que íamos perder a nacionalidade, ser absorvidos aterrava.*<sup>30</sup>

I regimi totalitari, e tra questi, il fascismo in particolare fece della difesa e salvaguardia della lingua<sup>31</sup> nazionale una delle politiche di regime tendenti a identificare l'esaltazione patriottica e nazionalista con la costruzione di un'identità nazionale che fosse coincidente con il fascismo stesso. Da questo punto di vista i due nazionalismi linguistici, quello *estadonovista* e quello fascista, entrarono in aperta collisione ancor prima dell'entrata in guerra del Brasile a fianco degli anglo-americani. L'uso strumentale della questione della lingua, come strategia geopolitica del regime fascista nei confronti delle comunità italiane all'estero, appare evidente in questa dichiarazione che Mussolini fece già nel 1920:

In cinquant'anni di vita, l'Italia ha realizzato progressi meravigliosi. Prima di tutto c'è un dato di fatto: ed è la vitalità della nostra stirpe, della nostra razza. [...] L'Italia faceva 27.000.000 di abitanti nel 1870; ne ha 50.000.000 adesso: 40.000.000 nella penisola, ed è il blocco più omogeneo che ci sia in Europa. [...] E accanto a questi 40.000.000 in Italia, ce ne sono 10.000.000 che hanno straripato in tutti i continenti, oltre tutti gli oceani: 700.000 italiani sono a Nuova York; 400.000 nello Stato di San Paolo dove la lingua di stato dovrà divenire la lingua italiana.<sup>32</sup>

Convertire la lingua italiana in lingua di stato a São Paulo nel 1920 era più una dichiarazione propagandistica, una sparata demagogica, che non un'aspirazione realizzabile o ragionevole, ma ci segnala quanto precoce fosse l'attenzione del fascismo verso la *questione della lingua*, se addirittura due anni prima della *Marcia su Roma*, Mussolini cercava di infiammare la piazza della riconquistata Trieste con simili affermazioni.

29. Ver HALL Michael, *Imigrantes na cidade de São Paulo*, in PORTA Paula, (a cura di), *História da Cidade de São Paulo*, vol. III, Paz e Terra, São Paulo 2004, p. 124. Per la distribuzione sul territorio dello stato di São Paulo suddivisa per nazionalità e decenni, cfr., BASSANEZI Maria Silvia Beozzo, *População, imigração e propriedade da terra: procedimentos de pesquisa*, «XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais», ABEP, Caxambu - MG, 18-22 settembre 2006.

30. LEITE Aureliano, *Italianos em São Paulo*, «O Estado de São Paulo», 20 aprile 1954, in CARELLI Mario, *Carcamano e comandadores. Os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930)*, Ática, São Paulo 1985, p. 31.

31. Sulla politica del fascismo in campo linguistico si vedano gli atti del convegno organizzato dal Centro Ligure di Storia Sociale dal 22 al 24 marzo 1984 a Genova coordinato da Lorenzo Coveri, *Parlare fascista. Lingua del fascismo, politica linguistica del fascismo*, in «Movimento Operaio e Socialista», n. 1, anno VII, 1984.

32. Cfr., *Scritti e Discorsi di Benito Mussolini*, Vol. II, *La Rivoluzione Fascista (23 marzo 1919 - 28 ottobre 1922)*, Hoepli, Milano 1934, pp. 95-96, discorso fatto a Trieste il 20 settembre del 1920, per il cinquantenario dell'annessione della presa di Roma.

## La culetta del caffè e la guerra italo-turca



La lettera che presentiamo fa parte anch'essa del fondo delle *Lettere di Chiamata* del *Memorial do Imigrante* di São Paulo. Il destinatario della lettera è sbarcato nel porto di Santos con il Vapore *Tommaso di Savoia* il 4 luglio 1912.

## Trascrizione

Rio Descanso 2 giugno 1912

Carissimo Padre

Vengo con queste poche righe avvertendovi che il giorno rXde [illeggibile] Maggio ho ricevuto la seconda bramata vostra lettera per la quale intesi il buon stato di vostra salute come vi posso assicurare anche di me e di mia famiglia, e come pure di mio fratello e sua moglie.

Carissimo Padre, mi chiedete conto riguardo allarecolto del grano e della culietta del caffè. per l'arecolto non possiamo lamentarsi per i facioli ne abbiamo fatto abbastanza, ed il miglio abbiamo speranza di farne, per il caffè siamo unpo' attrasadi, per causa di le piogge [cambio pagina]

Caro Padre, saressimo desiderosi di sapere, se i nostri cugini trovansi tutti a casa, se nessuno di loro si trova nella grande guerra Italo-turca. fateci sapere come va della famiglia di mia zia Luigia dei suoi figli.

Chiedeste conto se mio fratello ha deciso di disimpegnare la vostra casa per il presente non può dirvi nulla, ma è più facile che per la fine di Agosto la casa sia libera, e per la restaurazione della casa l'ubbligazione toltasi desse che il lavoro volle compirlo.

Saressimo desiderosi di sapere dove vi trovate di abitazione, se vi trovate assieme commio Zio o com mia Zia, insomma diteci onde vi trovate

Qull'altra vostra ricevuta, mi chiedeste, se dopo la vostra partenza se ho fatto parole entre noi, adirvi il vero Caro padre noi ci amiamo come propi fratelli e come abbiamo l'obbligazione di amarsi,

Più non m'à lungo col mio scritto e chiudo la mia lettera salutandovi affettuosamente a parte di tutta la mia intiera famiglia, mille cordiali saluti da mio fratello e sua moglie, piütanti saluti a vostra figlia e marito cò sua famiglia.

ricevete tanti saluti dall'intiera famiglia di Bottani Francesco, e dice che i vostri denari sono sicuri infine tanti saluti da tutti i vostri compari amici di questo circolo, salutateci a parte di tutti noi nostro Zio e i tutti i suoi figli e sua moglie, altrettanti saluti alla [cambio pagina] famiglia di mia Zia tanti saluti a l'intiera famiglia di mia Zia Luigia e tanti saluti a Santo Parsendo e sua famiglia distintamente salutatemi l'intiera famiglia di Baffi Angelo ed altri residenti colà accenandoli cordialmente

i saluti dell'intiera mia famiglia e stringendovi con una stretta di mano vi bacia il vostro Affim Figlio  
[scritto di traverso] vi avverto che mio fratello à ricevuto una lettera maviscrivamo assieme

Lazzaroni Sante  
la mia direzione  
Estado do Espirito Santo  
E.F. Victoria Diamantina  
Estação Joao Neiva Descanso  
distintamente mandiamo mille baci di cuore a nostra nonna

Appare immediatamente evidente che la struttura del testo è fortemente influenzata dalle formule tipiche della scrittura epistolare sia nei saluti di apertura<sup>33</sup> (*Vengo con queste poche righe*) sia in quelli di chiusura (*Più non m'è lungo col mio scritto e chiudo la mia lettera salutandovi affettuosamente, distintamente mandiamo, distintamente salutatemì*) dove sono presenti echi e rimandi di modelli scolastici acquisiti in modo incerto o improprio che generano un contrasto stridente dal punto di vista lessicale (*la seconda bramata vostra lettera*).

La rilevanza dei cliché e dell'approccio formulaico si spiega visibilmente con il peso che le espressioni fisse hanno nelle culture orali o semi-orali rispetto alle funzioni a loro attribuite invece nelle culture basate sulla scrittura o sulla stampa.<sup>34</sup>

L'incerta divisione delle parole è un altro degli elementi tipici della scrittura popolare (*allarecolto, l'arecolto, unpò, maviscrivamo*). Le interferenze lessicali del portoghese sono molte (*attrasadi*), ma in particolare appaiono significative quelle relative al lavoro dei campi, come se testimoniassero la sedimentazione di elementi di cultura locale che in lingua madre non avevano un corrispettivo culturalmente abbastanza forte e stabile da resistere a tali interferenze. La valenza sociolinguistica di espressioni come *culietta del caffè*, operazione che sicuramente non faceva parte delle abitudini contadine prima dell'arrivo in Brasile, o *miglio per granoturco*, ha il potere di evocare trasformazioni culturali profonde in atto negli scriventi.

Anche la presenza di modelli burocratici imitati in modo goffo (*trovansi, l'ubbligazione toltasi, residenti colà*) è un altro elemento ricorrente nella scrittura popolare, tra quelli che abbiamo segnalato all'inizio di questo lavoro.<sup>35</sup>

33. Riguardo alla persistenza delle formule nella scrittura epistolare dei ceti subalterni hanno insistito tutti gli studi, a partire dai classici di THOMAS William Isaac e ZNANIECKI Florian, *Il contadino polacco in Europa e in America*, cit.; e SPITZER Leo, *Lettere di prigionieri di guerra italiani*, cit. Le conclusioni a cui gli autori sono pervenuti, percorrendo strade diverse ed analizzando generi e contesti geografici e culturali fra loro molto distanti, presentano molte analogie e confermano ulteriormente la tesi dell'uniformità di fondo delle corrispondenze popolari. Ma come spesso accade, pur rimanendo dei punti di riferimento fondamentali per chiunque si voglia avvicinare allo studio di questi documenti, questi celebri studi hanno anche, in qualche misura, contribuito alla formazione di pregiudizi e stereotipi – l'uniformità e la formularietà è tale da rendere questi documenti praticamente tutti uguali e inutili per il ricercatore, sia esso storico o linguista – che ancora oggi pesano su questo genere di documenti.

34. FRANZINA Emilio, *L'epistolografia popolare e i suoi usi*, in *Per un Archivio della scrittura popolare*, «Materiali di lavoro», n. 1-2, 1987, pp. 27-28.

35. In particolare cfr. CORTELLAZZO Manlio, *Avviamento critico allo studio della dialettologia italiana*, cit.; e BERRUTO Gaetano, *L'Italiano popolare*, cit.

L'importanza di ricevere posta e mantenere saldi i legami familiari attraverso la corrispondenza è ben messa in evidenza dall'espressione *Saessimo desiderosi di sapere* –reinvenzione creativa e straordinariamente suggestiva di un condizionale che riesce a comunicarci direttamente l'ansia di notizie che poteva attraversare gli oceani, ripetuta per due volte, nonché dallo spazio dedicato all'elenco delle persone da salutare che occupa quasi una pagina e mezza dell'intero testo. L'interferenza grafica del portoghese è evidente in espressioni come *commio Zio o com mia Zia*. Che parte del testo sia stata aggiunta dopo, e scritta di traverso è un altro elemento tipico di questi documenti, in cui gli aspetti grafici e materiali hanno una rilevanza notevole nell'aiutarci ad identificare il grado di dimestichezza con il mezzo scrittorio dell'autore. La sostituzione della z con la s in *speransa e abitazione*, è altra interferenza del portoghese o forse il retaggio di un sostrato dialettale tipico del nord-est padano (ma non abbiamo dati certi sulla provenienza regionale dello scrivente), già notato nel caso dei soldati della Grande guerra. Un'ultima questione di particolare importanza resta da segnalare: la preoccupazione per sapere se qualche parente è partito per la *grande guerra Italo-turca*. Par di intravedere l'eco della propaganda di guerra che la stampa in lingua italiana riportava a São Paulo: l'evento non viene citato come guerra di Libia, ma appunto come *grande guerra Italo-turca*, ossia la dizione che veniva riportata sulle prime pagine della stampa locale, la prima grande mobilitazione nazionale che ha visto schierati a favore della guerra intellettuali e poeti internazionalmente noti e soprattutto fino ad allora schierati con il movimento socialista, com'è stato il caso di Giovanni Pascoli. Ciò significa che l'attenzione alle questioni politiche internazionali e italiane in particolare era costante, così come il livello di informazione attualizzato sia attraverso la stampa, sia attraverso la corrispondenza.

L'analisi di questa lettera è solo un esempio della ricchezza e delle possibilità offerte da una fonte di questo tipo. Avere a disposizione un serbatoio di materiale così ricco è un'occasione straordinaria per cominciare a ragionare sui mutamenti delle lingue a contatto anche dal punto di vista della scrittura e non solo del parlato, in maniera non episodica. Il fondo delle *Lettere di Chiamata*, offrendoci la possibilità di analizzare una quantità considerevole di documenti, indubbiamente dei frammenti, delle schegge di quell'enorme flusso di carta che è stato scambiato fra l'Italia e il Brasile – ma la serialità in questo genere di documenti è impossibile e, in certa misura, inutile, proprio perché lo studio che se ne può fare è sempre di carattere qualitativo – può diventare l'occasione per addentrarsi in profondità nei meccanismi di contaminazione e cambiamento linguistico di cui i processi migratori sono un potente acceleratore.



## Bibliografia

- BANFI Emanuele, *Analisi variazionistiche nelle lettere di un migrante ladino in Brasile a metà '800*, in Id. e CORDIN Patrizia (a cura di), *Pagine di scuola, di famiglia, di memorie. Per una analisi del multilinguismo nel Trentino austriaco*, Museo Storico in Trento, Trento, 1996.
- BARTOLI LANGELI Attilio, *La scrittura dell'italiano*, Il Mulino Bologna 2000.
- BASSANEZI Maria Silvia Beozzo, *População, imigração e propriedade da terra: procedimentos de pesquisa*, «XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais», ABEP, Caxambu - MG, 18-22 settembre 2006.
- BENDOCCHI Alves Débora, *Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro-Turingia (1852-1853)*, in «Revista Brasileira de História», n. 45, 2003, pp. 155-184.
- BERRUTO Gaetano, *L'Italiano popolare*, in IDEM, *Lineamenti di sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*, La nuova Italia Scientifica, Roma 1987, pp. 107-140.
- BRUNI Francesco (a cura di), *L'italiano nelle regioni. Lingua nazionale e identità regionali*, Utet, Torino 1992.
- BRUNI Francesco (a cura di), *L'italiano nelle regioni. Lingua nazionale e identità regionali*, Utet, Torino 1992.
- BUENO Alexandre Marcelo, *Intolerância Lingüística e Imigração*, 2006, Tese de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Lingüística Geral da FFLCH-USP, orientadora Profa Dra, Diana Luz Pessoa De Barro.
- CARDONA Giorgio Raimondo, *Introduzione all'etnolinguistica*, Il Mulino, Bologna 1976.
- CARELLI Mario, *Carcamano e comandadores. Os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930)*, Ática, São Paulo 1985.
- CHEDA Giorgio, *L'emigrazione Ticinese in Australia*, Armando Dadò Editore, Locarno 1979.
- CHEDA Giorgio, *L'emigrazione Ticinese in California*, Armando Dadò Editore, Locarno, 1981.
- CORTELLAZZO Manlio, *Avviamento critico allo studio della dialettologia italiana*, Vol. III, *Lineamenti di italiano popolare*, Pacini, Pisa 1972.
- COVERI Lorenzo, *Italiano popolare, scrittura popolare: una prospettiva linguistica*, in «Materiali di lavoro», n. 1-2, 1987.
- CROCI Federico e BONFIGLIO Giovanni, *El baúl de la memoria. Testimonios escritos de inmigrantes italianos en el Perú*, Fondo Editorial del Congreso de la República del Perú, Lima 2002.
- CROCI Federico, *Modernizzazione e pratiche comunicative. La scrittura dell'italiano nel XX secolo*, in «Italianistica», n. XII, in particolare pp. 115-132.
- CROCI Federico, *Scrivere per non morire. Lettere dalla Grande Guerra del soldato bresciano Francesco Ferrari*, Marietti (ora Paravia-Scriptorium) Genova 1992.
- DAVATZ Thomas, *Memórias de um colono no Brasil: 1850*, Edusp, São Paulo 1980 (con prefazione e note di Sergio BUARQUE DE HOLLANDA).
- DE AMICIS Edmondo, *Sull'Oceano*, (a cura di BERTONE Giorgio), Diabasis, Reggio Emilia, 2005.
- DE MAURO Tullio, *Storia linguistica dell'Italia unita*, Laterza, Roma-Bari 2005<sup>o</sup>.
- DEVOTO Fernando, *Algo más sobre las cadenas migratorias de los italianos a la Argentina*, in «Estudios Migratorios Latinoamericanos», n.19, 1991.
- DEVOTO Fernando, *Le migrazioni italiane in Argentina. Un saggio interpretativo*, Officina Tipografica, Napoli 1994.
- DEVOTO Fernando, *Liguri nell'America australe: reti sociali, immagini, identità*, in RUGAFIORI Paride e GIBELLI Antonio (a cura di), *Storia d'Italia, Le regioni, dall'unità a oggi. La Liguria*, Einaudi, Torino 1994, pp. 651-688.
- FABIETTI Ugo, *Storia dell'antropologia*, Zanichelli, Bologna 2001.
- FAUSTO Boris e DEVOTO Fernando, *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*, Editora 34, São Paulo 2005<sup>o</sup>.
- FRANZINA Emilio, *L'epistolografia popolare e i suoi usi*, in *Per un Archivio della scrittura popolare*, «Materiali di lavoro», n. 1-2, 1987, pp. 21-76.
- FRANZINA Emilio, *L'immaginario degli emigranti. Miti e raffigurazioni dell'esperienza italiana all'estero fra i due secoli*, Pagus, Treviso 1992.

- FRANZINA Emilio, *Merica! Merica Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina (1876-1902)*, Milano, Feltrinelli, 1979 (Verona, Cierre Edizioni, 1994<sup>2</sup>).
- GIBELLI Antonio e CAFFARENA Fabio, *Le lettere degli emigranti*, in BEVILACQUA Piero a, DE CLEMENTI Andreina e FRANZINA Emilio (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana*, Vol. I, *Partenze*, Roma, Donzelli, 2001, pp. 563-574.
- GIBELLI Antonio, *Il popolo bambino. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò*, Einaudi, Torino 2005, pp. 277-290.
- GIBELLI Antonio, *L'officina della guerra, La Grande Guerra e le trasformazioni del mondo mentale*, Bollati Boringhieri, Torino 1998<sup>2</sup>.
- HALL Michael, *Imigrantes na cidade de São Paulo*, in PORTA Paula, (a cura di), *História da Cidade de São Paulo*, vol. III, Paz e Terra, São Paulo 2004.
- HORN IOTTI Luiza (a cura di), *Imigração e colonização, legislação 1747 a 1915*, Educs, Caxias do Sul 2001.
- LONGO di Cristofaro Gioia, MARIOTTI Luciana (a cura di), *Modelli culturali e differenza di genere*, Armando, Roma 1998.
- LUSSANA Filippo, *Lettere di illetterati. Note di psicologia sociale*, Zanichelli, Bologna s.d. [1913].
- MACHADO CAMPOS Cynthia, *A política da língua na era Vargas. Proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil*, UNICAMP, Campinas 2006.
- MALINOWSKY Bronislav, *Teoria científica della cultura*, Feltrinelli, Milano 1962.
- MEZZADRA Sandro, *Diritto di fuga. Migrazioni, cittadinanza e globalizzazione*, Ombre Corte, Verona 2006.
- Parlare fascista. Lingua del fascismo, politica linguistica del fascismo*, inserto monografico in «Movimento Operaio e Socialista», n. 1, anno VII, 1984.
- PETRUCCI Armando, *Scrivere lettere. Una storia plurimillennaria*, Laterza, Roma-Bari 2008.
- RAMELLA Franco, *Reti sociali, famiglie e strategie migratorie*, in BEVILACQUA Piero, DE CLEMENTI Andreina, FRANZINA Emilio (a cura di), *Storia dell'emigrazione italiana*, Vol. I, *Partenze*, cit., pp. 143-160.
- SERVETTI Lorenza, *Vado nella Merica: è lì di là dalle colline. Budrio e la grande emigrazione (1880-1912)*, Marsilio, Venezia 2003.
- SERVETTI Lorenza, *Vado nella Merica: è lì di là dalle colline. Budrio e la grande emigrazione (1880-1912)*, Marsilio, Venezia 2003.
- SPITZER Leo, *Lettere di prigionieri di guerra italiani 1915-1918*, Boringhieri, Torino 1976.
- THOMAS William Isaac e ZNANIECKI Florian, *Il contadino polacco in Europa e in America*, Edizioni Comunità, Milano 1968, 2 voll..
- VANGELISTA Chiara, *Os Braços da lavoura. Imigrantes e caipiras na formação do mercado de trabalho paulista (1850-1930)*, São Paulo, HUCITEC 1991.
- VEDOVELLI Massimo, *L'italiano degli stranieri*, Carocci, Roma 2002.
- ZADRA Camillo e FAIT Gianluigi (a cura di), *Deferenza. Rivendicazione. Supplica. Lettere ai potenti*, Treviso, Pagus Edizioni, 1991.

## Fonti

- Arquivo do Estado de São Paulo [AESP], serie Inspetoria de Terras e Colonização, *Boletim da Diretoria de Terras, Colonização, e Imigração*.
- Arquivo do Estado de São Paulo [AESP], serie Secretaria da Agricultura, Departamento de Imigração e Colonização, *Estatística dos trabalhos executados pelo Departamento de Imigração e Colonização durante o ano de 1961*, São Paulo, 1962.
- Arquivo do Estado de São Paulo [AESP], serie Secretaria da Agricultura 1823-1926, Comércio e Obras Públicas, *Comunicado de 13 de fevereiro de 1909*.
- Arquivo do Memorial do Imigrante [AMI], São Paulo, Fondo Documentos Pessoais, *Cartas de Chamada*.
- MUSSOLINI Benito, *Scritti e Discorsi di Benito Mussolini*, Vol. II, *La Rivoluzione Fascista (23 marzo 1919 – 28 ottobre 1922)*, Hoepli, Milano 1934.





# DISCURSO E MEMÓRIA: IDENTIDADE NA LÍNGUA, NO TEMPO E NO ESPAÇO

DORIS NATIA CAVALLARI  
GILIOLA MAGGIO

**RESUMO** O texto traça o percurso dos imigrados de Pedrinhas Paulista, seu processo de adaptação e de apreensão da nova língua, permeado pelo discurso do padre, Dom Ernesto, uma das figuras centrais da comunidade pedrinhense. Além disso, são analisados textos escritos por ele, elaborados no intuito de manter seus fiéis unidos.

**PALAVRAS-CHAVE** língua; discurso; identidade; memória; imigração.



**ABSTRACT** *Il testo traccia il percorso degli immigrati di Pedrinhas Paulista, il loro processo di adattamento e di apprendimento della nuova lingua, permeato dal discorso del parroco, Don Ernesto, una delle figure centrali della comunità pedrinhense. Oltre a ciò, sono analizzati dei testi scritti da lui, allo scopo di mantenere uniti i fedeli.*

**PAROLE CHIAVE** *lingua; discorso. identità; memoria; immigrazione.*

**ABSTRACT** *This paper looks into the journey of Pedrinhas Paulista's immigrants, their process of adaptation and acquisition of the new language, enriched by the discourse of Priest Dom Ernesto, a pivotal character in the local community. Furthermore, the paper looks into texts authored by him in an attempt to keep his congregation together.*

**KEYWORDS** *language; discourse; identity; memory; immigration.*

# N

a pequena cidade do interior do Estado de São Paulo, Pedrinhas Paulista,<sup>1</sup> originada de uma Colônia formada por imigrantes italianos, identificamos elementos ligados à problemática de sua inserção num ambiente totalmente diverso daquele de origem e de como ocorre a construção da identidade através do espaço e da língua.

A Colônia é fruto de um acordo assinado em outubro de 1949, que regularizava todas as pendências entre os o Brasil e a Itália ocorridas em consequência da Segunda Guerra Mundial, e acionava o tratado de paz de 10 de fevereiro de 1947, desvinculando todos os bens italianos bloqueados pelo governo brasileiro durante a Guerra, sob a condição de que fossem usados para compra de terras e infra-estruturas em projetos de colonização. A Itália enviaria agricultores para colonizar áreas destinadas ao cultivo.

Os imigrantes, ao deixarem a Pátria, tinham idealizado uma imagem do Brasil que, na maioria das vezes, era fabricada pelos agentes interessados em reunir mão-de-obra para a emigração. As informações obtidas pelos imigrantes normalmente eram tendenciosas e criavam, dessa forma, um país que na realidade não existia.

O material que coletamos entre os anos de 1999 e 2000, em Pedrinhas Paulista, compreende 45 entrevistas<sup>2</sup> com o grupo de imigrantes anciãos e seus filhos nascidos na Itália; 115 questionários destinados aos filhos e netos, nascidos no Brasil; 98 redações elaboradas por estudantes (descendentes de italianos e não-descendentes) do Ensino Fundamental e Médio da cidade, confrontadas com redações de mesmo tema coletadas, em 1965, pelo antropólogo João Baptista Borges Pereira, para sua pesquisa de Doutorado. Entretanto, nos deteremos fundamentalmente em trechos

1. Pedrinhas Paulista localiza-se na Bacia do Paranapanema, na direção Sudoeste do Planalto Paulista, na região da Alta Sorocabana, aproximadamente a 550 km da Capital Paulista; faz limites com os municípios de Cruzália, Florínea e Maracá, no Estado de São Paulo e com o município de Sertaneja, no Estado do Paraná;

2. Dos 45 entrevistados, 25 pertencem ao grupo dos mais velhos e 20 ao grupo dos que chegaram à Colônia ainda jovens e crianças; desses imigrantes, 24 são provenientes do Vêneto, 11 do Lazio, dois do Abruzzo, dois do Trentino, um da Lombardia, um da Emilia Romagna, um da Calabria, um do Friuli, um da Umbria e um da Puglia; o grupo dominante na comunidade é originário do Lazio, seguido pelo grupo Vêneto e Abruzzo. Predomina nos dois grupos a agricultura como profissão, para os homens, e as mulheres são donas-de-casa; são exceções o farmacêutico e a farmacêutica, os comerciantes (três), a costureira, a pequena empresária e o diretor da Cooperativa.

retirados das entrevistas,<sup>3</sup> a fim de analisar elementos relativos aos discursos do padre, guia espiritual e ideológico do grupo de imigrantes, cujos conteúdos recorrem na fala dos italianos da antiga Colônia e seus descendentes. O material restante nos servirá como complemento para que possamos compor o quadro geral da comunidade.

Encontramos nos testemunhos orais dos italianos de Pedrinhas Paulista alusões à terra prometida, imagem mitizada e construída pela forte propaganda publicitária exercida no país de origem, a fim de convencê-los a emigrar. O novo lugar era idealizado como se fosse o paraíso, espaço que precisava ser trabalhado pelo homem. Tal visão emana dos relatos dos italianos pedrinhenses e coloca o imigrante quase como um herói desbravador. Entretanto, é necessário ressaltar que a primeira impressão para a maioria foi negativa, ao constatar a dificuldade de inserção no novo país e o sentimento de perda ao ter de deixar para trás a própria aldeia e, muitas vezes, entes queridos.

Foram inúmeras as dificuldades encontradas no primeiro contato com a nova terra, como a discrepância entre as dimensões e a paisagem italiana e brasileira; a diversidade do agrupamento humano; diferenças do clima, da cor da terra (esta região é famosa por sua terra vermelha) e da água. Ainda hoje os imigrantes recordam-se e confrontam como contrastavam as cores escuras do solo de Pedrinhas e de sua água com a alvura da terra e a cristalinidade da água da aldeia. No relato intenso, principalmente das mulheres, ressaltam-se os dois mundos: o abandono do branco da paz para enfrentar o vermelho, representativo da luta e do sofrimento na adaptação ao novo lugar. Tais elementos remetem à saudade de sua aldeia, acolhedora e aconchegante, contraponto fundamental ao novo lugar, sentido árido e distante.

À sua chegada, os imigrantes eram recebidos, no período da seca, pela poeira vermelha levantada pelo vento e o excessivo calor; na época das chuvas, pela “lama grudenta como cola”, como alguns a descrevem. A esperá-los estavam os dirigentes da Companhia, o padre, os italianos bem-sucedidos (ou mais resignados), recebendo-os com frases como: “estamos muito bem!”, “você não vão se arrepender de ter vindo para cá”, “verão como fizeram bem em vir!”, dentre outras palavras de apoio e encorajamento, demonstrando o bem-estar de todos e, na maioria das vezes, ocultando o verdadeiro sentimento que os afligia. Observamos, na composição da cena da chegada das novas famílias, o quadro de uma comunidade feliz, da família reunida, que luta e encoraja a vencer as adversidades.

O destino de Pedrinhas, entretanto, era de outra sorte. A cidade idealizada e construída para fins produtivos e lucrativos, localizada próxima a grandes rodovias, tem hoje seus produtos agrícolas facilmente escoados. A Cooperativa, situada estrategicamente à entrada principal da cidade, dá a dimensão de sua importância enquanto elemento centralizador da economia. Duas avenidas principais, a “Brasil” (por onde se tem acesso ao centro urbano, composta por duas pistas mediadas por um canteiro central) e a “Itália”, representam no espaço o encontro e o entrelaçamento de dois povos e de duas culturas.

Ainda hoje a Igreja é uma das únicas representações que espelha com clareza a realidade na qual se localiza o imigrante pedrinhense, apesar dos cinquenta anos de imigração.

3. Para a transcrição do material foram utilizadas as regras do projeto NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Lingüística Culta; entretanto, nos trechos mencionados neste texto foram usados apenas alguns sinais de transcrição, tais como parênteses (trecho não compreendido ou não mencionado); reticências (pausa); ponto de interrogação. A fala do entrevistador foi omitida propositadamente, a fim de ressaltar somente o conteúdo sob análise. A tradução procura manter-se fiel à fala original.



O italiano de Pedrinhas Paulista, retirado de sua terra natal e destituído de suas regras sociais, foi inserido num ambiente onde as normas foram feitas para satisfazer uma comunidade italiana. Talvez por isso até hoje a idéia do “pedacinho da Itália no Brasil” ainda resista, reforçada pela reconstrução do imaginário social recriado fora da Península. Ao mesmo tempo em que perderam sua porção de aldeia, recriaram, em solo brasileiro, as regras italianas pedrinhenses, que perderam, passando de geração a geração.

Nas redações de 1965 e nas de 2000, são unânimes as opiniões positivas a respeito do padre. Ainda hoje ele é considerado o centro, a viga mestra da comunidade, e é sempre citado como o “chefe”, o “detentor do poder” e o “fundador de Pedrinhas”. A figura do padre fundador, Dom Ernesto, teve um papel fundamental na questão da manutenção dos costumes, nos valores éticos e morais da comunidade, chegando a interferir pessoalmente e individualmente como conselheiro espiritual e muitas vezes como pai, em nome da manutenção de uma pureza étnica, que por vezes chegou a extremos. Sua figura mitificada aparece como controladora e autoritária. Sem dúvida, é o mais importante personagem da história dessa comunidade.

A Igreja é a primeira marca autêntica de tentativa de reconstrução de uma identidade italiana em Pedrinhas. Ergueu-se, contemporaneamente a ela, o campanário, alto, para chamar e reunir os fiéis para a missa. Durante anos a Igreja e o campanário foram os elementos que mais se destacaram no cenário urbano de Pedrinhas. A Igreja de “São Donato” foi assim denominada em homenagem ao padroeiro de *San Donà di Piave*, cidade de origem do padre e dos trinta primeiros imigrantes que iniciaram a construção da Colônia.

Nas missas dominicais, realizadas em italiano, até meados dos anos 70, os sermões de Dom Ernesto insistiam na força necessária aos imigrantes para suportar e superar obstáculos. Sua presença e sua atuação foram fundamentais para auxiliar na construção da imagem de uma pequena Itália por parte dos imigrantes de Pedrinhas.

A título de exemplo, destacaremos trechos de sermões do padre que uniam a mensagem religiosa às suas intenções de preservar o patrimônio cultural das famílias sob sua tutela. O culto religioso constituía o momento em que o reverendo se dirigia a todos os fiéis, indicando diretrizes de comportamento.

A análise que propomos para alguns dos textos de Dom Ernesto baseia-se, principalmente, nas idéias de Bakhtin para quem todo “*signo é ideológico*” (1991:31) e a palavra, que é sempre um *ideologema* (1990:135), realiza a idéia do homem sobre seu mundo.

Dentre os conceitos de Bakhtin, interessa-nos aqui observar as diferenças de duas categorias que constam do capítulo IV, “A pessoa que fala no romance”, de seu livro *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* (1990). Nesse capítulo, o crítico discute sobre formas de transmissão do discurso e chega a duas modalidades: a de *palavra autoritária*, típica das categorias ligadas ao poder (religiosa, política, moral, a palavra dos pais e professores, etc) — que “exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão

interior no que nos diz respeito, nós já a encontramos unida à autoridade” (1990:143) — e a de *palavra interiormente persuasiva* que “é metade nossa, metade de outrem” e nos revela possibilidades diferentes de significação, é a palavra “determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual” (1990:145).

A estes conceitos unem-se os de Perelman,<sup>4</sup> estudioso belga que retoma e amplia os elementos básicos da retórica clássica para propor sua “nova retórica” e que afirma que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um instrumento de persuasão e convencimento. Em seu tratado, o crítico observa: “Propomo-nos chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional” (1996:31). O autor discute sobre a variação que pode haver entre os dois termos (persuasão e convencimento), comentando textos clássicos, como *A crítica da razão pura* de Kant, entre outros. Interessa-nos, contudo, seu ponto de vista sobre a questão de persuadir, enquanto capacidade de fazer aceitar argumentos não apenas pela razão, mas por uma identificação com o orador.

Dom Ernesto serve-se essencialmente da *palavra autoritária*, que não admite questionamentos, para tornar persuasivo seu discurso e garantir seu lugar de liderança da comunidade de imigrantes. O padre domina o discurso religioso e privilegia-se dele para definir o comportamento ideológico, não só religioso, pois apela ao patriotismo e à necessidade de o grupo manter a própria identidade. Elemento fundador deste tipo de discurso é a revelação advinda da passagem de Cristo sobre a terra; o homem terá nela um modelo pela eternidade, pois todo futuro já está determinado pela revelação passada da verdade universal cristã.

Em discurso feito para comemorar a festa da Sagrada família de Nazaré, escrito em italiano em 1958 e adaptado e traduzido pelo próprio padre em duas ocasiões, em 1985, é possível observar como Dom Ernesto convida as famílias a manterem seus laços. Ele começa seu discurso, em 1958, falando da “capanna” (casebre) e depois da “umile casetta” que encontrará tradução literal na “humilde casinha”, do texto de 1985. Nos textos em italiano e em português, o padre fala do retorno ao lar da sagrada família, após visita obrigatória ao templo para o ritual de purificação, quando Jesus completou 12 anos, e afirma que naquele lar, onde “faltavam tantas coisas”, reinava a paz, pois a alegria, Jesus, vivia nele.

Os textos exortam os fiéis a tomarem como “modelo” aquela família, em que a mãe “é a verdadeira dona da casa e vive para a família”, o pai é “homem justo e venerando, indefesso trabalhador que, com o suor de sua fronte, provê às necessidades da família” e o menino é o “sorriso dos pais, que cresce em bondade, sapiência e graça diante de Deus e dos homens” (1958 – tradução nossa).

Dom Ernesto, por várias vezes, enumera três características para ilustrar sua fala. O modelo a ser seguido é o da família de Jesus composta por pai, mãe e filho (que cresce em bondade, sapiência e graça). Diz ainda que o que afasta Jesus das casas dos fiéis é a “blasfêmia dos pais, o desregramento dos filhos e, talvez, o pecado das mães”; apela ainda para a “serenidade, tranqüilidade,

4. PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado sobre a argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

paz” que só poderão ser conquistadas pela comunidade dos italianos “exilados de sua terra natal” pela presença de Jesus.

Vemos que o padre formula seu texto utilizando-se muito do número três, caro aos cristãos, por relembrar a santíssima trindade e a perfeição divina. Eni Orlandi, em seu texto *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*<sup>5</sup> observa:

Formular é dar corpo aos sentidos. E, por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos. Sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. (2001:9)

História que, no parecer do padre, deve ser escrita segundo modelo divino, cujo exemplo na terra foi dado pela harmonia da santa família.

Além de procurar, com seu sermão, manter unidas as famílias, base da estrutura social, o sacerdote refere-se aos fiéis como “emigrantes” (6 anos após sua vinda para o Brasil) e “exilados”, em discurso feito em língua italiana, para reforçar aos fiéis a necessidade de não esquecer suas origens e sua identidade. Ele termina seu discurso dizendo:

Quest’anno abbiamo un motivo tutto speciale per celebrare con festa questa festa, siamo emigranti, siamo per così dire in esilio in cerca di pane e lavoro e quale cumulo di sacrifici, quale cumulo fatiche disumane a noi! E bene, sappiate che proprio per noi, proprio per le famiglie degli emigranti il papa ha dato come esempio, modello di sostegno, la santa famiglia di Nazareth. *Specchiamoci* in quello, *imitiamo* quella, *facciamo* che Gesù segni nelle nostre case e state certi ritornerà la serenità, la tranquillità e la pace.<sup>6</sup> (grifos nossos)

Dom Ernesto termina seu sermão com uma exortação utilizando-se do modo imperativo (espelhos, imitemos, façamos, fiquem – verbos grifados no texto original) e do estilo paratático; usa a palavra autoritária, pela alusão a uma fé em algo maior e não pela racionalidade. Mas, ao mesmo tempo, usa os termos “emigrantes e exilados”, retomando uma realidade histórica recente: a guerra e a destruição que obrigaram os homens a procurarem novas terras em busca de “pão e trabalho” e utiliza, ainda, a primeira pessoa do plural, “nós”, de modo que, ao relembrar “quantos sacrificios e esforços desumanos para nós”, o padre insere-se nas lutas e compartilha os sentimentos dos “exilados italianos”.

O reconhecimento do exílio, a percepção do afastamento e da nostalgia, do *mal du pays*, intensificam a sensação de deslocamento e o desejo impossível do retorno imediato; esses fatores forne-

5. ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas/SP: Pontes, 2001.

6. “Este ano temos um motivo especial para celebrar esta festa, somos emigrantes, somos por assim dizer em exílio, em busca de pão e trabalho e quantos sacrificios, quantos esforços desumanos para nós. Pois bem! Saibam que justamente para nós, justamente para as famílias de emigrantes o papa deu como exemplo, modelo de sustentação, a santa família de Nazaré. Espelhem-nos nela, imitemo-la, façamos com que Jesus abençoe nossas casas e, fiquem certos, retornará a serenidade, a tranqüilidade, a paz”.

cem ao discurso de dom Ernesto duas direções. A primeira, da solidariedade (“pelos sacrifícios e esforços impostos *a nós*”), faz com que a sua seja a *palavra interiormente persuasiva* que “é metade nossa, metade de outrem” e nos revela possibilidades diferentes de significação, é a palavra “determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual” (1990:145).

Ao mesmo tempo, o termo “exílio”, utilizado neste contexto (o sermão do padre durante a missa,) assume valor “cósmico”, já que as condições de exílio, de nostalgia, de uma intensa necessidade de retorno às origens passam a ser, mais do que retorno à Itália, a necessidade de retorno ao “paraíso perdido”. Os emigrados assumem, então, valor de “povo escolhido por Deus” que precisa superar as provas, para poder voltar ao lar divino; do mesmo modo, a voz de Dom Ernesto, o pastor, assume valor profético, ao recordar a essas almas o seu ponto de origem, não mais Itália, mas o reino de Deus. Os “emigrantes”, como os chama dom Ernesto, são um povo de Deus, distante da sua terra, mas unido pela língua, pela cultura e pelos laços de família que devem espelhar-se no arquétipo, no melhor modelo para a humanidade: “a sagrada família”.

Nos discursos de 1985, vinte e sete anos mais tarde, o padre já não fala em exílio e faz seu sermão em português, porque as exigências da colônia, agora rica e com inúmeros empregados brasileiros, são outras, mas convida os fiéis a serem pais mais atentos e a manterem a união da família, visto que as crises e tragédias ocorrem graças ao “desequilíbrio moral do mundo contemporâneo e à desintegração da família”.

Nesses sermões, o reverendo alerta que os pais abandonaram as escolas da moralidade e da espiritualidade em nome da preocupação com a carreira dos filhos, que “soltam com dinheiro nas cidades para estudar, sem preocupar-se em formá-los na verdadeira responsabilidade, sem o educarem num clima de verdadeira liberdade, a fim de que cumpram as suas obrigações para com Deus e com a sociedade”. Ele insiste que os pais devem seguir seus filhos “com solicitude e energia”, para evitar tragédias e crises e para que estes sejam “*sua honra* na vida, seu *consolo* na velhice e seu *prêmio* na eternidade” (grifos do próprio autor). Retoma mais uma vez o exemplo da sagrada família e o uso do número três, como meios de reforçar a questão da honradez na terra e da salvação pela eternidade.

A manutenção da família, unida no lugar de origem, agora Pedrinhas Paulista, a pequena Itália construída com o trabalho dos imigrantes sob sua orientação, é a solução para manter a identidade local da rica e próspera comunidade italiana, por isso o padre exorta os fiéis a cumprirem seu dever para que, além das comodidades materiais, cada lar seja “um verdadeiro ninho de amor, de felicidade e de paz entre todos os seus membros”.

Dom Ernesto muda de língua, mas a entoação de seu discurso é sempre a mesma. Ele busca agora preservar uma outra identidade, não mais a dos “emigrantes”, mas a dos pedrinhenses.

Os discursos de padre Ernesto, repletos de axiomas e formulados com estruturas paratáticas e formas verbais imperativas, além das muitas referências à comunidade como um todo pelo uso de “aqueles que, as famílias, etc.”, caracterizam seu discurso de pregador e fundador da Missão

de cura de Pedrinhas, não só como um discurso religioso, mas também como o de um guia político-ideológico disposto a mostrar os caminhos para os “emigrantes italianos” na nova pequena Itália brasileira.

Dom Ernesto, contudo, não se limitou ao discurso, mas procurou criar um ambiente italiano de vários modos. Uma das marcas deixadas pelo padre são os ciprestes plantados na frente do cemitério de Pedrinhas e da Igreja, os quais remetem à sua aldeia de origem, sendo a viva representação de uma característica italiana na paisagem do lugar.

A importância dos ciprestes está presente nos relatos a seguir e denota o quão preciosos foram para o padre e para toda a comunidade, como elementos que mantêm um elo direto com a luta pela adaptação do próprio imigrante na terra prometida e o desejo de dar-lhes um pouco da paisagem italiana.

( ) lui ha portato le sementi, è, le sementi ha portato, ma non hanno preso molto bene ( ) son morti più della metà perchè c’era ‘na malattia che avevano preso, so che ... non era il vero cipresso ... dopo qua è stato trovato il cipresso, adattato a questo e allora adesso sono quelli che sono qui ( ). Ma ha combattuto tanto Don Ernesto perché non erano abituati, i cipressi erano abituati al clima di là di San Donà di Piave ... il freddo...<sup>7</sup>

( ) lui li ha portati, poi ne portava uno, due in ogni famiglia per ricordare dell’ Italia, perché lui aveva molta tradizione ( ) lui voleva solo che restassi uma colonia italiana...<sup>8</sup>

“Emigrante” como seus compatriotas, Dom Ernesto enfrenta o mesmo sofrimento dos companheiros, portanto, sente como sua aquela colônia e deseja uma pequena Itália para os imigrantes e para si. A religião e a educação são os principais instrumentos do padre para atrair os fiéis: as missas em italiano e o ensino da língua italiana no jardim da infância foram elementos fundamentais na tentativa de manutenção de uma identidade italiana, embora os imigrantes provindos de diversas regiões da Itália logo comesçassem a fazer uso do que chamamos de interlíngua<sup>9</sup> para a comunicação (Berruto, 1998:42).

Ainda hoje podemos observar nos testemunhos orais dos italianos a forte presença de elementos do discurso do padre fundador, traços marcantes na construção de uma identidade italiana pedrinhense. É a união familiar, os bons filhos junto aos pais, o trabalho e a repulsa contra quem não gosta de trabalhar, como se pode verificar na fala orgulhosa do testemunho a seguir:

... i bambini crescendo mio marito lavorando abbiamo lavorato tutti perché io son(o) una persona (che) mi piace molto lavorare ah (quanto però) io (lo) dico sempre mi

7. Entrevista concedida em julho de 1999 – “( ) ele trouxe as sementes, é, trouxe as sementes, mas não pegaram muito bem ( ) morreu mais da metade porque pegaram uma doença, sei que ... não era o verdadeiro cipreste ... depois, aqui, foi encontrado o cipreste, adaptado a isso e então agora, são aqueles que estão aqui [os adaptados] ( ). Mas Dom Ernesto lutou tanto, porque não estavam acostumados, os ciprestes estavam acostumados ao clima de lá, de San Donà di Piave ... o frio”. Tradução nossa.

8. Entrevista concedida em julho de 1999 – “( ) ele os trouxe, depois levava um ou dois para cada família para lembrar-se da Itália, porque ele tinha muita tradição ( ) ele queria somente que ficasse uma colônia italiana ( )”. Tradução nossa.

9. Por interlíngua entendem-se variedades lingüísticas já empobrecidas e reduzidas no léxico, na morfologia e na sintaxe.

piace solo chi lavora e chi è vagabondo non è per me ( ) e la vita è andata così di di di di *soffrimento* (in) comincio ma dopo (guardi) io ho avuto i figli che sono stati molto buoni sempre ubbidiscono sempre lavorando col padre la madre tutti<sup>10</sup>

Na mesma entrevista, a senhora continua a narração sobre a coragem que foi necessária para enfrentar as dificuldades de adaptação ao novo lugar:

... ma (è) ormai *a gente tá enfrentando a gente tem que ter coragem de enfrentar* la vita ma che è stato duro è stato ( ) e allora grazie a Dio abbiamo *enfrentato* lavorato sempre andato avanti ( ) è la vita è una lotta così ( )<sup>11</sup>

Palavras como *trabalho, sofrimento, coragem, enfrentar, obediência, sacrifício e luta*, que fazem parte dos sermões de Dom Ernesto, são recorrentes nos testemunhos dos italianos de Pedrinhas.

No testemunho a seguir, palavras como *coraggio, sopravvivere, enfrentar, appoggiarsi* e a figura de Dom Ernesto revelam-se como elementos primordiais na então Colônia e até os dias atuais:

( ) abbiamo arrivato qui non abbiamo trovato niente un poco di strano l'abbiamo trovato ma la volontà il coraggio dell'emigrante quando disradica la la dalla come si dice radice vecchia enfrenta tutto ... adesso chi ha fatto il proposito di dire "no qui c'è come sopravvivere" ( ) ... e allora siamo siamo procurato di tener coraggio di appoggiarsi l'uno all'altro ... abbiamo avuto un padre veneziano di San Donà di Piave Don Ernesto quello lì ha preso le redi [redini] e ha mantenuto perchè io dico sempre "grazie a 'sto Don Ernesto che oggi Pedrinha esiste" perchè lui è venuto come missionario come padre spirituale e ha fatto la parte di padre ha fatto la parte da console ha fatto la parte da padre di famiglia ... il disanimo è stato grande ... la propria situazione dell'emigrante procura sempre di abbracciarsi uno all'altro ... quello che è successo in Pedrinha o eravamo abruzzesi o veneziani o siciliani nasceva l'amicizia sulla prima vista non c'era ... ci siamo uniti ... no non c'è stato 'na separazione di razze o di regione c'abbiamo procurato sempre di aiutarci di consigliarsi di mantenerci quanto più uniti porque solo così potevamo sopravvivere ...

Sì sì oggi si continua della stessa maniera perchè il tempo è passato ci siamo uniti sempre di più abbiamo costruito sempre di più ... ( ) s'è costruito Pedrinha ... ( ) tutto con l'unione del popolo ( ) sentivamo tutta la stessa necessità tutto lo stesso desiderio di tenere qualcosa di meglio era ... il padrone del paese uno animava da una parte e lui si animava e si tira avanti così né? passiamo qualcosa nostra ai nostri figli ai nostri nipoti ... ( ) la radice non si può perdere perchè se no loro domani ri-

10. Entrevista concedida em julho de 2000 – “as crianças que cresciam meu marido que trabalhava todos trabalhamos porque eu sou uma pessoa (que) gosta muito de trabalhar ah (quanto porém) eu falo sempre gosto só de quem trabalha e quem é vagabundo não tem vez ( ) e a vida foi assim de de de de sofrimento (no) início mas depois olha eu tive os filhos que foram muito bons sempre obedecem sempre trabalharam com o pai a mãe todos ( )”. Tradução nossa.

11. Entrevista concedida em julho de 2000 – “mas (è) a gente tá enfrentando a gente tem que ter coragem de enfrentar a vida mas que foi duro foi ( ) e então graças a Deus enfrentamos trabalhamos sempre fomos em frente ( ) é a vida é uma luta assim ( )”. Tradução nossa.

peto quando si domandano non si ... non sanno chi sono e la grande preoccupazione e la grande responsabilità della persona anziana penso io è giustamente quello di passare alla gioventù l'avventura quello che s'è passato, perchè siam venuti qui perchè certi figli oggi dicono che “i genitori nostri sono stati ignoranti c'hanno portati a 'sto Brasile perchè *não sei que não sei que* perchè in Italia c'era questo e c'era quell'altro” si ... c'era in Italia ma mancava il principale perchè l'Italia nessuno lo può mettere in dubbio che è uno dei più belli paesi del mondo ma “la bellezza non riempe la pancia” come si dice nel dialetto nostro è vero? ( ) ‘sti vecchi ‘sti genitori dovevano far qualcosa e allora la gente l'ha sentuto alla pelle la responsabilità e ... cosa sentivano ‘sti vecchi nostri e allora noi lo sappiamo ... li passiamo ai figli ... ma quelli che non c'hanno detto il perchè hanno venuto qui in Brasile o a 'n altro posto del mondo non lo sanno accusano i genitori di averli tirato dall'Italia perchè l'Italia oggi è un giardino ... invece la realtà non è quella perchè se si stava bene lì se i nostri padri i nostri genitori avevano tutto per poter sopravvivere la famiglia uscivano di lì *prá que*? Non c'era motivo ( )<sup>12</sup> (grifos nossos)

Para poder compreender a relação entre língua e espaço e o poder da fala do padre sobre o pedrinhense é fundamental fazer uma análise da variedade de língua italiana existente em Pedrinhas Paulista. Note-se, no testemunho acima, a ênfase dada à união do grupo que, de acordo com o relato, agiria como uma grande família unida, graças à força moral incutida por Dom Ernesto. A língua, para o italiano pedrinhense, passa a ser uma língua própria, única, como única é a comunidade pedrinhense, formada pelos “emigrados e exilados” guiados pela força e pelos ideais de Dom Ernesto. A força que emana de seus sermões, repetidos e constantemente reelaborados, reforça a idéia inicial da manutenção de um povo unido e coeso em sua moral, costumes e língua.

A antiga Colônia de Pedrinhas, inserida num ambiente estritamente rural em seu início, hoje cede lugar a um espaço heterogêneo composto por mansões que ladeiam a avenida principal da pequena cidade e por novos bairros de casas populares, o que denota como se compõe a sociedade pedrinhense. Há, ainda, numa simbólica representação de avanço urbano, dois prédios inacabados.

12. Entrevista concedida em julho de 1999 – “( ) chegamos aqui não encontramos nada achamos um pouco estranho mas a vontade e a coragem do emigrante quando é arrancado a a da como se diz da velha raiz enfrenta tudo ... agora quem veio com o propósito de dizer “não aqui há como sobreviver” ( ) e então procuramos ter coragem de apoiar-nos um ao outro ... tivemos um padre veneziano de *San Donà di Piave* Dom Ernesto aquele lá tomou as rédeas e manteve porque eu sempre digo “graças a esse Dom Ernesto que Pedrinhas existe hoje” porque ele veio como missionário como pai espiritual e fez a parte de padre fez a parte de cônsul fez a parte de pai de família ... o desânimo foi grande ... a própria situação do emigrante [que] procura sempre abraçar-se um ao outro ... o que aconteceu em Pedrinhas ou éramos abruzeses ou venezianos ou sicilianos nascia a amizade à primeira vista ... não havia ... nos unimos ... não não houve uma separação de raças ou de região procuramos sempre ajudar-nos aconselhar-nos manter-nos sempre unidos porque só assim podíamos sobreviver ... sim sim hoje se continua da mesma maneira porque o tempo passou nos unimos sempre mais construímos sempre mais ... ( ) construiu-se Pedrinhas ... ( ) tudo com a união do povo ( ) sentíamos todos a mesma necessidade todos o mesmo desejo de ter algo melhor era ... o dono da cidade [refere-se ao padre] um animava de um lado e ele se animava e se vai em frente assim né? passamos algo nosso aos nossos filhos aos nossos netos ... ( ) a raiz não se pode perder porque senão eles amanhã repito quando se perguntam não se ... não sabem quem são e a grande preocupação e a grande responsabilidade dos mais velhos penso eu é justamente o de passar à juventude a aventura o que se passou porque viemos para cá porque certos filhos hoje dizem que “os nossos pais foram ignorantes nos trouxeram para este Brasil porque não sei que não sei que porque na Itália tinha isso e tinha aquilo” sim ... havia na Itália mas faltava o principal porque a Itália ninguém pode duvidar que é um dos mais belos países do mundo mas “a beleza não enche a barriga” como se diz no nosso dialeto, não é verdade? ( ) esses velhos esses pais tinham que fazer alguma coisa e então a gente sentiu na pele a responsabilidade e ... o que sentiam esses nossos velhos e então nós o sabemos ... passamos aos filhos ... mas aqueles que não lhes disseram [o] por quê vieram ao Brasil ou a um outro lugar do mundo não o sabem [e] acusam os pais de tê-los tirado da Itália porque a Itália hoje é um jardim ... ao contrário a realidade não é aquela porque se se estava bem lá se nossos pais tinham tudo para que a família pudesse sobreviver por quê saíam de lá, *prá que*? não havia motivo ( ). Tradução nossa.

As mudanças no ambiente urbano de Pedrinhas, ocorridas no decorrer desses anos, evidenciam uma mudança profunda no imaginário das pessoas. A invenção da Pátria, processo que se iniciou com a fundação da Colônia, culmina com a construção dos símbolos atuais, como o Memorial e o Portal da cidade. Tais elementos, inseridos no espaço pedrinhense, ajudam a perpetuar uma visão cada vez mais artificial e estereotipada da Pátria, mas representam, no imaginário local, o retrato da pequena Itália.

Podemos dizer que, numa comunidade estruturada como Pedrinhas, a memória do imigrado não é individual: há traços de memórias individuais que se somam na memória coletiva dos integrantes dessa comunidade e formam, assim, um entrelaçamento de idéias e ideais em que cada um deixou sua marca pessoal e a integrou aos anseios do grupo e da família.

A língua é parte integrante dessa memória e dos testemunhos orais dos italianos de Pedrinhas; nela se percebe uma maneira particular de comunicação, construída de acordo com o dialeto de origem, da facilidade individual de assimilação do italiano falado pelo padre e pelos funcionários da Companhia e de seus contatos com a Itália atualmente. Os imigrantes adultos chegaram a Pedrinhas falando cada um seu dialeto natal. A língua italiana, que supostamente deveriam ter trazido da Itália e à qual se sentem ligados por afeto profundo, para eles, pelo menos em parte, foi construída em Pedrinhas.

Na medida em que se evocam lembranças das testemunhas que chegaram a Pedrinhas ainda adolescentes ou adultos jovens, as recordações trazem à tona fragmentos de língua italiana, porque, quando crianças, ainda na Itália, eles freqüentaram a escola. Por isso, percebemos em seu discurso, depois de tantos anos, uma prevalência do italiano sobre o dialeto; em seus testemunhos, as interferências dialetais são mínimas no plano do léxico, mas notamos certa dificuldade na construção das frases. Talvez, por isso, as noções repetidas pelo padre em seus sermões sejam tão presente nas falas dos pedrinhenses. Os conceitos que ele elaborou de união, fraternidade e coragem para a fundação e manutenção de um espaço italiano mantêm-se na memória como traço de italianidade, de herança da terra natal.

Os primeiros resultados da pesquisa sobre a língua dos imigrados italianos de Pedrinhas Paulista destacam questões relativas à existência de variedades de língua italiana na cidade de São Paulo e em diversos locais próximos ou distantes da capital paulista. Dados importantes num momento em que lingüistas do mundo todo estão envolvidos em estudar as formas e os processos que as línguas sofreram para transformarem-se em variedades lingüísticas diferentes ou até mesmo em outras línguas. São estudos que merecem destaque, não somente do ponto de vista lingüístico, mas também social, a fim de manter-se ou recuperar-se a peculiaridade dessas comunidades.

Na língua falada em geral, sem diferenciar nível de instrução dos interlocutores, pode-se observar que há traços genéricos que contrastam radicalmente dos da língua escrita ou da língua falada transposta para a escrita. Tais traços enfocam a situação e o momento no qual ocorre a conversação entre dois ou mais interlocutores e o grau de interação entre eles. Para que a conversação se



realize deve haver identidade temporal, mas não necessariamente identidade espacial (notem-se os telefonemas, válidos pela espontaneidade expressiva que permitem ao interlocutor). A língua falada numa situação espontânea tende a realizar um discurso não elaborado, com repetições de palavras ou de frases e predominância de coordenação e pausas, a fim de dar tempo ao interlocutor de organizar suas idéias. Tal discurso pode ser reestruturado durante a conversação, em qualquer momento, sem prejudicar a coerência do assunto em questão.

Os testemunhos dos imigrados pedrinhenses são um claro exemplo de discurso não elaborado, apesar dos entrevistados saberem, um pouco antes da entrevista, o assunto a ser tratado. Embora houvesse essa consciência, a interação entre documentador e informante foi a mais natural possível.

A partir do momento em que lhes se colocam as perguntas relativas às lembranças da viagem, da chegada e da adaptação, iniciam a própria narrativa: constroem e reconstroem constantemente, revelando os limites de quanto resta de seu italiano, perdido, em parte, todavia arquitetado e rearquitetado paralelamente à construção e reconstrução de sua vida e de uma Itália inventada e imaginada por eles e por seu guia ideológico-espiritual em Pedrinhas Paulista.

Anna Giacalone Ramat, num de seus ensaios (1994:47), indica as grandes transformações sofridas pelo italiano com o contato externo, que, ao mesmo tempo, se amplia no espaço de abrangência da língua fora do país de origem. Outro dado importante é que o italiano, ou uma variedade dessa língua, torna-se veículo de ligação entre italianos provenientes de diferentes regiões da península.

Outra estudiosa da língua italiana fora da Itália, Camilla Bettoni, em pesquisa sobre Italianos na Austrália observa:

*L'italofonia degli emigranti va comunque qualificata come non standard. Infatti la loro varietà più alta è l'italiano popolare, definito molto appropriatamente in questa sede con Berruto (1987:108) la 'varietà sociale dell'italiano [...] usata da/tipica di strati sociali bassi, incolti e semicolti'. D'altra parte l'italiano standard, praticamente assente nella realtà dell'emigrazione come bene d'uso, è pur sempre presente come ideale, con tutte le virtù – e tutti i difetti – di un modello che i pochi anni di scuola avevano imposto nei programmi ma non garantito in classe. (2002: 415)*

Portanto, a língua que se ouve hoje nos testemunhos dos italianos pedrinhenses não é uma pura e simples deformação da língua standard (e não se pode absolutamente tomar como modelo de comparação), tampouco é língua materna dos imigrados, mas é uma língua construída, num primeiro momento, no contato com o padre, como já mencionado.

Como diversos lingüistas já observaram em outros países de imigração italiana, na variedade de língua usada nas entrevistas de Pedrinhas Paulista a subordinação também é pouco utilizada. Há

escassez de conjunções subordinadas, mas também coordenadas, como conclusivas e adversativas: ‘quindi’, ‘dunque’, ‘tuttavia’, ‘pertanto’, ao passo que é muito freqüente o uso de ‘ma’ e ‘perché’, o que torna a narrativa menos comprometedor do ponto de vista sintático. Entre outras coisas não se pode esquecer que a característica da coordenação das frases na língua falada pertence a qualquer língua, até mesmo quando se trata de língua culta.

Na fala dos italianos pedrinhenses, as reformulações em português-brasileiro/italiano e italiano/português-brasileiro refletem a dificuldade que os informantes têm para achar uma maneira adequada de expressar a idéia. Portanto, observa-se que há sempre a tentativa de esclarecer o assunto ao documentador, seja por meio de uma palavra ou frase em português-brasileiro e de sua reformulação (sempre em português-brasileiro), seja por meio de um termo de origem dialetal ou português-brasileiro e sua reformulação em italiano.

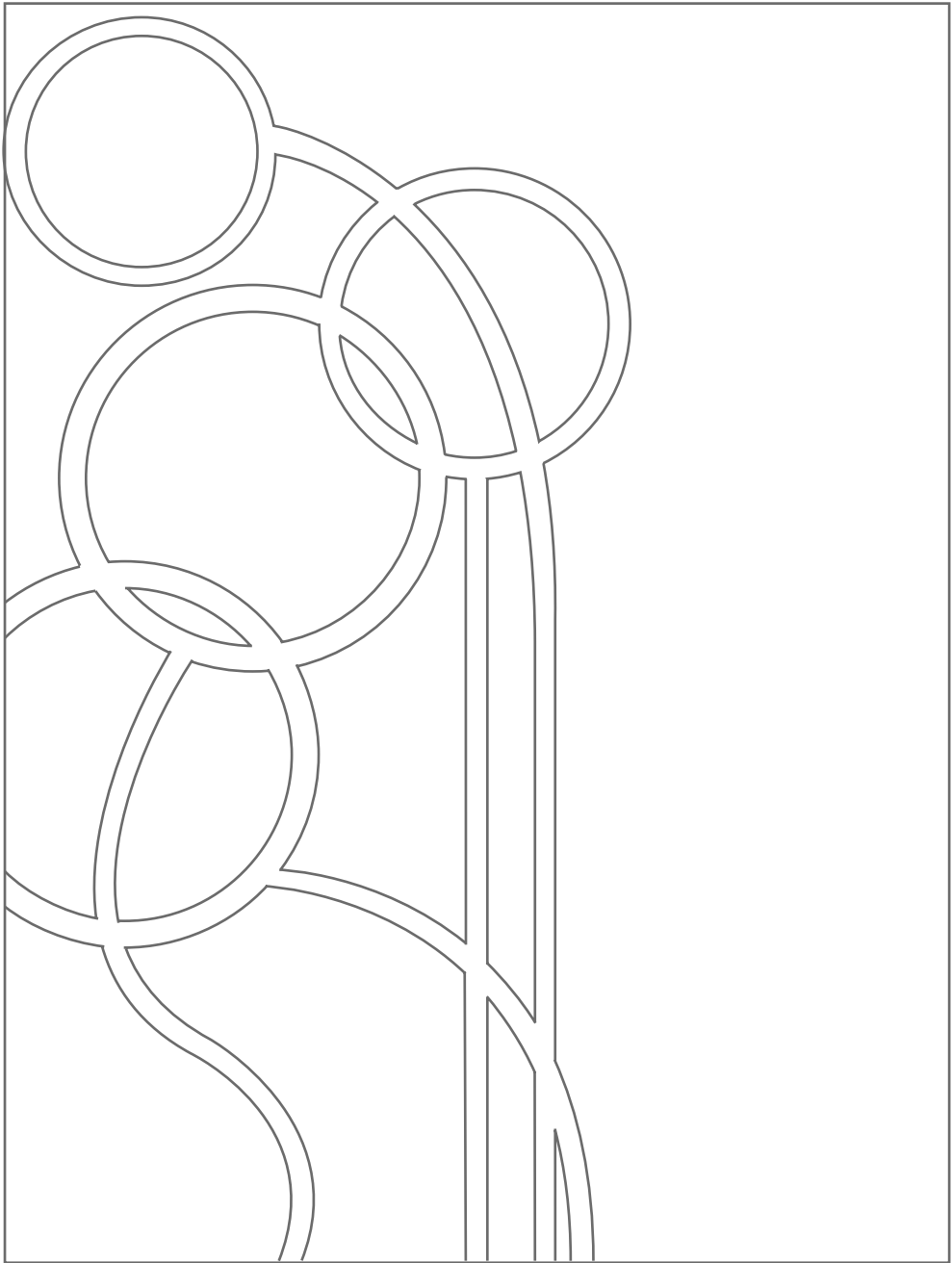
Os imigrados pedrinhenses reconhecem-se como italianos pelo uso da língua, apesar de a maioria ter plena consciência de que se trata de uma língua bastante misturada; reconhecem-se pelo espaço que criaram em seu imaginário, espaço reconhecidamente italiano. Sabemos que a língua materna nacional é a base da identidade de um povo e os pedrinhenses, reconhecendo-se como italianos pelo uso da língua, não perderam de todo sua identidade. Até hoje, quando falam sobre o assunto, não se consideram apenas vênetos, calabreses, *abruzzesi*, mas italianos pedrinhenses que se entendem reciprocamente.

O exercício de elaboração e reelaboração do discurso dos imigrados de Pedrinhas Paulista constrói o seu patrimônio lingüístico italiano e é uma de suas vitórias sobre as dificuldades enfrentadas no momento em que eles se fixaram no Brasil. Entre tantos elementos que constituem a realidade cotidiana pedrinhense, a variedade interlingüística dos italianos dessa pequena cidade surge como uma das tentativas de manter sua identidade, elemento fundamental, a fim de que o homem tenha o sentimento de pertencer a determinado lugar.

Os pedrinhenses percebem que o espaço que construíram juntamente com Dom Ernesto, por meio da idealização de sua aldeia de origem, é um lugar com o qual se identificam plenamente e que, na sua visão, se tornou o paraíso reencontrado. A língua é o veículo de suas memórias, narradas e elevadas a mito, e a narrativa dos primeiros imigrantes italianos, elevada à fábula, permeia o ambiente e é repassado aos descendentes. Dessa forma, há uma concatenação de memórias, somam-se histórias de vida que são repetidas e reforçadas pelas gerações de netos e bisnetos nascidos em Pedrinhas Paulista.

## Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP/Hucitec, 1990. 439p.
- BAKHTIN, M., VOLOSCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992(a).
- BERRUTO, G. *Sociolinguística dell'italiano contemporaneo*. Roma: Carocci, 1998.
- BETTANINI, A. *Espaço e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- BETTONI, C. Italiano fuori d'Italia. In: SOBRERO, A. *Introduzione all'italiano contemporaneo: la variazione e gli usi*. Bari: Laterza, 2002.
- CARLOS, A. F. ALESSANDRI. (Org.) *Os caminhos de reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- . *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- DE FINA, A. & BIZZONI, F., a cura di. *Italiano e Italiani fuori d'Italia*. Perugia: Guerra, 2003.
- DE MAURO, T. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Bari: Laterza, 1991.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Estratégias de construção do texto falado: a correção. In: *Gramática do Português falado – volume V: Convergências*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1999.
- NENCIONI, G. *Di scritto e di parlato: discorsi linguistici*. Zanichelli: Bologna, 1983.
- ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas/SP: Pontes, 2001.
- PALLOTTI, G. *La Seconda Lingua*. Milano: Bompiani, 1998.
- PEREIRA, J. B. B. *Italianos no mundo rural paulista*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- . *Italianos no mundo rural paulista*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.
- PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado sobre a argumentação: a nova retórica*. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.
- RAMAT, A. G. Il LIP e l'italiano fuori d'Italia. In: DE MAURO, T. *Come parlano gli italiani*. Firenze: La Nuova Italia, 1994.
- TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989.



# ESTUDOS LINGÜÍSTICOS





# A EROÇÃO SUFIXAL DOS ITALIANOS CULTOS EM CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

TOMMASO RASO

**RESUMO** O artigo discute os mecanismos da erosão sufixal em italianos cultos em contato prolongado com o português brasileiro. O trabalho se baseia num *corpus* falado de cerca de 50.000 palavras e 13 informantes, e é homogêneo diastraticamente, diatopicamente e diafasicamente. Foram investigados os casos de perda sufixal em relação às regras de formação de palavras e à produtividade sufixal das duas línguas. As conclusões apontam para uma perda não casual mas concentrada nos sufixos menos produtivos, em particular quando a base é idêntica e a sufixação diferente, mas somente se concorre mais de um fator condicionante (tipicidade, produtividade, interferência, simplificação para uma única possibilidade a partir de mais variantes).

**PALAVRAS-CHAVE** erosão lingüística; sufixação; italianos no Brasil.



**ABSTRACT** *L'articolo discute i meccanismi di erosione suffissale in italiani colti in contatto prolungato con il portoghese brasiliano. Il lavoro si basa su un corpus parlato di circa 50.000 parole e 13 intervistati, ed è omogeneo diastraticamente, diatopicamente e diafasicamente. La perdita suffissale è stata studiata in rapporto alle regole di formazione delle parole e alla produttività suffissale delle due lingue. Le conclusioni indicano una perdita non casuale ma concentrata in suffissi meno produttivi, soprattutto quando la base è identica e la suffissazione diversa, ma solo se si sommano più fattori condizionanti (tipicità, produttività, interferenza, semplificazione da più varianti a un'unica possibilità)..*

**PAROLE CHIAVE** *erosione linguistica; suffissazione; italiani in Brasile.*

**ABSTRACT** *This paper discusses the mechanisms of suffix loss through attrition in the speech of educated Italians after long-drawn contact with Brazilian Portuguese. Based on a spoken corpus of some 50,000 words and 13 informants, it is diastratically, diatopically and diaphasically homogeneous. The cases of suffixal loss as regards word formation rules and the suffixal productivity of both languages were investigated. The conclusions show a non casual loss affecting the least productive suffixes, particularly when the stem is identical and suffixation is different, but only if more than one conditioning factor concurs (typicality, productivity, interference, simplification to a single possibility from a number of variants).*

**KEYWORDS** *language attrition; suffixation; Italians in Brazil.*



## 1. Objetivo do trabalho

# E

ste artigo se propõe a discutir os mecanismos da erosão sufixal (principalmente na sufixação nominal) em italianos cultos em contato prolongado com o português do Brasil.<sup>2</sup> Com italianos cultos nos referimos a falantes italianos nativos, que viveram na Itália até à idade adulta, lá estudaram pelo menos até a conclusão do que corresponde ao Ensino Médio no Brasil, e têm formação superior, seja na Itália, no Brasil ou em outro país. Ter estudado pelo menos 13 anos na Itália<sup>3</sup> garante que a competência lingüística deles seja sólida, e que a eventual perda lingüística não seja consequência de uma aquisição somente parcial; ter formação superior garante uma capacidade metalingüística que permita uma reflexão e um controle maior sobre a própria produção. Estes falantes devem estar morando no Brasil há pelo menos oito anos, tempo suficiente para terem adquirido uma competência quase nativa do PB. Todos os informantes do *corpus* utilizado para a presente pesquisa viveram no Brasil por mais de vinte anos.<sup>4</sup> Com erosão entendemos, na definição de Köpke e Schmid (2004:5), “uma redução não patológica da proficiência de uma língua que fora adquirida anteriormente por um indivíduo, ou seja, uma perda intrageneracional”<sup>5</sup>

1. Com a colaboração de Ernani Almeida.

2. O trabalho se insere num projeto de pesquisa coordenado por T. Raso e financiado por meio de bolsas Fapemig e Pro-Grad UFMG. Mais detalhes em Raso no prelo.

3. Os estudos pré-universitários na Itália são de 13 anos, já que o equivalente do segundo grau é de 5.

4. Para uma discussão sobre os fatores sociolingüísticos que afetam a análise de dados sobre erosão de L1, veja-se Köpke; Schmid 2004:19-23, em que, entre outras coisas, aponta-se para o fato de que a erosão acontece durante a primeira década de afastamento da comunidade de L1. A bibliografia sobre o italiano em contato com outras línguas é muito rica, mas os trabalhos sobre a erosão do italiano estudam em grande maioria comunidades de emigrantes com baixo nível de escolarização, nas quais não é possível separar claramente o que é devido a erosão e o que a limites na aquisição. Outros estudos analisam a erosão em falantes de segunda ou terceira geração que, apesar de ter aprendido e usar o italiano em casa, internalizaram desde o início uma língua que apresenta efeitos da erosão na geração anterior, os assim chamados de “heritage speakers”; isso põe o ulterior problema de estabelecer o que esses falantes realmente conheciam antes que o processo de erosão individual começasse (Sorace 2004:143). Entre esses estudos veja-se Jaspaert e Kroon 1988 e 1989 para italianos em contato na Holanda; para o contato nos EUA, Haller 1993, Scaglione 2000; para o contato na Austrália, Bettoni 1981, 1986, 1990, 1991a e 1991b; para outros países, inclusive da América Latina, vejamos-se algumas das contribuições em Vanvolsem, S.-Vermandere, D.-Musarra, F.-D’Hulst, Y. 2000 e a bibliografia citada; quanto à América do sul, existe também uma rica bibliografia sobre a erosão dos dialetos vênéticos no Brasil e em outros países. Os pouquíssimos estudos sobre italianos cultos estudam realidades em contato com o inglês (Tsimpli et alii 2003 e Sorace 2000 e 2004), com a exceção de Raso 2003 que estuda a realidade brasileira, mas nenhum desses trabalhos aprofunda a erosão sufixal.

5. “*non-pathological decrease in proficiency in a language that had previously been acquired by an individual, i. e. intragenerational loss*”. Para uma discussão teórica sobre o conceito, veja-se também Selinger e Vago 1991; Cook 2003; Schmid et al. 2004.

Provavelmente algumas áreas da gramática da língua podem ser comprometidas mais do que outras, incluindo no conceito de erosão tanto fenômenos de perda de regras ou de fragmentos do sistema sob a pressão da L2, quanto a simplificação do sistema por falta de insumo.<sup>6</sup> Mas mesmo na busca dessa hierarquia deve-se lidar com várias possíveis causas, muitas vezes concorrentes, como a dominância de uma língua, a maior ou menor complexidade em relação a uma estrutura entre as línguas em competição, além da especificidade estrutural do traço em questão.<sup>7</sup>

No caso da sufixação, o uso de um sufixo diferente daquele usado pelos monolíngües pode, em princípio, ter várias explicações. A troca de sufixos pode acontecer por interferência de uma palavra, de mesmo significado ou de significante parecido, da L2; por interferência da produtividade de uma regra de formação de palavras (RFP) na L2 na produtividade da RFP correspondente da L1; por diferença de frequência de uso de RFPs correspondentes entre as duas línguas; por processos de simplificação em que uma RFP menos produtiva cede em confronto a RFPs mais produtivas dentro da própria L1; por mais de um motivo ao mesmo tempo.

Raso (2003) já havia mostrado que a erosão da sufixação na L1 (italiano) em contato prolongado com a L2 (PB) ocorre. Pretendemos agora investigar o fenômeno com relação a seu nível de profundidade e descobrir algo a mais sobre as causas. Se for apenas no nível lexical, a erosão poderia ocorrer com qualquer sufixo e, portanto, não haveria motivos para um sufixo se erodir mais do que outro. Se, ao contrário, o que se perde são as regras de formação das palavras, os sufixos menos produtivos no italiano seriam afetados mais em favor dos mais produtivos no português ou no próprio italiano. Outras possibilidades chamariam em causa mais de um fator. Os resultados apresentados neste trabalho não permitem uma conclusão definitiva, devido à insuficiência do *corpus*, mas fornecem alguns indícios interessantes que permitem a formulação de hipóteses a serem testadas quando estiver disponível um *corpus* mais amplo.<sup>8</sup>

## 2. A produtividade sufixal em italiano e no português brasileiro

Quando falamos em sufixos produtivos e improdutivos, na realidade, estamos falando de regras de formação de palavras (RFP) produtivas e improdutivas.<sup>9</sup> A produtividade não é simples de ser definida. Com o termo produtividade podem-se considerar vários modos de medir o emprego de uma RFP. Para este trabalho adotamos o seguinte conceito de produtividade: “A probabilidade de que um dado afixo ou um dado procedimento formativo possam produzir neologismos *dentro de um período histórico determinado*”.<sup>10</sup>

6. Veja-se Isurin 2000.

7. Muito interessante, a esse respeito, a discussão de Sorace (2004) do trabalho de Montrul (2002).

8. O projeto coordenado por Raso está aprontando um *corpus* maior, mais variado em termos de situações comunicativas, que permita o acesso ao som e transcrito por meio do sistema Childes-Clan.

9. Para a complexa questão da produtividade lexical e as diferentes maneiras para calculá-la, vejam-se Rainer 1993, Bauer 2001, Plag 2004, Gaeta-Ricca 2005a e 2005b, entre outros. Para uma abordagem psicolinguística da relação entre frequência e analisabilidade das palavras, é útil a discussão de Laudanna e Burani 1999 e, em particular, a observação de que a baixa frequência favorece a analisabilidade. Para o italiano os estudos são ainda poucos: vejam-se em particular Gaeta e Ricca 2003, 2005a e 2005b, Scalise 1994 e Thornton 2005 para um enquadramento geral. Ainda menos são os estudos sobre o PB (veja-se NEO, e, para um enquadramento geral, Rocha, 1998).

10. Lorenzetti 2002:61 (tradução minha).

Um outro parâmetro que nos interessa nesse trabalho é o da freqüência sufixal, que pode ser entendida como o número de vezes que o falante usa palavras formadas a partir de uma determinada RFP: a *token frequency* refere-se ao número de vezes em que o sufixo é usado, seja com bases diferentes ou com a mesma base; a *type frequency* é o número de palavras diferentes formadas com o mesmo sufixo em um dado *corpus*. Freqüência e produtividade estão relacionadas, pois a freqüência é intuitivamente ligada com a capacidade dinâmica de enriquecer o léxico mental de um falante.<sup>11</sup> Nem a produtividade nem a freqüência de uma RFP podem ser medidas a partir do número de palavras que são atestadas no léxico da língua. Uma RFP pode ser muito freqüente, pouco numerosa e produtiva, ou vice-versa.

A Tabela 1 apresenta duas medidas de produtividade dos sufixos italianos. Os resultados se baseiam em um *corpus* textual constituído a partir de três anos (1996-1998) do cotidiano *La Stampa* de Turim, de cerca de 75 milhões de *tokens*.

A primeira avaliação de produtividade adotada é a relação  $P = h/N$  calculada para diferentes afixos com igual valor de  $N$  (Índice  $P$  é igual à relação entre  $h$ , o número de *hapax legomena*<sup>12</sup> formados com um determinado afixo presente no *corpus*, e  $N$ , o número de *tokens* formados com o mesmo afixo presente no *corpus* inteiro). Para que essa medida seja operativamente confiável, os sufixos em questão devem ter freqüência em *tokens* não idênticas, mas confrontáveis, de modo que as dimensões dos *corpora* variáveis aos quais se faz referimento não tenham divergência excessiva.<sup>13</sup> A Tabela 1 apresenta uma lista de valores de produtividade para os afixos de freqüência médio-alta, compatíveis com pelo menos um dos valores de  $N = 19.000, 50.000$  e  $100.000$ .

A segunda avaliação da produtividade, a que mais nos interessa, é apresentada na última coluna da Tabela 1 ( $h$  em todo o *corpus*). O número de *hapax legomena* do afixo em todo o *corpus* indica a probabilidade de que um dado afixo ou um dado procedimento formativo possa produzir neologismos no período determinado.

As Tabelas 2 e 3<sup>14</sup> apresentam a freqüência dos sufixos italianos no *corpus* acima descrito, respectivamente por número de *tokens* e por número de *types*.

Um olhar comparativo para as duas tabelas mostra que os sufixos mais importantes aparecem na parte alta de ambas as tabelas; portanto as freqüências em *tokens* e em *types* vão juntas para sufixos que nos interessam como *-zione, -ità/età, -(t)ore, -mento, -ista*. O discurso é diferente para outros sufixos: desses, o que nos interessa mais é *-nza*, mais freqüente em *tokens* do que em *types*.

Os resultados da Figura 1 apresentam a produtividade dos sufixos do português (variante brasileira) segundo o número de neologismos presentes no *corpus* constituído pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* e pelas revistas *IstoÉ* e *Veja* a partir de janeiro de 93, coletado segundo um sistema de amostragem (um veículo por semana). A Base conta com mais de 13.000 unidades lexicais neológicas.

11. Gaeta e Ricca 2005a:107-8.

12. Ou seja, as palavras que aparecem uma única vez no *corpus*.

13. Para uma discussão sobre as vantagens e os limites desse sistema de cálculo, vejam-se Baayen 1991, 1992; Baayen e Lieber 1991; Baayen e Renouf 1996; Plag *et al.* 1999. Para as vantagens e os limites do *corpus* escolhido, vejam-se Gaeta e Ricca 2003, 2005a e 2005b. Sobre a relação entre *hapax legomena* e neologismos, vejam-se também Gaeta e Ricca 2002: 227-229.

14. As Tabelas 2 e 3 são apresentadas com alguns ajustamentos devidos aos objetivos desse trabalho.

Tabela 1<sup>15</sup>

Alguns afixos derivacionais do italiano ordenados segundo duas medidas de produtividade				
Afixos	<i>N = 19.000</i>	$\frac{P(N) \times 10^3}{N = 50.000}$	<i>N = 100.000</i>	<i>h em todo o corpus</i>
<i>-issimo</i>	<b>25,8</b>	<b>12,9</b>	-	<b>643</b>
<i>-iano</i>	<b>24,3</b>	-	-	<b>615</b>
<i>-mente</i>	-	<b>10,1</b>	<b>6,4</b>	<b>825</b>
<i>-ismo</i>	<b>15,2</b>	<b>8,2</b>	-	<b>448</b>
<i>-bile</i>	<b>11,3</b>	<b>6,3</b>	<b>4,1</b>	<b>409</b>
<i>-ità/-età</i>	-	<b>6,3</b>	<b>3,7</b>	<b>544</b>
<i>-ista</i>	<b>11,3</b>	<b>6,2</b>	<b>3,8</b>	<b>470</b>
<i>-trice</i>	<b>10,8</b>	-	-	<b>224</b>
<i>-(t)ore</i>	-	<b>5,0</b>	<b>3,2</b>	<b>461</b>
<i>-mento</i>	-	<b>4,9</b>	<b>3,1</b>	<b>402</b>
<i>-(z)ione</i>	-	-	<b>2,7</b>	<b>486</b>
<i>-izzare</i>	<b>7,6</b>	<b>3,8</b>	-	<b>280</b>
<i>-ese</i>	-	<b>3,6</b>	<b>2,2</b>	<b>244</b>
<i>-(t)ura</i>	<b>6,6</b>	<b>3,5</b>	-	<b>189</b>
<i>-ale/-are</i>	-	-	<b>1,9</b>	<b>155</b>
<i>-eggiare</i>	<b>4,1</b>	-	-	<b>93</b>
<i>-oso</i>	<b>3,7</b>	<b>1,6</b>	<b>1,0</b>	<b>127</b>
<i>-ezza</i>	<b>2,7</b>	<b>1,3</b>	-	<b>70</b>
<i>-aggio</i>	<b>1,5</b>	-	-	<b>29</b>
<i>-nza</i>	<b>0,7</b>	<b>0,3</b>	<b>0,2</b>	<b>29</b>
<i>-ificare</i>	<b>0,6</b>	-	-	<b>20</b>
<i>-ore</i>	<b>0,4</b>	<b>0,2</b>	-	<b>9</b>
<i>-evole</i>	<b>0,3</b>	-	-	<b>6</b>
<i>-izia</i>	<b>0,0</b>	-	-	<b>0</b>

15. As tabelas 1, 2 e 3 são retiradas de Gaeta e Ricca 2005a, respectivamente nas páginas 123 e 120.

Tabela 2

Sufixos derivacionais italianos ordenados por classe logarítmica de frequência (em tokens) <sup>16</sup>	
Sufixos <sup>17</sup>	Classe (in N)
-(z)ione	<b>14</b>
-ale/-are, -ità/-età, -mente, -(t)ore	<b>13</b>
-mento, -nza, -ista, -oso, -ese, -bile	<b>12</b>
-izzare, -ore, -ezza, -(t)ura, -ismo, -iere, -issimo, -izia, -iano	<b>11</b>
-ificare, -eggiare, -trice, -aggio, -evole, -erìa <sup>(2)</sup> , -iero, -(t)orio	<b>10</b>
-aio <sup>(1)</sup> , -iera, -esco, super-, -essa, -ificio, -toio/a, -izio	<b>9</b>
-accio, -aneo, -ame, -erìa <sup>(1)</sup> , -aio/a <sup>(2)</sup> , micro-, mini-	<b>8</b>
iper-, maxi-, -estre, ultra-, mega-, -aglia, -oide, -aggine, -ume,	<b>7</b>
-astro, -eto/a	<b>6</b>
-aceo, -igia	

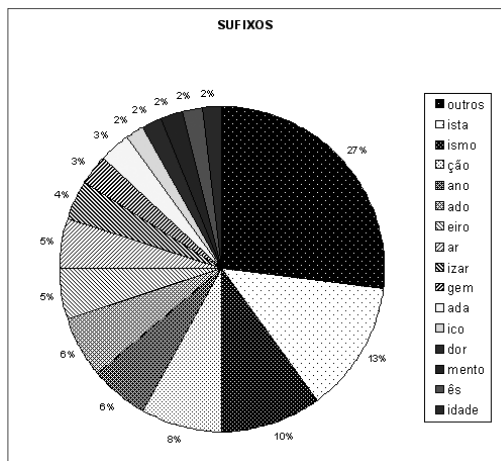
Tabela 3

Sufixos derivacionais italianos ordenados por classe logarítmica de numerosidade <sup>18</sup>	
Sufixos	Classe (in V)
-mente, -(z)ione, -ità/-età	<b>8</b>
-issimo, -ista, -(t)ore, -iano, -mento, -ismo, -bile, -ale/-are,	<b>7</b>
-ese, -trice, -oso, -(t)ura, -esco, -ezza, -(t)orio	<b>6</b>
-nza, -iere, -erìa <sup>(2)</sup> , -erìa <sup>(1)</sup> , -aio <sup>(1)</sup> , -aggio, -iera, -oide	<b>5</b>
-iero, -ificio, -aggine, -aio/a <sup>(2)</sup> , -essa, -evole, -ore, -toio/a, -aceo, -ume, -ame, -astro, -eto/a, -aglia	<b>4</b>
-izio, -izia, -aneo	<b>3</b>
-estre -igia	<b>2</b>

16. O afixo *-zione* apresenta no *corpus* mais de um milhão de ocorrências, enquanto o segundo, *-ale/-are*, desce imediatamente para 734.000. Em geral a classe 13 apresenta frequências muito parecidas, enquanto as últimas 4 classes são muito pouco frequentes (entre algumas centenas e poucos milhares).

17. *-erìa<sup>(1)</sup>* forma nomes de qualidades como *vigliaccheria* e *-erìa<sup>(2)</sup>* nomes de lugar como *libreria*; *-aio<sup>(1)</sup>*, nomes de agente como *floraio* e *-aio<sup>(2)</sup>* nome de lugar como *pollaiò*.

18. O *corpus* vai dos 2.767 *types* de *-mente* e os 2.363 de *-zione* até os 7 dos dois menos frequentes.

Figura 1<sup>19</sup>

### 3. Metodologia

A partir da análise da produtividade e da frequência dos principais sufixos, individuamos alguns pares correspondentes em italiano e português para uma análise mais aprofundada. Escolhemos em princípio pares de sufixos com baixa, média e alta produtividade em ambas as línguas. Em seguida analisamos os casos de erosão relativos a todos os sufixos que aparecem no *corpus*.

A primeira análise foi realizada sobre oito pares de sufixos. Seis dos pares de sufixos apresentam produtividade semelhante: com baixa produtividade foram escolhidos os sufixos *-aggio/-gem; -ura/-ura* e *-iere, -aio, -aro, -ario/-eiro, -ario*; com média produtividade o sufixo *-mento/-mento*; e com alta produtividade os sufixos *-ista/-ista* e *-zione, -sione/-ção, -são*.<sup>21</sup> Os outros dois pares de sufixos apresentam produtividade razoavelmente diferente nas duas línguas: o sufixo *-ità, -età* é muito produtivo em italiano, mas seu correspondente português, *-idade*, é pouco produtivo; e o par *-bile, -vole/-vel*<sup>22</sup> tem o sufixo italiano bem acima na escala de produtividade de quanto esteja o sufixo português. Cabe ressaltar que entre os sufixos escolhidos temos dois pares de sufixos concorrentes.<sup>23</sup> *-ista/-eiro, -ario* (port.); *-ista/-iere, -aio, -aro, -ario* (it.) e *-ção/-mento* (port.); *-zione/-mento* (it.). A concorrência entre os sufixos *-ista* e *-eiro* (*-ista* e *-iere, -aio, -aro* em italiano) não acontece da mesma forma como entre *-ção* e *-mento* (*-zione* e *-mento*). Embora os sufixos *-ista* e *-eiro* (assim como os correspondentes italianos) formem substantivos agentivos a partir de substantivos, tem-se observado que eles obedecem atualmente a um paradigma. O sufixo *-eiro* (e o correspondente

19. Fonte da figura 1 é NEO: [http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/Dados\\_quantitativos.htm](http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/Dados_quantitativos.htm). Dados quantitativos. Acessado pela última vez em: 29/10/2007.

20. O sufixo agentivo do português, *-eiro*, corresponde aos três sufixos do italiano *-iere, -aio, -aro*: *-aro* é uma variante de *-aio* que se difundiu por meio de palavras de origem diatópica diferente daquela de *-aio* mas com a mesma função. Enquanto *-aio* é de origem toscana, e portanto desde sempre italiana, *-aro* é originário de muitas outras partes da Itália, especialmente Roma e Nápoles, e se difundiu a partir da entrada de muitas palavras não toscanas no léxico do italiano. Quanto a *-iere*, sua origem é francesa, mas essa forma está agora em produtividade muito regressiva. A última variante, *-ario*, é o sufixo de transmissão culta, próprio do latim.

21. A rigor, os sufixos *-zione/-ção* e *-sione/-são* devem ser vistos como sufixos diferentes: o primeiro se aplica ao tema do infinitivo, enquanto o segundo ao tema do particípio (Marini, 2003:21).

22. Os dois sufixos italianos correspondem ao mesmo sufixo do português.

23. "Sufixos concorrentes são aqueles que, embora distintos sob o ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função [...]. Para serem concorrentes, as bases e os produtos precisam pertencer à mesma categoria lexical" (Rocha, 1998:112).

italiano *-aio*) hoje é produtivo, sobretudo, para designar profissões ligadas a atividades manuais, braçais ou com conotação negativa.<sup>24</sup> O sufixo *-ista*, ao contrário, forma neologismos relacionados a atividades intelectuais. Esse paradigma é percebido intuitivamente pelos falantes nativos.

Para a análise se usou o *corpus* que foi publicado na *Revista de Italianística*. Esse *corpus* consiste em doze entrevistas e uma conversação livre realizadas entre 1994 e 1996. Dez das entrevistas são face a face e duas são telef nicas. O total de palavras, contando exclusivamente as dos informantes,   de cerca de 50.000.

Para o sufixo *-zione/-ção*, foram contados 72 *types* e 184 *tokens*; 3 *types* (4 *tokens*) apresentam erosão sufixal, ou seja, o sufixo padrão do italiano é outro.   necessário dizer que em todos os outros casos o sufixo do italiano e do correspondente português é igual, o que reduz fortemente a probabilidade de erosão.  nicas exceções são o caso de *consultazione*>*consulta* e o caso de *registrazione/registro*. Para o sufixo *-sione/-são* foram contados 12 *types* e 28 *tokens*, com uma correspondência total entre a sufixa o italiana e a do português.

Faz-se necessário também considerar que não todos os itens sufixados são percebidos da mesma maneira pelo falante: do ponto de vista sincr nico, algumas palavras são ainda segment veis; outras, como por exemplo *delusione*, *diffusione*, *previsione*, *iscrizione*, *persecuzione*, *formazione* e outros provavelmente não podem ser considerados sufixados da mesma maneira que itens como *fondazione* (que tem um correspondente *fondamento* e que poderia ter correspondentes como *\*fondatura* ou *\*fondaggio*) e outros, cuja segmentabilidade é claramente percebida pelos falantes. Não se d  aqui uma diferencia o entre *types* segment veis e não segment veis, pois se trata de uma questão de *continuum* e de intensidade, mas essa considera o deve ser estendida a todos os sufixos; a seleção devida   não segmentabilidade, combinada com o fato de que na grande maioria dos casos os itens italianos e portugueses correspondentes apresentam a mesma base e o mesmo sufixo, implica que um trabalho definitivo sobre a erosão sufixal precisaria de um *corpus* muito maior que o *corpus* sobre o qual se trabalhou e que, no momento, é o único disponível.

Para o sufixo *-it /-et * foram contados 51 *types* e 171 *tokens*, com um único caso de erosão.<sup>25</sup> Nesse sufixo a correspondência entre italiano e português se d  em todos os casos menos dois. Para o sufixo *-mento/-mento* temos 35 *types* e 84 *tokens*, com 15 itens que não apresentam correspondência: em 12 casos a falta de correspondência envolve somente o sufixo (apesar de que em alguns casos talvez fosse preferível também uma mudanç  de base); 3 casos não apresentam em português a mesma base do italiano. Além disso aparecem 2 casos de erosão em que a sufixa o padrão do italiano não prevê *-mento*,<sup>26</sup> e em 1 dos casos *-mento* não pertence nem ao italiano padrão nem ao português.<sup>27</sup> Para os sufixos *-aio*, *-aro*, *-iere*, *-ario/-eiro*, *-ario* temos apenas 12 *types* e 27 *tokens* (sendo que 10 são do item *letterario*). Aqui a correspondência entre L1 e L2   total (não sempre com a mesma variante sufixal) menos 1, e os casos de erosão são 2.<sup>28</sup> Para o sufixo *-ista/-ista* temos 11 *types* e 20 *tokens*. Um  nico *type* não apresenta correspondente sufixal nas duas línguas. O  nico caso de erosão é relativo à base (*motorista* em italiano padrão é *autista*), e portanto

24. Lorenzetti 2002: 61-62 para o italiano e Alvares, sem data, para o português do Brasil.

25. *ansietà*, em que prevalece o sufixo do português *ansiedade* sobre o do italiano *ansia*.

26. *relazionamento*, com duas ocorrências, onde prevalece o sufixo do português *relacionamento*, enquanto o italiano *relazione* não é mais segment vel.

27. *ostacolamento*, onde ambas as línguas não possuem a sufixa o *-mento*: *ostacolo/obstáculo*.

28. *Scritturaio*, em que a interferência do português *escriturário* parece substituir o italiano *scrivano*, e *immobiliaria*, onde a sufixa o do português prevalece sobre o italiano *immobiliare*.

foge do escopo desse trabalho. O sufixo *-bile, -vole/-vel* aparece em 10 *types* e 18 *tokens*, com um único caso de falta de correspondência e nenhum caso de erosão. O sufixo *-ura/-ura* aparece em 8 *types* e 18 *tokens* com 2 casos de falta de correspondência e nenhum de erosão. O último sufixo, *-aggio/-agem*, aparece em apenas 2 *types* e 4 *tokens*, sempre correspondentes nas duas línguas.

O *corpus* portanto apresenta uma *token frequency* dos sufixos analisados, segundo a ordem seguinte: *-zione; -ità/-età; -mento; -sione; -aio/-aio/-iere/-ario; -ista; -bile/-vole; -ura; -aggio*. Essa sequência respeita aquela das tabelas 2 e 3, com a exceção de *-ista*, que aparece mais embaixo do que o normal na lista de frequência. Em se tratando de um *corpus* tão limitado em relação ao fenômeno analisado, o dado não tem valor confiável algum. Mas é interessante notar que o impulso à produtividade do sufixo *-ista* é muito recente,<sup>29</sup> e que todos os informantes são pessoas que, já na metade dos anos noventa, viviam fora da Itália há pelo menos 20 anos, e muitas vezes há mais de 40.

Os casos de sufixação nominal não padrão encontrados são registrados na tabela 4, na qual se inserem também os itens que não pertencem aos sufixos inicialmente pesquisados. Dada a escassa documentação sobre o fenômeno dentro de um *corpus* de 50.000 palavras, resolvemos olhar para todos os casos de erosão na sufixação nominal para tentar uma primeira explicação.

Tabela 4<sup>30</sup>

	<i>Types</i> não padrão	Correspondentes em PB	Forma padrão	<i>tokens</i>
<b>1</b>	<b>Adattazione (II,54) (II,142)</b>	<b>Adaptação</b>	<b>Adattamento</b>	<b>2</b>
<b>2</b>	<b>Orientazione (I,730)</b>	<b>Orientação</b>	<b>Orientamento</b>	<b>1</b>
<b>3</b>	<b>Provazione (VII,41)</b>	<b>Provação</b>	<b>Prova</b>	<b>1</b>
<b>4</b>	<b>Relazionamento(IV,19) (IV,77)</b>	<b>Relacionamento</b>	<b>Relazione</b>	<b>2</b>
<b>5</b>	<b>Ostacolamento (V,458)</b>	<b>Obstáculo</b>	<b>Ostacolo</b>	<b>1</b>
<b>6</b>	<b>Ansietà (VII,117)</b>	<b>Ansiedade</b>	<b>Ansia</b>	<b>1</b>
<b>7</b>	<b>Assassinati (VII,574)</b>	<b>Assassinatos</b>	<b>Assassini</b>	<b>1</b>
<b>8</b>	<b>Viaggiante (II,363)</b>	<b>Viajante</b>	<b>Viaggiatore</b>	<b>1</b>
<b>9</b>	<b>Scolarità (I,41)</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Scolarizzazione</b>	<b>1</b>
<b>10</b>	<b>Scritturaio (IV,42)</b>	<b>Escriturário</b>	<b>Scrivano</b>	<b>1</b>
<b>11</b>	<b>Immobiliaria (VIII,281)</b>	<b>Imobiliária</b>	<b>Immobiliare</b>	<b>1</b>
<b>12</b>	<b>Ormonio (XII,84)</b>	<b>Hormônio</b>	<b>Ormone</b>	<b>1</b>
<b>13</b>	<b>Consulta (XIII,36)</b>	<b>Consulta</b>	<b>Consulto</b>	<b>1</b>
<b>14</b>	<b>Consulta (VIII,465) (VIII,466)</b>	<b>Consulta</b>	<b>Consultazione</b>	<b>2</b>
<b>15</b>	<b>Riferenza (VII,800)</b>	<b>Referência</b>	<b>Riferimento</b>	<b>1</b>
<b>16</b>	<b>Fisioterapeuta (IX,272)</b>	<b>Fisioterapeuta</b>	<b>Fisioterapista</b>	<b>1</b>
	<b>15</b>			<b>19</b>

29. Lorenzetti 2002: 62. Para uma análise detalhada sobre os neologismos italianos do séc. XX, vejam-se Thornton; Iacobini 1992 e1997; Thornton; Iacobini; Burani, 1997.

30. Indicamos com número romano o inquérito e com número árabe a linha.



A Tabela 3 mostra os casos de sufixação nominal; à margem do estudo, podemos acrescentar três casos não padrão de sufixação adjetival, dois de sufixação verbal e um adverbial:

- 1) *culto spirita* (IV, 277) < *spiritista*;
- 2) *vocabolario basico* (VIII,421) < *vocabolario di base*;
- 3) *folclorici* (I,1308-9) < *folcloristici*;
- 4) *espressarsi* (VII,692) < *esprimersi*;
- 5) *residito* (IX, 18) < *risieduto*;
- 6) *gradativamente* (VII,121) < *gradatamente*.

## 4. A análise

Analisando os dados, notamos as seguintes mudanças, quanto à sufixação nominal:

1) os casos de sufixação registrados na tabela como não padrão são um número limitado: 19 *tokens* e apenas 15 *types*, dois dos quais (*consulta*) correspondem a duas diferentes sufixações em italiano;

2) sufixos concorrentes e mais frequentes (como *-zione* e *-mento*, mas não só) são envolvidos mais no processo de erosão;

3) 3 casos (2 *types*) são de *-mento*>*-zione* (os pontos 1 e 2 da tabela), e portanto explicáveis com a preferência por um sufixo concorrente mais produtivo em ambas as línguas; um desses casos, porém, aparece em um contexto de autocorreção (*adattazio-adattarsi*), em que o falante muda a estratégia, passando da nominal à verbal, mostrando talvez não possuir, pelo menos no momento, a sufixação certa, mas também mostrando uma percepção do problema;

4) 4 casos (3 *types*) são de  $\emptyset$ >*-mento* (os pontos 4-5 da tabela), também explicáveis com o fato de o sufixo  $\emptyset$  ser pouquíssimo produtivo em italiano e em português. No italiano, ele resiste somente em âmbito burocrático e político.<sup>31</sup> O caso de *relazione* não pode ser considerado dentro dos sufixados em *-zione*, pois é inanalísável pelos falantes, constituindo um sufixado do latim e não do italiano.<sup>32</sup> Vale a pena aqui anotar um caso de erosão não registrado na tabela: *incamminamento* (VII,508); o caso não foi registrado na tabela porque parece mais um caso de erosão da base: o padrão seria *avviamento*, mas alguns dicionários registram até a possibilidade *incamminamento*;<sup>33</sup> de toda maneira, o italiano

31. Raso 2005: 124; Marini 2003:48; Serianni 2002.

32. Veja-se Corbin 1987: 463.

33. Por exemplo o Garzanti.

possui com freqüência as bases *cammino* e *incamminarsi*. Tudo isso gera uma pressão para a erosão que se soma à opção da L2. Um dos casos (*ostacolo*>*ostacolamento*) é especialmente interessante, pois mostra que a tendência não precisa necessariamente se apoiar na forma da L2.

5) 1 caso é de  $\emptyset$ >*-età* (o ponto 6 da tabela), também explicável como preferência por um sufixo muito mais produtivo nas duas línguas. No entanto esse caso merece algum comentário: *ansietà* existe no léxico italiano, mas é muito menos usado do que o quase sinônimo *ansia* e principalmente pouco apropriado no contexto;

6) 1 caso é de  $\emptyset$ >*-ato*, ou seja, de passagem de um sufixo quase completamente improdutivo para um sufixo bem mais produtivo: o sufixo *-ato* não aparece no elenco dos sufixos produtivos já que, enquanto sufixo que forma o particípio passado, é um sufixo gramatical e não somente derivacional; isso gera dificuldades na identificação da natureza nominal ou verbal das ocorrências, e portanto é excluído da pesquisa que baseia as Tabelas 1 e 2. Dada essa premissa, esse caso também se explica com a preferência por um sufixo mais produtivo;

7) os 6 casos de  $\emptyset$ >*sufixo pleno* mostram a necessidade de marcar claramente a categoria nominal, que na sufixação zero não é transparente. Esse é um fenômeno que reflete o enfraquecimento das noções categoriais morfossintáticas em ausência de um marcador explícito, e chama a atenção para o princípio da tipicidade como referência para o falante submetido à erosão, de uma forma parecida com o que acontece com o falante em fase de aquisição.<sup>34</sup> Trata-se de uma consideração extremamente interessante se considerarmos a hipótese jakobsoniana da regressão,<sup>35</sup> segundo a qual o que se aprende depois é também o que se perde primeiro;<sup>36</sup> segundo esse princípio, a erosão lingüística deveria olhar não somente para as L2 de contato, mas também para as seqüências aquisicionais da L1;

8) o caso de *viaggiatore*>*viaggiante* muda um sufixo pouco produtivo e bastante freqüente do italiano para um outro sufixo produtivo e freqüente, mas não considerado na pesquisa sobre a produtividade enquanto ao mesmo tempo sufixo derivacional e flexional: *-nte* serve também para formar particípios presentes e se torna difícil definir o valor verbal, adjetival ou nominal de cada item; vale a pena ressaltar que em italiano hoje o sufixo é produtivo apenas como sufixo nominal e adjetival, e não mais como sufixo verbal, com a exceção de poucos termos e unicamente no domínio burocrático.<sup>37</sup> É compreensível, portanto, que nesse quadro a convergência com o sufixo do português seja mais provável;

9) 1 caso é de *-izzazione*>*-ità*, mudando de um sufixo muito produtivo para outro também muito produtivo. Aqui é necessário considerar que: em primeiro lugar o italiano possui tanto

34. A ampla produção sobre aquisição, tanto de L1 quanto de L2, chamou a atenção sobre a questão da tipicidade como princípio guia na marcação de categorias morfológicas em estágios de aprendizagem intermediários.

35. Jakobson 1971.

36. Para um trabalho de testagem desse princípio, veja-se Keijzer, 2004.

37. Raso 2005: 116.

*scolarizzazione* quanto *scolarità*, mas com significados ligeiramente diferentes, cuja definição não é fácil, apesar de um falante nativo perceber os diferentes contextos de uso.<sup>38</sup> Isso gera uma forte pressão para a simplificação, que aumenta considerada a pressão da L2; em segundo lugar, o sufixo abandonado é na realidade um duplo sufixo, o que pode talvez aumentar a pressão para a simplificação;<sup>39</sup>

10) quanto ao caso do ponto 10, precisamos de mais cuidados: *scritturaio* não se limita a mudar o sufixo do italiano *scrivano*, mas muda também o radical (o que poderia deixar esse caso fora do escopo do trabalho); isso pode ser explicado de duas maneiras: por um lado como simples substituição lexical (a erosão seria portanto exclusivamente em nível lexical), por outro considerando que o tema *scrit-* é presente no italiano *scrittore*, e em outros itens lexicais da mesma área semântica como *scrittura*, bem mais freqüentes do que *scrivano* ou *scrivente* com o tema *scriv-*. Não se pode portanto excluir que a erosão aqui opere tanto no nível do sufixo quanto no nível da base, preferindo em ambos um concorrente mais freqüente;

11) 1 caso é de *-mento>-nza* (número 15 na tabela: *riferimento > riferenza*), ou seja, a passagem de um sufixo mediantemente produtivo a um outro com o mesmo nível de produtividade em italiano; em português *-mento* é bem menos produtivo do que em italiano, mas o sufixo *-nça* nem aparece no gráfico 3. Mas o italiano oferece também o termo *referenza*, mesmo se com outro sentido. O caso seria compatível com uma explicação simplificatória que reduziria à unidade uma pluralidade sufixal da L1 em uma situação em que a L2 permite uma única possibilidade;

12) o caso de *consulta>consulta* parece mais uma mudança de gênero do que de sufixo, e portanto não interfere no quadro;

13) o caso de *consultazione>consulta* (2 ocorrências) parece exatamente o oposto do caso apresentado nos números 3 e 4 dessa lista, com a diferença que o sufixo em questão é *-zione*, um sufixo altamente produtivo e do qual não se esperaria a perda. Todavia, como acontece também num caso de *-mento>-zione* (veja ponto 2 da lista), aqui também temos autocorreção numa das duas ocorrências, e dessa vez a autocorreção é completa: *consulta-consultazione*; além disso, o italiano também possui a palavra *consulta*, mesmo que em outro sentido, o que permitiria uma explicação parecida com o caso 11;

14) o caso de *ormone>ormonio*, com duas diferentes terminações a partir do anglicismo (de derivação grega) *hormon*,<sup>40</sup> não traz nenhuma dificuldade, já que a terminação *-io* em italiano é muito freqüente;

38. Segundo o DISC, *scolarità* é “o dado estatístico da freqüência escolar”, enquanto *scolarizzazione* é “diffusione e controllo dell’obbligo scolastico”. O contexto de uso do nosso caso prevê *scolarizzazione*.

39. A práxis nos cálculos sufixais é considerar somente os sufixos externos (Plag et al. 1999: 29), mas os casos de sufixação múltipla constituem um problema, e os sufixos internos podem às vezes ter impacto, como acontece, quanto ao italiano, para o sufixo *-izzare*, entre outros (veja-se Gaeta e Ricca 2003, 2005b).

40. DELI, s. v.

15) o caso de *immobiliare*>*immobiliaria* se explica com o fato de que o italiano possui ambos os sufixos, como o português, mas que no sufixo *-are* o equivalente português (*-ar*) é fonologicamente incompatível com o italiano, que exige a terminação vocálica; além disso, os dois sufixos são foneticamente muito parecidos, o que ajuda a explicar a troca;

16) o último caso, *fisioterapista*>*fisioterapeuta*, se explica com a seguinte situação: em italiano existem tanto *terapeuta* quanto *terapista*; o primeiro é muito mais frequente do que o segundo, que aparece mais somente quando é o segundo membro de um composto.

## 5. Conclusões

Se essa análise é correta, não podemos não notar que a erosão sufixal não é um fenômeno casual. O que parece ter maior interesse é que, em todos os casos, mais de um motivo concorre para explicar a erosão: a maior produtividade, aliada à interferência da L2 e da L1, bem como à tipicidade, concorre para explicar o caso de *ansietà*; a produtividade mais a interferência da L2 mais a tipicidade concorrem para explicar os casos de *provazione*, *relazionamento*, *assassinati*, *viaggiante*, *scritturaio*; a interferência, tanto da L2 quanto da L1, mais a produtividade concorrem para explicar o caso de *fisioterapeuta*; produtividade e interferência da L2 concorrem para explicar *adattamento*, *orientazione*, *immobiliaria*, *ormonio*; interferências da L2 e da L1 concorrem para explicar *consulta e referenza*; produtividade e tipicidade concorrem em explicar *ostacolamento*. Esse quadro, portanto, nos permitiria avançar a seguinte hipótese: a interferência da L2 é sem dúvida um fator importante de erosão e de fato aparece em 14 dos 15 *types* individualizados; mas não pode ser considerada um fator único, nem um fator suficiente, pois é sempre acompanhado por, pelo menos, um outro fator. Em 10 casos concorre o fator produtividade, em 6 o fator tipicidade e em 5 a interferência da própria L1. A importância desses outros fatores não é apenas testemunhada pela frequência relativa com que concorrem a gerar erosão, mas também pelo fato de que, em um caso (*ostacolamento*), a interferência da L2 nem participa, e tipicidade e produtividade juntas demonstram ter a capacidade de gerar erosão sem que a L2 ofereça uma forma de apoio.

O presente trabalho, portanto, por um lado mostra como o fenômeno da erosão da sufixação nominal precisa de um *corpus* maior, suficiente para a individualização de um número de ocorrências suscetível de tratamento estatístico; por outro lado permite formular a hipótese de que o fenômeno não se gera de maneira casual, mas pela pressão de mais forças, das quais nenhuma parece ser nem suficiente nem necessária para a emergência do fenômeno.

## Bibliografia

- ALVARES, C. A. *Sufixos formadores de profissão em português: -ISTA X -EIRO. Uma oposição*. www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno04-14.html, sem data.
- BAAYEN, H. Quantitative aspects of morphological productivity. *Yearbook of Morphology*, 1991:109-149.
- \_\_\_\_\_. On frequency, transparency and productivity. *Yearbook of Morphology*, 1992:181-208.
- BAAYEN, H.; LIEBER, R. Productivity and English word-formations: a corpus-based study. *Linguistics* 29, 1991:801-43.
- BAAYEN, H.; RENOUF, A. Chronicling the Times: productive lexical innovations in an English newspaper. *Language* 72, 1996:69-96.
- BAUER, L. *Morphological Productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BETTONI, C. *Italian in North Queensland. Changes in the speech of first and second generation bilinguals*. Townsville: James Cook University of North Queensland, 1981.
- \_\_\_\_\_. Italian language attrition in Sidney: the role of birth order. In: BETTONI, C.; DE MAURO, T.; CRINO, P.; KINDER, J. J. (Orgs.) *Italian Abroad: Studies on language contact in English-speaking countries*. Sidney: Frederick May Fndtn. for Italian Studies, 1986:61-85.
- \_\_\_\_\_. Italian language attrition in Sydney: The role of dialect. In: HALLIDAY, M.A.K. et al. (Orgs.). *Learning, keeping, and using language*, Vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1990:75-89.
- \_\_\_\_\_. Language variety among Italians: anglicisation, attrition, attitudes. Em: Romaine, S. (Org.). *Language in Australia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991:263-269.
- \_\_\_\_\_. Language shift and morphological attrition among second generation Italo-Australians. *Rivista di linguistica*, 3, 1991:369-387.
- COOK, V. (Org.). *Effects of the second language on the first*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- CORBIN, D. *Morphologie dérivationelle et structuration du lexique*. Tübingen: Niemeyer, 1987.
- DELLI. *Dizionario etimologico della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1980.
- DISC. *Dizionario Italiano Sabatini Coletti*. Roma: Giunti, 1996.
- GAETA, L.; RICCA, D. (2002). Corpora testuali e produttività morfologica: i nomi d'azione italiani in due annate della Stampa. In: BAUER, R. et al. (Orgs.) *Parallela IX: "Testo - variazione - informatica / Text - Variation - Informatik"* (Salzburg 1-4/11/2000), Wilhelmsfeld: Egert, 2002:223-249.
- \_\_\_\_\_. Frequency and productivity in Italian derivation: a comparison between corpus-based and lexicographical data. In: ARONOFF, M.; GAETA, L. (Orgs.). *Special Issue on Morphological Productivity. Italian Journal of Linguistics; Rivista di Linguistica*, 15, 2003:63-98.
- \_\_\_\_\_. *Aspetti quantitativi della produttività morfologica*. In: DE MAURO, T.; CHIARI, I. (Orgs.). *Parole e numeri: analisi quantitative dei fatti di lingua*. Roma: *Aracne*, 2005a:107-124.
- \_\_\_\_\_. Davide, Productivity in Italian morphology: a variable-corpus approach. *Linguistics*, 2005b.
- \_\_\_\_\_. Productivity in Italian word formation: a variable-corpus approach. *Linguistics: an interdisciplinary journal of the language sciences*, 44, 1, 2006:33-57.
- GARZANTI. *Grande Dizionario d'Italiano*. Milano: Garzanti, 2008.
- HALLER, H. *Una lingua perduta e ritrovata*. Firenze: La Nuova Italia, 1993.
- IACOBINI, C.; THORNTON, A. M. *Tendenza nella formazione delle parole nell'italiano del ventesimo secolo*. In: MORETTI, B.; PETRINI, D.; BIANCONI, S. (Orgs.) *Linee di tendenza dell'italiano contemporaneo.*, Bulzoni, Roma: 1992:22-55.
- ISURIN, L. "Deserted Island" or a child's first language forgetting. *Bilingualism: Language and Cognition* 3(2), 2000:151-166.

- JAKOBSON, R. *Il farsi e il disfarsi del linguaggio (linguaggio infantile e afasia)*. Torino: Einaudi, 1971 (1941).
- JASPAERT, K.; KROON, S. The relationship between language attitudes and language choice. In: VAN HOUT, R.; KNOPS, U. (Orgs.) *Language Attitudes in the Dutch Language Area*. Dordrecht: Foris, 1988:157-172.
- \_\_\_\_\_. Social determinants of language loss. *ITL Review*, 83-84, 1989:75-98.
- KEIJZER, M.C.J. First language attrition: a cross-linguistic investigation of Jakobson's regression hypothesis. *International Journal of Bilingualism*, 8.3, 2004:389-393.
- KÖPKE, B.; SCHMID, M. S. Language attrition: the next phase. In: SCHMID et alii, 2004:1-42.
- LAUDANNA, A.; BURANI, C. I processi lessicali: come è rappresentata la struttura morfologica delle parole? In: BENINCÀ, P.; MIONI, A.; VANELLI, L. *Fonologia e morfologia dell'italiano e dei dialetti d'Italia*. Atti del XXXI Congresso della Società di Linguistica Italiana, Padova, 25 settembre 1997, Roma: Bulzoni, 1999.
- LORENZETTI, L. *L'italiano contemporaneo*. Roma: Carocci, 2002.
- MARINI, E. I processi morfologici di formazione di parola dell'italiano: vicende storiche e varietà sincroniche. Em: www.italicon.it. Pisa: ICoN, 2003.
- MONTRUL, S. Incomplete acquisition and attrition of Spanish tense/aspect distinctions in adult bilinguals. *Bilingualism: Language and Cognition*, 5, 2002:327-340.
- NEO. Observatório de neologismos científicos e técnicos do português contemporâneo do Brasil. [http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/Dados\\_quantitativos.htm](http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/Dados_quantitativos.htm)
- PLAG, I. Productivity. *Encyclopedia of Language and Linguistics 2<sup>nd</sup> ed. Elsevier*, 2004.
- PLAG et al. Morphological productivity across speech and writing. *English Language and Linguistics*, 3, 1999:209-228.
- RAINER, F. *Spanische Wortbildungslehre*. Tübingen: Niemeyer, 1993.
- RASO T. L'italiano parlato a S. Paolo da madrelingua colti: primi sondaggi e ipotesi di lavoro. *Revista de Italianística*, 8, 2003:9-49.
- \_\_\_\_\_. *La scrittura burocratica*. Roma: Carocci, 2005.
- \_\_\_\_\_. L'erosione linguistica dei madrelingua italiani colti in contatto prolungato col portoghese brasiliano: un progetto in corso. *Atas do XI Congresso Nacional da ABPI e IV Encontro Internacional de Estudos Italianos e I Jornada de Italianística do Mercosul* (Foz do Iguaçu, 2005) (no prelo).
- Revista de Italianística*, 5, 1997, pp. 29-272.
- ROCHA, L. C. A. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, Coleção Aprender, 1998.
- SCAGLIONE, S. *Attrition*. Milano: Francoangeli, 2000.
- SCALISE, S. *Morfologia*. Bologna: Il Mulino, 1994.
- SCHMID, M. S. et al. *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- SELINGER, H. W.; VAGO, R. M. (Orgs.) *First Language Attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- SERIANNI, L. *Italiani scritti*. Bologna: Il Mulino, 2002.
- SORACE, A. Differential effects of attrition in the L1 syntax of near-native L2 speakers. In: HOWEL, S. C.; FISH, S. A.; KEITH-LUCAS, T. (Eds.) *Proceedings of the 24<sup>th</sup> Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville: Cascadilla Press, 2000 :719-725.
- \_\_\_\_\_. Initial states, end-states, and residual optionality in L2 acquisition. In: *Proceedings of the 23rd Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 1999.
- \_\_\_\_\_. Native language attrition and developmental instability at the syntax-discourse interface: Data, interpretations and methods. *Bilingualism: Language and Cognition*, 7, 2004:143-145.
- THORNTON, A. *Morfologia*. Roma: Carocci, 2005.
- THORNTON, A.; IACOBINI, C. Tendenze nella formazione delle parole nell'italiano del ventesimo secolo. In: MORETTI, B.; PETRINI, D.; BIANCONI, S. (Orgs.) *Linee di tendenza dell'italiano contemporaneo*. Roma: Bulzoni, 1992:22-55.
- \_\_\_\_\_. Fonti e stratificazione diacronica del lessico di base italiano. In: NAVARRO SALAZAR, M. T. (Org.) *Italica Matritensis*. Firenze: Cesati, 1997: 493-509.

- THORNTON, A.; IACOBINI, C.; BURANI, C. *BDVDB. Una base di dati sul vocabolario di base della lingua italiana*. Roma: Bulzoni, 1997.
- TSIMPLI, I. et al. Subject in L1 attrition: evidence from Greek and Italian Near-Native speakers of English. In: *Proceedings of the 26th Boston University Conference on Language Development*, Somerville MA, Cascadilla Press, 2002.
- VANVOLSEM, S.; VERMANDERE, D.; MUSARRA, F.; D'HULST, Y. (Orgs.) *L'italiano oltre frontiera. Atti del V° Convegno Internazionale del Centro di Studi Italiani* (Lovanio, 22-25 aprile 1998). Firenze-Lovanio: Franco Cesati Editore; Leuven: Leuven University Press, 2000, 2 voll.





# IL TRATTAMENTO DELL'ITALIANO IN DUE NOVELAS DELLA REDE GLOBO: UN'ESPERIENZA SINGOLARE PER UN'ITALIANA IN BRASILE

CECILIA CASINI

**ABSTRACT** Viene qui rapidamente presentato il metodo di lavoro riguardante il trattamento della lingua italiana seguito durante la produzione di due novelas della Rete Globo (“O rei do gado” e “Esperança”) su temi legati all’emigrazione. Verranno illustrate le differenti fasi di intervento sul testo (a partire dell’originale scritto dall’autore): dalla fase preparatoria e di studio, ai criteri adottati nella sua parziale riscrittura; dal lungo praticare l’accento con gli interpreti, fino al momento delle riprese. Tutto questo con l’obiettivo di stabilire una serie di convenzioni a cui attenersi per proporre un modello verosimile di lingua ‘italiana’ funzionante in televisione; operazione che può rappresentare un ulteriore momento di integrazione culturale fra il Brasile e l’Italia.

*PAROLE CHIAVE* lingua italiana; emigrazione; televisione-novela.



**RESUMO** *Apresenta-se aqui rapidamente o método de trabalho seguido no tratamento da língua italiana durante a produção de duas novelas da Rede Globo (“O rei do gado” e “Esperança”), sobre temas ligados à emigração. Serão ilustradas as diferentes fases de intervenção no texto (a partir do original escrito pelo autor): da fase preparatória e de pesquisa, à sua parcial reescrita; do acento longamente praticado pelos intérpretes, até o momento das gravações. O objetivo final foi estabelecer uma série de convenções a serem seguidas a fim de propor um modelo verossímil de língua ‘italiana’ funcionando no meio televisivo; operação que representa um momento a mais de integração cultural entre Brasil e Itália.*

**PALAVRAS-CHAVE** *língua italiana; emigração; televisão; novela.*

**ABSTRACT** *Here we briefly deal with the work method adopted in treating the Italian language during the shootings of two Globo Network soaps [O rei do gado (the king of Cattle) and Esperança (Hope)], based on themes connected to the Italian emigration. The various phases of intervention in the original text (written by the author) will be highlighted: from the preparatory and discovery phase, to the partial rewriting; from the long pronunciation practice the actors went through to the moment of shooting. The final objective was to establish a number of conventions that once followed would convey a model of the Italian language that sounded credible and worked on the TV; an initiative that represents yet another instance of cultural integration between Brazil and Italy.*

**KEYWORDS** *Italian language; emigration; TV; soap opera.*

# I

l Brasile, come si sa, ha rappresentato una delle mete preferite per l'emigrazione italiana fin dalla seconda metà del XIX secolo. Per quanto riguarda il mondo dello spettacolo, la presenza di cantori, castrati, maestri di musica, macchinisti, sonoplasti e tecnici italiani si fa significativa soprattutto a partire dal 1843, anno dell'arrivo alla corte di Rio de Janeiro della principessa napoletana Donna Teresa Cristina Maria de Bourbon, sposa dell'imperatore Don Pedro II. Ma è specialmente a San Paolo, metropoli in convulso cambiamento fra la fine dell'Ottocento e i primi decenni del Novecento, che la figura dell'italiano, sempre più presente in ogni campo della vita sociale e culturale della città, si avvia a diventare – sebbene per molto tempo ancora fortemente discriminata – riferimento imprescindibile per la definizione del paolista, e dunque, in un certo modo, ad essere strutturale della stessa identità brasiliana.

Senza entrare nel merito di un'analisi storica dei fatti – abbondano i testi a riguardo, alcuni dei quali indicati nella Bibliografia –, è possibile notare come tale presenza si sia risolta nell'immaginario locale prendendo corpo in numerosissime opere di vario tipo, letterario, teatrale, giornalistico, musicale, cinematografico, televisivo ecc., in cui l'emigrato italiano, o l'italo-paolista di recentissima generazione, è protagonista indiscusso: dai racconti del classico *Brás, Bixiga e Barra Funda*, di Antônio de Alcântara Machado, al sofisticato teatro di Abílio Pereira de Almeida; dall'esperienza fondante dei registi italiani del TBC, ai kolossal della Compagnia Cinematografica Vera Cruz; dal repertorio della “comédia de costumes ítalo-brasileira”<sup>1</sup> di Nino Nello, al samba paolista di Adoniran Barbosa (nato João Rubinato); dalla popolarissima maschera del *carcamano*<sup>2</sup> Mazzaropi – vagamente ispirata a Totò –, alle parodie di “Juó Bananére”, poeta e barbiere “in coppa do Viaduto”.<sup>3</sup>

Pertanto, è legittimo dire che esiste in Brasile tutta una tradizione artistica in cui personaggi italiani, o legati alla comunità italiana, si sono produttivamente ‘incorporati’ alla cultura locale:

1. Silveira, p.241.

2. Termine dispregiativo dato ai negozianti italiani che ‘truccavano’ il peso degli alimenti, sostenendo di nascosto la bilancia con la mano.

3. Il giornalista e scrittore Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, membro dell'alta società paolista, componeva versi in un italo-portoghese maccheronico a parodiare opere famose, come nel caso della simil-dantesca *Divina encrenca*.

personaggi normalmente caratterizzati da quel “linguajar” italo-paolista che riflette “con forza suggestiva una lingua che [...] doveva essere parlata e ascoltata in ogni angolo della città”.<sup>4</sup> Lingua che, nelle sue successive varianti nel corso del tempo, è giunta fino ad oggi, arrivando spesso, complice la volgarizzazione operata da quel grande mezzo di comunicazione di massa che è la televisione, a sgradevoli eccessi di stereotipizzazione in cui la parte del leone è toccata tradizionalmente all’immigrato di area napoletana.<sup>5</sup>

Giustamente al fine di ridimensionare tali eccessi, chi scrive fu contattata, nel 1996, dalla Direzione della Rete Globo, per svolgere un lavoro di consulenza che avesse come oggetto l’accento dei personaggi ‘italiani’ della *novela das oito* “O rei do gado”; lavoro continuato l’anno seguente nello sceneggiato “Dona Flor e seus dois maridos” (riduzione televisiva dell’omonimo romanzo di Jorge Amado), e ancora nel 2004 in un’altra *novela das oito*,<sup>6</sup> “Esperança”, sempre della Rete Globo. Tutte opere di Benedito Ruy Barbosa, uno dei drammaturghi più conosciuti della TV brasiliana.

Nel caso delle due *novelas*, la cura principale del regista, Luís Fernando Carvalho, era riuscire a garantire l’eccellenza del prodotto finale, preservando il lato artigianale, autorale, della riproduzione tecnica dell’opera d’arte; ma, realisticamente parlando, un’operazione del genere non poteva non scontrarsi col ritmo di produzione industriale della televisione. La preoccupazione che l’accento dei personaggi si distinguesse da quello consueto, in modo da suggerire un’idea più verosimile e meno folclorica della figura dell’emigrato, si inseriva giustamente nell’ambito di questa problematica; di conseguenza anche tale obiettivo, così come tutti gli altri, risentì delle limitazioni del caso. Infatti, dal punto di vista specificamente linguistico il risultato è stato un po’ frustrante; infatti, a prescindere dalle buone intenzioni di tutti, nel corso della lavorazione è andata sostanzialmente perduta, o si è notevolmente modificata, la maggior parte del lavoro di ricerca e lo sforzo di impostazione metodologica della fase preparatoria della *novela*, quella che precede la messa in onda. Anche se è importante rilevare che fra le due *novelas* c’è stata, alla fine, una notevole differenza: infatti “O rei do gado” è riuscita meglio di “Esperança” a preservare gli obiettivi iniziali e a evitare gli eccessi caricaturali, mantenendo in genere la riproduzione dell’italiano del Brasile nei limiti di una misura accettabile, direi quasi ‘classica’, televisivamente parlando. La trama delle *novelas*, entrambe *de época*, ambientate rispettivamente negli anni ’40 e ’30 del XX secolo, era incentrata sullo scontro fra due gruppi familiari rivali, complicato dall’amore proibito fra i figli. In genere la drammaturgia di Rui Barbosa ripropone in chiave brasiliano-rurale i modelli epico-drammatici della letteratura classica: le madri forti o oppresse, i padri dominatori e acerrimi nemici fra di loro, i figli ‘buoni’ e i figli ‘cattivi’, l’angelica figlia femmina divisa fra la fedeltà alla famiglia e l’amore per il figlio del rivale del padre ecc.<sup>7</sup> L’azione parte da questi antefatti, e poi si svolge nel corso di 250-300 puntate.

4. Casini, p.12.

5. Accanto peraltro a esempi ‘virtuosi’, dovuti soprattutto all’alta qualità di alcuni testi televisivi del passato o all’eccezionale disimpegno di interpreti straordinari che hanno saputo rendere con gusto vezzi e caratteristiche degli emigrati italiani, e riprodurre ‘spontaneamente’ un accento *italianado* piuttosto credibile (in particolare, Juca de Oliveira e Aracy Balabanian in “Nino, o italianinho” e le due parti della *novela* “Os imigrantes”).

6. La *novela das oito* è il programma di maggior indice d’ascolto della televisione brasiliana; è trasmessa giustamente nella fascia oraria che garantisce il maggior seguito di tele-utenti, e per questo motivo è quella che prevede i maggiori investimenti pubblicitari; la rete non lesina mezzi finanziari nella produzione della *novela das oito*, a tutti i livelli, dagli attori al regista, dal personale tecnico alla dislocazione della *troupe* nei luoghi che siano giudicati i più appropriati a rendere l’effetto di realtà voluto. Il gigantismo di questo tipo di operazione è impressionante; per questo è possibile che a volte, in virtù di scelte precise della regia e col consenso dell’autore, vengano contrattati specialisti che si occupino unicamente di dati aspetti della produzione.

7. Le *novelas* sono eredi legittime dell’ottocentesca letteratura d’appendice: veri e propri “folhetins eletrônicos [...] fiéis à estrutura básica do melodrama, com sua narrativa fortemente calcada nas aventuras e desventuras amorosas de personagens movidos por oposições binárias como bem e mal, lealdade e traição, honestidade e desonestidade” (Hamburguer, p.442), em que “as oposições entre homens e mulheres; entre gerações; entre classes sociais; entre localidades rurais e urbanas, ‘arcaicas’ e ‘modernas’ [são] representadas como tendências intrínsecas e simultânea da contemporaneidade brasileira” (Idem, p.447).

Parlando più specificamente dell'intervento riguardante la lingua delle due *novelas* (si tralascia per ora di trattare lo sceneggiato "Dona Flor", in cui il lavoro si è concentrato su un unico personaggio, il calabrese interpretato da Otavio Augusto), si possono distinguere quattro fasi principali.

La prima è stata quella del lavoro diretto sul testo originale. Tale testo conteneva già di partenza molti elementi 'italiani', tanto di lingua (lessico, espressioni idiomatiche, costruzioni sintattiche proprie della lingua italiana), quanto di riproduzione di abitudini di vita quotidiana; elementi che gli conferivano una 'coloritura' e vivacità davvero sorprendenti (soprattutto ne "O rei do gado").<sup>8</sup> I personaggi si esprimevano in un 'italiano' spigliato e drammaturgicamente efficace, molto approssimativo e sgrammaticato, ma che grosso modo poteva corrispondere all'idioma parlato dalle popolazioni rurali negli anni '40 nello Stato di San Paolo<sup>9</sup>; del resto, l'autore non aveva mai studiato sistematicamente la lingua italiana, né la maggior parte degli italiani all'epoca parlavano effettivamente la lingua, quanto i dialetti delle rispettive regioni di provenienza. Nel caso di "Esperança", il principio di verosimiglianza avrebbe richiesto che nella prima parte della *novela*, quando l'azione si svolge in Italia e i personaggi sono tutti italiani, si adottasse la lingua o il dialetto locale, non ancora 'contaminato' dall'esperienza brasiliana, e si usassero sottotitoli in portoghese; oppure che si stabilisse convenzionalmente che il portoghese perfetto in cui si esprimevano gli interpreti – attori brasiliani – fosse italiano, *tout court*, lasciando a carico dei telespettatori l'operazione mentale di intenderli come italiani. Nessuna di queste possibili soluzioni – presentate da chi scrive – venne accettata, preferendosi 'caricare' la lingua in misura differente, a seconda che si trattasse di italiani nativi, di italiani con alcuni anni di vita in Brasile, di italiani che andavano in Brasile e imparavano a poco a poco la lingua del posto, di immigranti già da tempo su suolo brasiliano, in città o in campagna ecc. Da ciò risultò uno sforzo grandissimo per differenziare le singole parlate, comunque poco avvertibile nel risultato finale. In particolare, fu posta la maggior cura a non appiattare il testo, e venne preservata al massimo la spontaneità originale della parlata dei personaggi (l'autore prendeva regolarmente visione del lavoro e approvava o no); si tennero particolarmente presenti l'epoca storica, le zone di origine dei personaggi in Italia, la loro appartenenza sociale – l'intenzione era lavorare opportunamente non solo sulla lingua, ma anche a una verosimile ricostruzione socio-antropologica dell'ambiente –, e a partire da lì si stabilì quale dovesse essere l'accento, o gli accenti, predominanti. Inoltre, visto la predilezione dell'autore per i conflitti personali e interfamiliari, si procedette a differenziare anche nella lingua i vari personaggi all'interno della stessa famiglia; per cui, così come avveniva nella *Commedia dell'Arte*, i personaggi nobilitati, i figli 'buoni' e gli 'innamorati' potevano esprimersi in una lingua più 'pulita', mentre i figli 'cattivi' potevano eventualmente venire disumanizzati al punto da rasentare l'espressione animalesca. Chi scrive non parla dialetto: anche a ciò si deve la scelta finale dell'adozione di un italiano non troppo connotato secondo un dialetto specifico, mantenendo solo delle espressioni popolari caratterizzanti.<sup>10</sup> Il testo fu 'ripulito' degli eccessi più eclatanti: per esempio riducendo un po' l'abbondanza di impropri, un po' troppo ripetuti e monotonamente

8. L'autore durante la sua giovinezza, nell'interno dello Stato di San Paolo, era vissuto a stretto contatto con emigranti di origine italiana, e aveva avuto modo di familiarizzarsi con loro, identificandosi con tale modo di vivere, visto il gusto col quale rievocava persone e raccontava episodi dell'epoca: i suoi racconti erano vivacissimi e pieni di dettagli, dettagli che poi si trasferivano direttamente sulla bocca dei personaggi.

9. Vedi Cenni, in *Bibliografia*.

10. Tengo a dire, per evitare possibili equivoci, che non penso che esista una maniera 'corretta' di 'italianizzare' un testo come questo, o qualsiasi altro, né quindi che la soluzione adottata sia l'unica possibile; semplicemente, è stata la maniera che, in quelle specifiche circostanze, è sembrata la più consona a ottenere il risultato richiesto.

iguali (in particolare la parola *maledetto* poté trasformarsi di volta in volta in *disgraziato*, *figlio d'un cane*, *farabutto*, *cornuto*, *mascalzone*); oppure eliminando drasticamente l'infinita quantità di ecco e è vero, mantenendone alcuni solo dove lo si ritenesse necessario, anche per ragioni di effetto sonoro (salvo poi rispuntare a momenti, indesiderati ma potenti, dall'"inconscio" storico-televisivo degli interpreti); facendo una cernita di un gran numero di parole, espressioni idiomatiche, invocazioni religiose ecc., compatibili fra italiano e portoghese anche a livello della semplice pronuncia, da inserire nel *corpus* testuale; operando in modo da 'integrare' la grammatica e la sintassi delle due lingue; cercando di far sì che la funzionalità pragmatica dell'una non interferisse in quella dell'altra; ecc. Tutto ciò senza trascurare la cosa più importante: la comprensione da parte del grande pubblico, composto da brasiliani che, in fin dei conti, e giustamente, non parlano italiano. Ne risultò un testo altro, ibrido, mescolanza fra italiano e portoghese, che passò a essere il modello di riferimento comune: in esso erano stabilite una serie di convenzioni – una *novela* è pur sempre opera di fantasia – cui attenersi perché risultassero ugualmente rispettate la 'correttezza' linguistica e l'idea di autenticità ripropostasi dall'autore in un tutto coerente, storicamente verosimile e 'televisivamente' funzionante.

La seconda fase fu cominciare a leggere e ripassare il testo così modificato con gli interpreti, che oltre ad impararlo dovevano assimilare una pronuncia, una cadenza, una musicalità non più appartenenti alla loro lingua nativa. Molte e importanti modifiche sorsero in questa fase,<sup>11</sup> visto che l'obiettivo era raggiungere il massimo possibile di semplicità e di naturalezza linguistica atto ad essere 'pronunciato' dai singoli interpreti; la parte della produzione fonico-fonetica è sempre stata prioritaria per aumentare la disinvoltura dei parlanti. Questo lavoro si è protratto esaustivamente per vari mesi, con decine di letture, realizzato più volte con ogni interprete, svolgendosi fino all'inizio delle riprese e continuando per un certo tempo anche a riprese iniziate (gli attori 'veterani', come, fra gli altri, Raul Cortez, Fernanda Montenegro, Eva Wilma, erano in genere i più disponibili a dedicare il loro tempo a questa occupazione, costantemente tesi a perfezionare e rendere più naturale e precisa possibile la propria *performance*). Quando tutti più o meno sono arrivati a 'dominare' allo stesso modo il nuovo testo, hanno avuto inizio le letture comuni alla presenza del regista, che procedeva costantemente a fare ulteriori modifiche secondo il proprio orecchio (l'ultima parola è sempre stata quella dell'autore e la sua). In questa fase soprattutto si è lavorato alla caratterizzazione dell'accento e all'adeguamento di tutti al modello di riferimento scelto in precedenza (il testo ibrido); in un certo modo, si è trattato di 'ricondizionare' linguisticamente gli attori, al fine di creare una specie di seconda natura linguistica provvista di senso proprio che permettesse loro, anche quando fossero sul set da soli, di controllarsi al punto da ridurre al minimo le ricadute nei vizi consueti dell'accento dell'italiano televisivo.

La terza fase si svolse direttamente sul *set*. A questo punto, è opportuno rilevare una distinzione fra le due *novelas*: infatti, anche se in realtà, per vari motivi, in nessuna delle due è stato possibile seguire davvero integralmente le riprese, ne "O rei do gado" si è realizzato un lavoro di maggiore

11. Seguirà testo più specifico a proposito.

qualità, principalmente a causa del numero relativamente basso di personaggi 'italiani' e di puntate in cui essi apparivano (le prime sette di introduzione allo svolgersi futuro della storia, con una ripresa alla fine della *novela*). In "Esperança", invece, i personaggi 'italiani' erano moltissimi, e le loro vicende occupavano l'intera durata della *novela*, rendendo fisicamente impossibile seguirli tutti allo stesso modo. Comunque, in entrambi i casi, nei primi mesi chi scrive è riuscita a seguire esaustivamente le riprese (ovunque fossero: negli studi del Projac; nella *cidade cenográfica* a Rio de Janeiro; nelle *fazendas* all'interno dello Stato di San Paolo; in Italia); in tutto questo periodo l'attenzione era rivolta a che l'emissione vocale del testo fosse sostanzialmente consona al modello di riferimento scelto in precedenza, e omogenea da parte di tutti gli interpreti, in modo da evitare differenze e incongruenze troppo discordanti; in genere, e con certe restrizioni, il regista concedeva a chi scrive una certa libertà per far girare di nuovo una scena, se questa fosse stata giudicata insoddisfacente. Di fatto, era al momento di 'pronunciare' lo scritto che prendeva corpo l'effettiva forma finale del testo, così come l'avrebbe poi recepita il pubblico; e, se fosse risultato evidente l'eccesso di stranezza di certe parti, o la difficoltà di un certo interprete nel parlare 'italiano', era giocoforza modificare all'ultimo momento gran parte del lavoro precedente di mesi.<sup>12</sup>

La quarta e ultima fase cominciò immediatamente dopo il debutto della *novela* in televisione: visto che la durata di una *novela* – e di conseguenza il suo valore economico – dipende in gran parte dall'accoglienza del pubblico, la possibilità di intervenire in essa dopo la messa in onda risente moltissimo degli indici di ascolto dell'opera; a volte autore, regista, direzione della rete, interpreti, tecnici vari, sono obbligati a tenere conto di tutta una serie di fattori totalmente inaspettati. Nel caso delle due *novelas* in questione ciò ha significato ridurre considerevolmente la presenza e il livello della lingua italiana nel testo finale, per privilegiare la comprensione da parte del grande pubblico; questo è stato evidente dopo le prime puntate trasmesse, specialmente nel caso di "Esperança", in cui è stato necessario riprendere in mano il testo e apportare modifiche (concertate con regista e autore), cercando di sfumare le differenze con quanto già girato in modo che il salto non risultasse troppo brusco, e cercando di salvaguardare, nella misura del possibile, i procedimenti e le linee di sviluppo già iniziati. Almeno in un caso tale continuità non è stata assolutamente possibile; in "Esperança" il regista aveva deciso, volendo innovare un po' rispetto alla consueta immagine degli italiani emigrati tutti da Napoli o dal Meridione, di considerare un gruppo di personaggi come una famiglia originaria della Sardegna<sup>13</sup>. L'iniziale attacco di panico dovuto alla totale ignoranza del sardo da parte di chi scrive fu superato grazie all'ausilio di libri specifici, reperiti presso l'Istituto Italiano di Cultura di Rio de Janeiro, e all'incontro con alcuni membri delle comunità sarde di Rio de Janeiro e di San Paolo, con l'aiuto dei quali vennero selezionate alcune espressioni tipiche, forme di benedizioni e augurali, semplici parole dialettali, poi inserite nella *novela* per caratterizzare adeguatamente il 'nucleo sardo'. Tutti gli attori che lo costituivano si erano dedicati allo studio con determinazione, felici di potersi scostare dal modello di italiano tradizionalmente predominante; essi componevano, all'interno della *novela*, un piccolo manipolo di individui con

12. La verifica sul campo del testo era allo stesso tempo una croce e una delizia, perché da una parte prendeva forma concreta un lavoro fino allora rimasto sulla pagina, dall'altra tale lavoro poteva essere totalmente rimesso in discussione in ogni momento. E spesso, dopo tutta una giornata sul set, era necessario la sera rimettersi al computer per alterare, sulla base dell'esperienza appena passata, le scene del giorno dopo.

13. Senza volere, è stata chi scrive l'ispiratrice di tale idea, a commentare col regista che l'attrice Fernanda Montenegro, quando leggeva il testo in italiano, lo faceva con accento sardo; di fatto, sua madre era sarda.

un testo specifico leggermente differente da quello generale, dotato di un'altra musicalità, di un altro ritmo linguistico. Ma il pubblico, una volta che la *novela* andò in onda, mostrò di non gradire in nessun modo la novità;<sup>14</sup> fu quindi repentinamente deciso di abbandonare l'esperimento sardo e di ripristinare il vecchio e sicuro modello napoletano, non tenendo in nessun conto l'effetto di straniamento che il cambiamento avrebbe provocato. È possibile rendersi conto di quanto ciò sia stato negativo per il risultato finale, ad avvertire lo stacco linguistico e di caratterizzazione esistente fra una scena e l'altra, a volte nel corso di una stessa puntata, visto che l'ordine delle riprese non segue quello delle scene sulla pagina.

Le due *novelas*, come spesso succede, ebbero successo diverso, e per vari altri motivi che non quello legato alla lingua dei personaggi: incontestabile il successo, di pubblico e di critica, de "O rei do gado", molto inferiore quello di "Esperança". Per quanto riguarda, più specificamente, il lavoro riguardante l'italiano, persiste una certa frustrazione al pensare a quanta parte di un progetto ambizioso e relativamente sofisticato come quello di 'ricreare' una lingua al tempo stesso filologicamente accettabile e spettacolarmente funzionale sia venuta meno nel corso della lavorazione, e a come tale progetto si sia banalizzato. Dentro al contesto televisivo, le 'ragioni della lingua', chiamiamole così, sono destinate a soccombere o ad essere seriamente ridimensionate, rispetto a quelle del mezzo spettacolare di massa. Resta però il fatto che si tratta sempre di occasioni interessanti per mostrare spaccati della storia dell'emigrazione italiana in modo un po' meno superficiale di quanto normalmente avviene, offrendo così un nuovo contributo alla riflessione sull'importanza di tale emigrazione nel processo di formazione del Brasile.

## Bibliografia

- AA.VV. *Limba sarda unificada*. Cagliari: Regione Autonoma della Sardegna, 2001.
- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In *História da vida privada no Brasil*. v. 4 (a c. di Fernando Morais). San Paolo: Companhia das Letras, 1998.
- BARSALINI, Glauco. *Mazzaropi: o Jeca do Brasil*. San Paolo: Átomo, 2002.
- COELHO GOMES COSTA, Alberto. *A telenovela e os dramas cotidianos*. San Paolo: Tesi di dottorato, ECA-USP, 1985-86.
- CASINI, Maria Cecilia. *Teatro italiano a San Paolo del Brasile*. Tesi di laurea in Storia del Teatro e dello Spettacolo. San Paolo-Firenze: 1996-97.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. San Paolo: Livraria Martins Editora, 1958.
- CICCARESE, Emilio. *Lo schiavo bianco, ossia l'emigrante italiano in Brasile*. Napoli: Tip. Pesola, 1898.
- COSTA, Róvilio; DE BONI, Luís Alberto. *La presenza italiana nella storia e nella cultura del Brasile*. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.
- CONTRERAS ARELLANO, J. Asdrubal. *Influencia de la televisión en la formación del hombre latino-americano*. Caracas: Universidad Central Venezuela, 1987.
- DE ALMEIDA PRADO, Décio. *Teatro em progresso: crítica teatral, 1955-64*. San Paolo: Martins, 1964.

14. Per misurare la qualità e la quantità della recezione del pubblico, le emittenti televisive si basano, oltre che sull'indice di ascolto, su interviste fatte a caso e sul monitoraggio di gruppi di tele-utenti previamente preparati: "a repercussão de cada novela é avaliada de acordo com os índices de audiência obtidos e com as opiniões expressas por telespectadoras do Rio de Janeiro e São Paulo, selecionadas para participar de grupos de discussão que abordam uma pauta que vai da apreciação geral de uma novela ao debate da trama, 'pares românticos' principais e secundários, cenários, figurinos, trilha sonora. Opiniões expressas por essas telespectadoras constituem mais um mecanismo, ainda que bastante indireto e sujeito à filtragem dos autores, de interação entre os telespectadores e a produção da novela" (Hamburguer, p.480).



- FACHEL LEAL, Ondina. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FADUL, Ana Maria (a c. di). *Ficção seriada na televisão: as telenovelas latino-americanas*. San Paolo: ECA-USP, 1983.
- GROSSELLI, Renzo. *Da schiavi bianchi a coloni: un progetto per le fazendas*. Trento, Effe e Erre, 1991.
- GUZIK, Alberto. *TBC: crônica de um sonho*. San Paolo: Perspectiva, 1986.
- HAMBURGUER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In *História da vida privada no Brasil*. v. 4 (a c. di Fernando Morais). San Paolo: Companhia das Letras, 2002.
- HELIODORA, Bárbara. A influência estrangeira no teatro brasileiro. *Cultura*, Brasília, (gennaio-marzo1971), n.1.
- MAGALDI, Sábado; VARGAS, Maria Thereza. Suplemento do Centenário. *O Estado de São Paulo*, 1975.
- MARCHESINI, Giovan Battista. *Il Brasile e le sue colonie agricole*. Roma: Tip. Barbera, 1877.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão*. San Paolo: Scipione, 1994.
- MATUK, Artur. *O potencial dialógico da televisão*. San Paolo: Anna Blume-ECA-USP, 1995.
- PES, Ignazio; MUSINA, Eugenia. *Vibis, vocabolario illustrato di base italiano-sardo*. Nuoro: BENAS, 1998.
- PETTINATI, Francisco. *O elemento italiano na formação do Brasil*. San Paolo: Pocaí, 1939.
- ROHLFS, Gerhard. *Studi e ricerche su lingua e dialetti d'Italia*. Firenze: Sansoni, 1972.
- SERIANNI, Luca. *Grammatica italiana: italiano comune e lingua letteraria*. Torino: UTET, 2003.
- SILVA, Ivan. O linguajar paulistano. *Planalto*, San Paolo, 1941.
- SILVEIRA, Miroel. *A contribuição italiana ao teatro brasileiro*. San Paolo: Edições Quíron, IMEC, 1976.
- TRENTO, Angelo. *Il Brasile. Una grande terra fra progresso e tradizione (1808-1990)*. Firenze: Giunti, 1992.



# DO PORTUGUÊS AO ITALIANO: REFLEXÕES PARA ELABORAÇÃO DE UM DICIONÁRIO PEDAGÓGICO VOLTADO PARA A PRODUÇÃO

**PAOLA BACCIN**

**RESUMO** O presente trabalho apresenta as reflexões para a elaboração de um dicionário pedagógico bilíngüe (português – italiano) em formato eletrônico, de acesso gratuito, com vistas à produção de textos em língua italiana. Denominado *Cantiere di parole* (Canteiro de palavras), o projeto reúne o resultado de pesquisas de lexicógrafos da USP e da UNESP - SJRP que, há alguns anos, se dedicam ao estudo da problemática relativa ao uso de dicionários, ao tratamento dos diversos campos léxico-semânticos e às dificuldades e necessidades específicas dos alunos brasileiros de língua italiana no campo da aprendizagem do léxico.

**PALAVRAS-CHAVE** lexicografia pedagógica; dicionário bilíngüe; língua italiana.



**ABSTRACT** *In questo lavoro sono presentate alcune riflessioni per l'elaborazione di un dizionario pedagogico bilingue (portoghese – italiano) in formato elettronico, di accesso gratuito, per la produzione di testi in lingua italiana. Col titolo Cantiere di parole, il progetto riunisce i risultati di ricerche di lessicografi della USP e dell'UNESP-SJRP che, da alcuni anni, si dedicano allo studio della problematica riguardante l'uso di dizionari, il trattamento dei diversi campi lessico-semantici e le difficoltà e necessità specifiche degli studenti brasiliani di lingua italiana nel campo dell'apprendimento del lessico.*

**PAROLE CHIAVE** *lessicografia pedagogica; dizionario bilingue; lingua italiana.*

**ABSTRACT** *The current paper presents thoughts to pull together a free bilingual learner's dictionary (Portuguese-Italian) in electronic media designed for text production in Italian. Called Cantiere di parole (word worksite), the project gathers the research findings of lexicographers from USP and UNESP - SJRP who have dedicated years to studying the problem of using dictionaries, the treatment given to various lexical-semantic fields and the difficulties and specific needs of Brazilian students of Italian as regards lexical assimilation.*

**KEYWORDS** *teaching lexicography, bilingual dictionary, Italian language.*

## 1. Introdução e histórico

C

*antiere di parole* (canteiro de palavras) é um projeto que reúne o resultado de trabalhos de lexicógrafos que, há alguns anos, se dedicam ao estudo da problemática relativa ao uso de dicionários, ao tratamento dos diversos campos léxico-semânticos e às dificuldades e necessidades específicas dos alunos brasileiros de língua italiana no campo da aprendizagem do léxico. Desde a sua constituição, foram realizadas diversas pesquisas entre as quais destacamos a pesquisa sobre o público-alvo, os alunos de língua italiana dos cursos de graduação e dos cursos livres da Universidade de São Paulo (Baccin, et alii: 2004) e a análise dos dicionários usados pelos alunos de língua italiana (Baccin, et alii: 2005). Em 2007, dois alunos de Iniciação Científica, sob nossa orientação, dedicaram-se ao estudo de alguns campos léxico-semânticos e sua possibilidade de tratamento dentro de um dicionário para aprendizes. Flávio Soares Júnior (que prosseguirá sua pesquisa sob orientação da professora Roberta Barni) faz um estudo das unidades lexicais dos *links* utilizados nas páginas dos cursos *online* de língua italiana para estrangeiros e seus equivalentes em português brasileiro, com vistas à elaboração de um modelo de glossário; Jéssica Lima e Silva elaborou uma metodologia com base em questionários e análise de produções escritas de alunos. A metodologia foi testada com o campo das vestimentas e poderá ser aplicada aos demais campos léxico-semânticos tais como: alimentação e refeições; casa e mobiliário; mobiliário urbano; meios de transporte etc.

Fazem parte da equipe os seguintes pesquisadores da USP: Roseli Dornelles (mestranda) estuda a problemática relativa aos verbos reflexivos e pronominais, centrando a discussão na própria denominação (em italiano e seu correspondente em português); Ana Paula de Souza (graduada) elabora um projeto de mestrado que estuda a problemática relativa aos adjetivos e pronomes in-

definidos; Daniel Ferreira Martins Neto (graduando) elabora um projeto de iniciação científica e TGI sobre o campo léxico-semântico relativo às refeições e aos alimentos; Alessandra Caramori desenvolveu, para seu trabalho de doutorado, defendido em 2007, uma metodologia para a inclusão e o tratamento das expressões idiomáticas em um dicionário pedagógico e Angela Zucchi estuda a inclusão e o tratamento das colocações em um dicionário pedagógico. Da UNESP de São José de Rio Preto, participam da equipe duas pesquisadoras que agregaram ao grupo os resultados das pesquisas que vêm realizando há muitos anos. Claudia Zavaglia elaborou uma metodologia de elaboração de verbetes multilíngües para o campo léxico-semântico das cores. Além disso, estuda, atualmente, a problemática da inserção da linguagem erótico-obscura nos dicionários. Marilei Sabino estudou o tratamento especial às unidades lexicais que se apresentam, aos consulentes e/ou aprendizes brasileiros, como “falsos cognatos” ou “cognatos enganosos” em relação à língua italiana.

Este artigo tem como escopo apresentar, de forma concisa, as reflexões realizadas desde a certificação do Grupo de Pesquisa que possibilitaram o encaminhamento do projeto para a sua segunda fase.

## 2. Tipologia e denominações dos dicionários

A tentativa de classificar dicionários de modo tal que a classificação seja aplicável a todas as sociedades é infrutífera (Béjoint, 2000:37). De fato, as pesquisas em lexicografia e metalexigrafia revelam que a ciência de fazer dicionários é mais complexa do que se supunha. Deve-se conhecer a evolução dos estudos na área e analisar as obras existentes para empreender a tarefa de elaborar mais uma obra lexicográfica.

Procuramos aqui sistematizar, de maneira sucinta, as definições que serviram para orientar as nossas reflexões com base nas pesquisas de levantamento de dados de Duran (2004), Humblé (2006), Welker (2006) e Tarp (2006).

O dicionário monolíngüe é aquele que apresenta uma única língua e cujo público-alvo é o falante nativo, enquanto o dicionário bilíngüe apresenta duas línguas em contato. Santos (2006: 23) acrescenta, como característica própria de cada dicionário, a presença ou não de definição. Enquanto o primeiro “apresenta a explicação da entrada em forma de uma definição na mesma língua do lema”, no segundo “a explicação é fornecida na forma de um equivalente, ou uma série de equivalentes, na língua meta”.

Humblé, 2007 (no prelo), comenta:

A secreta opinião pública é que estes dicionários são feitos por sujeitos bilíngües que, fazendo uma seleção nos dicionários monolíngües, traduzem as palavras mais

comuns. Há dicionários bilíngües melhores que outros. Mas todos têm, mesmo para o leigo, falhas: o verbete é longo e só traz uma lista de palavras traduzidas sem explicação; falta ‘exatamente’ a palavra que se procurava; abundam as crípticas abreviaturas. Ao querer dizer alguma coisa na língua estrangeira, o dicionário sempre sugere uma palavra logo censurada pelo falante nativo ou o professor: “neste caso, diz ele, não falaríamos assim...”. São poucos os dicionários bilíngües que contam com a irrestrita aprovação do usuário.

Quanto ao público alvo, o dicionário bilíngüe pode ser não-recíproco (destinado aos falantes de uma língua: língua materna em contato com uma língua estrangeira) ou recíproco (atender aos falantes das duas línguas em contato, no qual as funções de língua materna e língua estrangeira alternam-se de acordo com os usuários). Pode servir de apoio para a decodificação (da língua estrangeira para a língua materna) ou para a codificação (da língua materna para a língua estrangeira) ou ser bidirecional, servindo de apoio à codificação e à decodificação (Duran, 2004).

Há ainda uma terceira modalidade. Os dicionários semibilíngües (DSB), também chamados de monolíngües com equivalente, ou híbridos, que incluem exemplos e definições em língua estrangeira, além dos equivalentes e da tradução em língua materna.<sup>1</sup>

Para o italiano, temos, nessa modalidade, o dicionário *Parola Chiave. Dizionario di italiano per brasiliani*<sup>2</sup>. A apresentação do dicionário especifica o público alvo – os estudantes brasileiros –, apresenta a metodologia de sua execução, bem como os critérios de elaboração dos verbetes:

Os termos para os quais não existem equivalentes brasileiros (...) foram conservados em italiano, mas grafados em itálico e negrito. As palavras intraduzíveis – em sua maioria preposições empregadas no italiano em regências verbais e nominais inexistentes em português – estão indicadas por Ø.

A terminologia relativa à lexicografia pedagógica tem-se afirmado a cada dia, com base na publicação de novas pesquisas e da sistematização de sua relativa bibliografia. A esse respeito remetemos ao trabalho de Welker e Humblé (2006).

Sven Tarp (2006) discute as características de um dicionário para aprendizes e define dicionário pedagógico<sup>3</sup> como:

un diccionario cuyo objetivo genuino es el de satisfacer las necesidades de información lexicograficamente relevantes que tengan los estudiantes en una serie de situaciones extra-lexicográficas durante el proceso de aprendizaje de una lengua extranjera. (Tarp apud Tarp, 2006:300)

1. Para uma discussão mais aprofundada sobre a terminologia e, principalmente, sobre a modalidade semibilíngüe cf. Duran, 2004. pp. 54 e ss.

2. Martins Fontes, São Paulo: 2007.

3. Quanto à terminologia optamos por dicionário pedagógico, também para a tradução de dicionário de aprendizagem ou learner’s dictionary (usados no original, em espanhol, pelo autor).

O autor afirma que, apesar de a Lexicografia Pedagógica ter uma história de mais de 70 anos e de possuir um objeto específico de estudo, que é também um produto cultural e historicamente determinado – o dicionário para aprendizes –, somente há pouco tempo estudiosos têm-se dedicado ao desenvolvimento de uma teoria geral da Lexicografia Pedagógica. Cita como “embriões” de uma teoria geral sobre esse campo os estudos de Scerba (1940), Hausman (1977), Wiegand (1977 e 1998) e Bergenholtz e Tarp (2002, 2003 e 2005).

### **3. Proposta de elaboração de um dicionário pedagógico para aprendizes brasileiros de italiano como língua estrangeira**

#### **3.1. Público usuário**

O público usuário ao qual nos dedicamos é o aprendiz brasileiro de língua italiana como língua estrangeira. Há dois tipos de aprendizes, os que desejam aprender a língua como usuários, apenas para comunicar-se em italiano, e os que desejam aprender a língua como usuários, mas, também, com o objetivo de empregá-la como ferramenta de trabalho.

Denominamos, portanto, aprendiz-especialista, o aluno que pretende usar o idioma como ferramenta de trabalho: o aluno que frequenta os cursos de graduação em língua italiana nas Universidades brasileiras, cujo objetivo é tornar-se um profissional em língua italiana (bacharelado ou licenciatura).

Algumas pesquisas foram realizadas para conhecer esse público. Ivy Sene (2004) e Jéssica Silva de Lima (2007), alunas de Iniciação Científica (FFLCH – USP), realizaram, sob nossa orientação, questionários para analisar a relação entre os alunos dos cursos de graduação e os dicionários escolhidos por eles ou indicados pelos professores. Percebemos, no entanto, que a metodologia utilizada permitiu que compreendêssemos, apenas de maneira parcial, as necessidades do nosso público e sua relação com o(s) dicionário(s). Acreditamos que uma contribuição nesse sentido poderia vir da aplicação da metodologia usada no *estudo de crenças de professores em formação inicial e em serviço* desenvolvida pela professora Ana Maria Ferreira Barcelos (1995, 2001, 2006). Essa metodologia prevê, além de questionários elaborados de maneira criteriosa, entrevistas, auto-relatos, observação de aulas, notas de campo e diários, gravações em áudio e vídeo e sessões de visionamento (Abrahão: 2006).



Em conclusão, o público ao qual o nosso trabalho é dirigido é o aluno de língua italiana cujo objetivo é aprender a língua para fins de trabalho com o idioma, com ênfase nos alunos dos níveis iniciais e intermediários do curso.

### **3.2. Dicionário para a produção ou para a compreensão**

Definido o público usuário – o aprendiz-especialista –, cabe decidir qual a direção do dicionário, do italiano para o português ou do português para o italiano, ou optar pela proposta mais ambiciosa, criando um dicionário bidirecional.

Na aula de língua, o professor conta com várias ferramentas, mas duas têm caráter mais permanente e exigem um investimento financeiro mais significativo por parte dos alunos: o livro didático e o dicionário.

O dicionário é a ferramenta que conduz o aluno à autonomia e é fundamental para a compreensão e a produção de textos em uma língua estrangeira. Dicionários monolíngües, editados no exterior, são volumosos e de custo elevado para a maioria dos nossos alunos. Os dicionários publicados no Brasil não são específicos para a produção de textos de aprendizes em língua italiana, uma vez que visam, em primeiro lugar, proporcionar a compreensão e auxiliar os tradutores de textos italianos. Pesquisas metalexigráficas concluíram que os dicionários bilíngües (italiano-português), elaborados principalmente para tradutores e para o público em geral, não levam em consideração os princípios da lexicografia pedagógica. No entanto, o público usuário desses dicionários é formado, em grande parte, por estudantes de italiano como língua estrangeira.

Para o público em geral, para os profissionais da língua italiana, para o aluno já formado e que atua no mercado de trabalho como especialista, professor, tradutor, pesquisador, há uma grande variedade de excelentes dicionários monolíngües ou bilíngües resultado de longa tradição lexicográfica.

Até há pouco tempo, o aluno contava apenas com os textos publicados nos livros didáticos como suporte para a aprendizagem. Os textos eram construídos artificialmente de modo a incluir um léxico controlado ou textos autênticos eram didatizados, compreendendo-se por didatização a simplificação e eventual inserção de glossários de palavras novas. Hoje, a facilidade de importação de material e, principalmente, o acesso à Internet permitem que o professor e os alunos tenham em mãos uma ampla tipologia de material autêntico.

Um paralelo pode ser traçado para o uso do dicionário como suporte ao processo de ensino e aprendizagem. Alguns anos atrás, o aluno contava apenas com o dicionário de bolso para ajudá-lo na compreensão e na produção textual. Hoje, a Internet permite que o estudante pesquise o contexto das palavras novas e descubra, pelo estudo autônomo, significados e possibilidades de sentido, imagens e até a pronúncia das unidades lexicais. O papel do professor mudou radicalmente

diante da mudança nas possibilidades de escolhas de material. Hoje, tem-se somente “*l'imbarazzo della scelta*”. E as dúvidas acumulam-se diante de uma possibilidade infinita de escolhas.

No sentido da compreensão textual o aluno conta com várias ferramentas, inclusive em formato eletrônico, como dicionários monolíngües, dicionários semi-bilíngües, motores de busca na Internet. No sentido da produção textual, no entanto, há uma lacuna e é nessa direção que acreditamos poder contribuir com a elaboração de um dicionário específico para a produção de textos em língua italiana.

O dicionário não é o substituto do livro didático, mas é uma ferramenta pedagógica de consulta. Encontramos no comércio diversos dicionários que auxiliam o aluno na compreensão dos textos. Sabe-se que, durante o curso, são apresentadas aos alunos tipologias textuais diversas e, cada vez mais, se recorre a textos autênticos. Assim sendo, na direção da compreensão, sugerimos para os alunos os dicionários monolíngües ou semibilíngües já publicados que ajudam o aluno a aumentar o seu repertório lingüístico por meio da leitura e compreensão das definições e dos exemplos.

Para a produção, no entanto, não há obras específicas destinadas ao nosso público-alvo. O aluno incorre em muitos erros de escolha lexical do português para o italiano, ao consultar o dicionário, mesmo tendo recebido orientações para a consulta.<sup>4</sup>

A metodologia desenvolvida pela aluna Jéssica Lima Silva comprova que as diferenças relativas ao extralingüístico e suas denominações nas duas culturas em contato não são resolvidas apenas buscando no acervo lexicográfico italiano os correspondentes em português, pois a frequência e as marcas de uso não correspondem. Ao iniciarmos a pesquisa, estudamos o dicionário como recurso à compreensão textual e optamos por dois livros didáticos de italiano para estrangeiros (*Linea Diretta e Rete*) dos quais tiráramos os contextos e as unidades lexicais para o nosso dicionário. Logo, o procedimento mostrou-se infrutífero porque os contextos não eram claros, há muitas unidades lexicais isoladas em exercícios e um dicionário de compreensão baseado nesse critério não seria útil ao aluno por vários motivos. Sob nossa orientação, a aluna de iniciação científica comprovou esse fato ao usar essa metodologia para estudar o campo léxico das vestimentas e concluiu que as unidades lexicais extraídas dos livros didáticos não são suficientes para que o aluno compreenda a árvore conceitual desse campo.

Na direção da produção, Jéssica Silva de Lima aplicou um questionário, em língua portuguesa, sobre as vestimentas usadas pelos alunos em algumas ocasiões (em casa, no trabalho, no verão, no inverno). O objetivo era descobrir o vocabulário mínimo de interesse dos estudantes. Essa metodologia mostrou-se adequada para começar a estabelecer a escolha do repertório lexical. O questionário foi ampliado, corrigido e adaptado para outros campos semânticos como a alimentação, a casa, as profissões, defeitos, qualidades e outros adjetivos.

4. Uma pesquisa no sentido de verificar com dados científicos essa problemática está sendo desenvolvida pela Professora Ângela Zucchi (USP).

### 3.3. Macro e microestrutura

O projeto tem como objetivo geral propor uma ferramenta lexicográfica gratuita de consulta *online* aos alunos de língua italiana para a produção de textos. Como objetivos específicos: 1. fazer um levantamento das dificuldades relativas ao léxico no momento da produção de textos em língua italiana, específicas do aluno brasileiro; 2. propor soluções lexicográficas específicas para os alunos de língua italiana; 3. propor soluções lexicográficas específicas para os diferentes campos léxico-semânticos; 4 contribuir para as pesquisas na área da lexicografia pedagógica, principalmente no formato eletrônico.

A metodologia empregada é fruto das reflexões e estudos realizados pelos pesquisadores envolvidos no projeto. Alguns campos léxico-semânticos já foram pesquisados e sua metodologia testada e apresentada como resultado de trabalhos de mestrado e de doutorado. Outros campos léxico-semânticos estão sendo estudados e, para cada um deles, será elaborada uma metodologia específica. Daí a importância da reunião de todos esses pesquisadores no projeto. À medida que cada pesquisador reunir um conjunto de unidades lexicais, passaremos ao tratamento e à uniformização para sua publicação *on line*. O dicionário será alimentado ao longo dos três anos de duração do projeto e testado pelos usuários durante esse período. O suporte eletrônico e conseqüente interação com o consulente permitirão verificar a eficácia dos dados, das escolhas lexicográficas e realizar os ajustes necessários.

O dicionário pedagógico com vistas à produção tem duas funções primordiais que devem receber um tratamento adequado, de forma que uma não prejudique a outra:

1. Responder de maneira imediata às dúvidas e lacunas de léxico com que o aluno se depara durante a produção de um texto. A consulta ao dicionário deve ser rápida para não prejudicar o fluxo do pensamento.

2. O caráter pedagógico permite também um tratamento enciclopédico dos dados do dicionário. Ou seja, o aluno poderá encontrar subsídios para pesquisa e ampliação do léxico “navegando” pelo dicionário, clicando nos *links* que lhe chamem a atenção.

Modelo de verbete e recursos previstos:

**entrada em português.** Definição em italiano de cada conjunto de sememas relativos a cada equivalente em italiano. Equivalente em italiano precedido de sua categoria gramatical. Clicando-se sobre a categoria gramatical, outras informações lingüísticas podem ser obtidas. No caso de substantivos, a flexão de número e de gênero (quando possível) e os artigos correspondentes. No caso dos verbos, a conjugação e eventualmente a regência. No caso dos adjetivos, a flexão de número e gênero. Sempre que necessário, a definição trará, também, exemplos de contextualização em italiano. Por fim, sinônimos serão eventualmente informados.

Exemplo de verbete:

**blusa** 1. camicia da donna di tessuti e modelli diversi. s.f. **camicietta**: *Per andare a lavorare mi sono messa la camicietta di seta e la gonna nera di lana.* ¶ 2. maglia pesante, spec. di lana, con maniche lunghe, che si indossa per lo più sopra la camicia. s. m. **maglione, golf**: *Fuori nevica. Mettiti il maglione.* ¶ Sin. blusa de lâ. 3. Indumento di tessuto di cotone morbido e peloso all'interno. s.f. **felpa**: *In primavera e in autunno la sera fa sempre un po' freschetto; è meglio portarsi dietro una felpa leggera.* ¶ Sin. moletom. Campo semântico: abbigliamento/vestimentas ¶.

O formato eletrônico permite que: 1. ao clicar sobre o campo semântico, o aluno seja dirigido a um conjunto de informações não apenas lingüísticas, mas também culturais relativas ao campo semântico; 2. ícones de áudio ¶ encaminhem o aluno à pronúncia da palavra e dos contextos; 3. ícones de vídeo ¶ dirijam o consulente a imagens e descrições relativas ao campo semântico, de forma a transformar a consulta de uma única palavra em uma experiência lingüística e cultural mais ampla. No caso desse verbete, é necessário apresentar ao aluno brasileiro, por meio de imagens e contextos, as diversas possibilidades lexicais equivalentes à unidade *blusa*: **camicietta, blusa, top, maglione, maglioncino, golf, golfino, felpa leggera, felpa pesante, pullover.**

Campos específicos são dedicados às colocações, às expressões idiomáticas e aos provérbios.

## 4. Conclusão

Quando falamos do uso de dicionário em sala de aula ou como auxílio para elaboração e compreensão de textos, vem à tona um paradoxo interessante. Se de um lado o professor, adepto da didática moderna, estimula a aprendizagem autônoma de seus alunos, esse mesmo professor condena o uso do dicionário como ferramenta de estudo e de pesquisa.

A valorização do dicionário é completamente diferente entre alunos e professores de um curso de língua estrangeira. Principalmente nos cursos iniciantes, o professor se coloca como o centro do processo para dirimir as dúvidas e acredita que a exposição dos alunos a textos autênticos e/ou didatizados seja suficiente para que o aluno amplie o seu léxico. Para os alunos, o dicionário é ferramenta de autonomia, nele não só consulta as palavras desconhecidas, mas também verifica se a relação que fez sem o dicionário está correta. O dicionário é a sua segurança, a ponte entre os dois idiomas.

Há metodologias distintas para a elaboração de dicionários voltados para a compreensão e para a produção textual. Quando perguntamos “*cosa prendi per colazione?*”, o aluno brasileiro

raramente encontrará a resposta nos textos italianos que contêm o mesmo conteúdo semântico (*caffelatte, un cappuccino, una brioche*), procurará as palavras chocolate, pão, manteiga, leite de soja, queijo, frios, vitamina (leite com frutas) etc.<sup>5</sup>

No momento da produção, interessam ao aluno os equivalentes em italiano das palavras da realidade brasileira e não somente as palavras freqüentes no léxico italiano. Por exemplo, no campo semântico relativo à casa e a seus utensílios não encontramos a unidade lexical *rodo*, porque não faz parte da cultura e, portanto, nem do léxico italiano. Um dicionário voltado à produção deverá tratar também das palavras que não têm um correspondente em língua italiana e, sendo um dicionário pedagógico, informar a diferença cultural que resulta na não-existência da palavra.

Muitos estudos foram feitos e excelentes resultados foram obtidos no campo da lexicografia bilíngüe e da lexicografia pedagógica. Para o nosso modelo de dicionário, tomamos como base as reflexões do professor Philippe Humblé e o produto dessas reflexões, o *Dicionário de Aprendizagem Português-Espanhol (Beta)*<sup>6</sup> e o resultado do projeto ELDIT.<sup>7</sup>

A composição da equipe, formada por pesquisadores especialistas em lexicografia bilíngüe italiano-português, contribuirá para agregar os resultados das pesquisas individuais, gerando um produto útil aos aprendizes de italiano como língua estrangeira.

## Bibliografia

- ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. Metodologia na investigação das crenças. In BARCELOS, Ana Maria Ferreira e ABRAHÃO, Maria Helena Vieira (org.). *Crenças e Ensino de Línguas. Foco no professor, no aluno e na formação de professores*, Campinas: Pontes, 2006.
- BACCIN, Paola Giustina; CARAMORI, Alessandra Paola; COSTA, Ivy Sene; MORETI, Juliana; CORDEIRO, Renata Lira; MENDES, Sergio Ferreira; REVERDITO, Tatiane. Um modelo de dicionário didático italiano-português e português-italiano. *Revista de Italianística*, São Paulo, p. 204-218, 2004.
- BACCIN, Paola Giustina. Proposta di elaborazione di dizionario didattico. Mosaico italiano suplemento da *Revista Comunità Italiana*, Rio de Janeiro, p. 16 – 17, 2004.
- BACCIN, Paola Giustina; COSTA, Ivy Sene; MORETI, Juliana; MENDES, Sergio Ferreira; CORDEIRO, Renata Lira; ZAMBIANCO, Danila. Para um modelo de dicionário didático: análise contrastiva de alguns dicionários bilíngües. *Anais do XI Congresso Internacional de professores de italiano*, Foz do Iguaçu: 2005. (no prelo)
- BORBA, Herbert Mattei e CARDOSO, Tiago Muller Gil. *Desenvolvimento de um dicionário eletrônico de apoio à produção de textos em língua estrangeira*. Projeto de conclusão no curso de ciências da computação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2003. Disponível em <http://www.inf.ufrgs.br/~tmgcardoso/Relatorio%20Final%20de%20Projetos%20II%20-%20Herbert%20e%20Tiago.pdf> (consulta em abril/2008)
- BÉJOINT, Henri. *Modern lexicography: An introduction*. New York: Oxford University Press, 2000.
- DURAN, Magali Sanches. *Dicionários bilíngües pedagógicos: análises reflexões e propostas*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto: 2004. Orientadora: Profa. Dra. Claudia Maria Xatara.
- DURAN, Magali Sanches e XATARA, Claudia Maria. Lexicografia pedagógica: atores e interfaces. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada* vol.23 n.º.2 São Paulo, 2007. disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. (consulta em abril/2008)

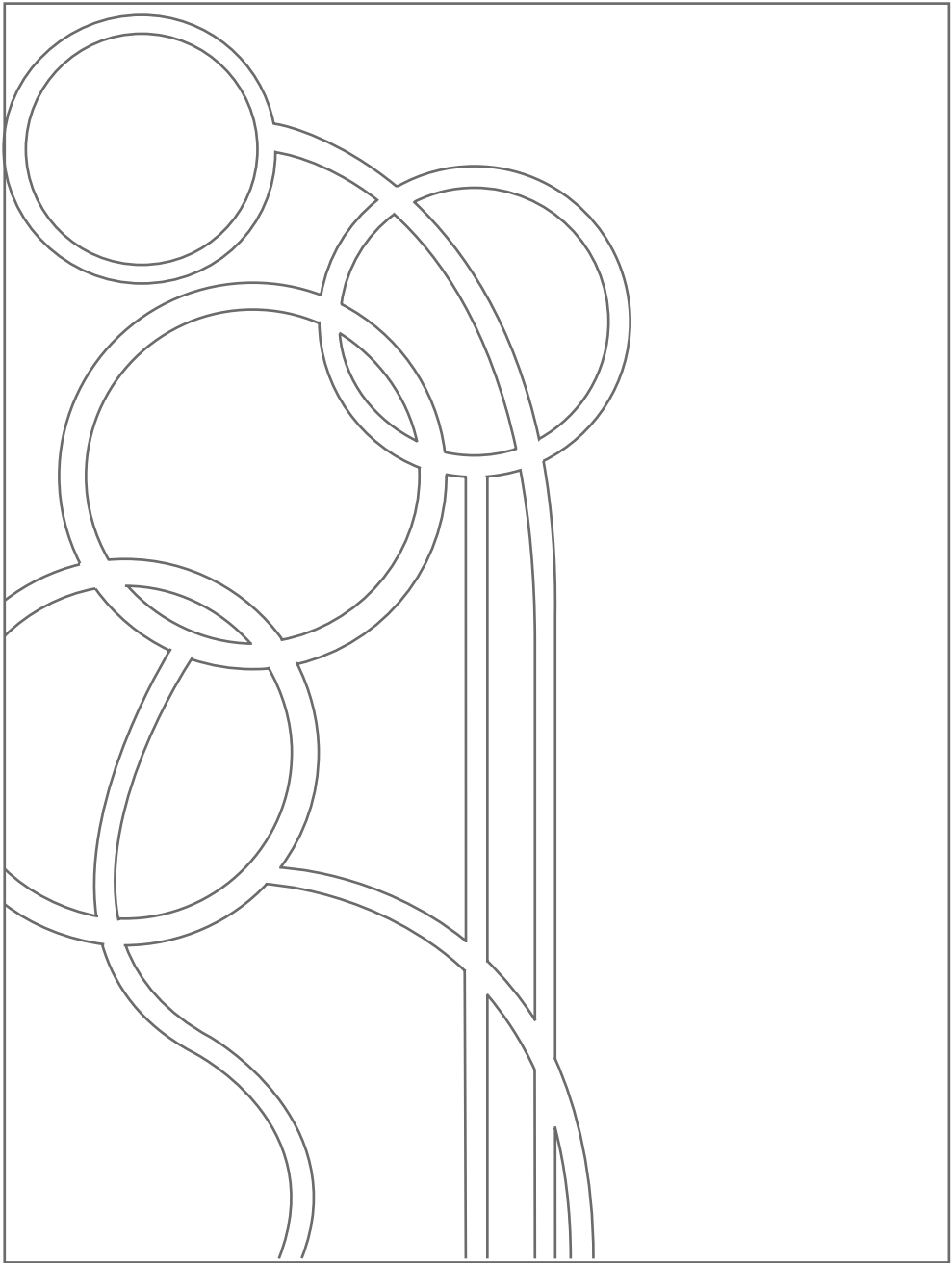
5. Conclusões extraídas do trabalho de conclusão de disciplina de pós-graduação da aluna Ana Paula Freitas e apresentadas no Encontro de alunos de pós-graduação em lingüística (USP, 2006).

6. <http://www.dicionario-online.cce.ufsc.br/>

7. <http://dev.eurac.edu:8081/MakeEldit1/Eldit.html>

- HUMBLÉ, Phillippe. Melhor do que muitos pensam. quatro dicionários bilíngües português – inglês de uso escolar. In: XATARA, Claudia e HUMBLÉ, Phillippe (orgs.). *Cadernos de Tradução. Tradução e lexicografia pedagógica*. PGET n° 18. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. p. 253-273.
- HUMBLÉ, Phillippe. *O discurso do dicionário*. Florianópolis, 2007 (no prelo). Disponível em [http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/PhillippeHumble/Phillippe\\_Humble](http://www.pget.ufsc.br/publicacoes/professores/PhillippeHumble/Phillippe_Humble). (consulta em abril/2008)
- SANTOS, Maria Gorete Bender. *Análise de exemplos no Dicionário Bilingüe de Uso Português-español (DIBU)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: 2006. Orientador: Prof. Dr. Phillippe Humblé.
- TARP, Sven. Lexicografia de aprendizes. In: XATARA, Claudia e HUMBLÉ, Phillippe (orgs.). *Cadernos de Tradução. Tradução e lexicografia pedagógica*. PGET n° 18. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. p.295-317.
- WELKER, Andréas Herbert. Pesquisas sobre o uso de dicionários para aprendizes. IN: XATARA, Claudia e HUMBLÉ, Phillippe (orgs.). *Cadernos de Tradução. Tradução e lexicografia pedagógica*. PGET n° 18. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. p. 175-194.
- WELKER, Andréas Herbert e HUMBLÉ, Phillippe. Bibliografia (parcial) da Lexicografia Pedagógica. In: XATARA, Claudia e Humblé, Phillippe (orgs.). *Cadernos de Tradução. Tradução e lexicografia pedagógica*. PGET n° 18. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. p. 341- 375.







## Autores

**DAVIDE MONTINO** é docente e pesquisador de História das Instituições de Educação da Facoltà delle Scienze della Formazione da Università di Genova. Dedicar-se a pesquisas na área de história da escola, história da educação e da infância e, mais especificamente, à prática da escrita e da leitura em âmbito popular. É membro da comissão editorial da revista internacional *History of Education & children's Literature* e participa do grupo de pesquisa do *Archivio Ligure della Scrittura Popolare (ALSP)* da Università di Genova. Entre as suas publicações citamos: *Quelli del classico... Storia sociale del liceo "G. Chiabrera" di Savona* (Milano, 2004), *Le parole educate. Libri e quaderni tra fascismo e Repubblica* (Milano, 2005).

**DORIS NÁTIA CAVALLARI** é professora assistente doutora da Universidade de São Paulo. Possui doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Italiana, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura italiana contemporânea, Ignazio Silone, literatura do Humanismo e do Renascimento; língua italiana; análise do discurso e Bakhtin. Entre suas publicações destacamos: "Bakhtin e as formas do discurso narrativo", in: Guaraciaba Micheletti; Carlos Augusto B. de Andrade. (Org.). *Discursos: olhares múltiplos*. (São Paulo: Andross, 2005) e "A escrita sioniana entre ensaio e ficção" (*Revista de Italianística*, v. XIV, 2006).

**ELISABETTA SANTORO** é docente e pesquisadora da Área de Língua e Literatura Italiana da Universidade de São Paulo. Graduiu-se em *Lingue e Letterature Straniere* na Università degli Studi di Bari (Itália) e em *Tradução* na Ruprecht-Karls-Universität de Heidelberg (Alemanha). Em 2002, concluiu o mestrado em Língua e Literatura Italiana na Universidade de São Paulo e, em 2007, o doutorado em *Lingüística* na mesma universidade com uma tese intitulada: *Da indissociabilidade entre o ensino de língua e de literatura: uma proposta para o ensino do italiano como língua estrangeira*.

**FABIO CAFFARENA** é docente e pesquisador universitário, ensina História Contemporânea e Fontes e Modelos da Narração Histórica na Università di Genova. Participa do grupo de pesquisa do *Archivio Ligure della Scrittura Popolare di Genova (ALSP)*. Entre as suas últimas publicações, além das contidas na bibliografia do texto aqui publicado, citamos: *Le scritte dei soldati semplici*, in S. Audoin-Rouzeau - J.J. Becker (a cura di); *La Prima guerra mondiale, edizione italiana*

a cura di A. Gibelli (Einaudi 2007, Vol. 2); *Dai conti ai racconti. Appunti quotidiani e racconto di sé fra '800 e '900*, in A. Castillo Gómez - V. Sierra Blas (a cura di), *El legado de Mnemosyne. Las escrituras del yo a través del tempo* (Trea, 2007); *Un mare di carta. La corrispondenza degli emigrati in America tra Otto e Novecento*, in S. Cinotto (a cura di), *Villaggi globali. Emigrazione e storia locale*, (Ecomuseo Valle Elvo e Serra, 2005); *Condenados a escribir*, in A. Castillo Gómez - V. Sierra Blas (a cura di), *Letras bajo sospecha* (Trea, 2005).

**FEDERICO CROCI** é Doutor em História Contemporânea pela Università di Genova, membro do Comitê Científico do Centro Internacional de Estudos sobre a Emigração Italiana e pesquisador do Arquivo da Escrita Popular, centro de pesquisa do Dipartimento di Storia Moderna e Contemporanea, da Università di Genova. Atua como Professor Visitante junto ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP. É parte do conselho editorial da revista «Mondi Migranti», Franco Angeli, Milão. Autor dos livros: *Scrivere per non morire. Lettere del soldato bresciano Francesco Ferrari dalla Grande Guerra*, Gênova 1992; (com G. Bonfiglio) *El baúl de la memoria. Testimonios escritos de inmigrantes italianos en el Perú*, Lima 2002. Desde novembro de 2006, coordena o módulo Migrações do LEER-USP, Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação; é pesquisador Senior do PROIN, Projeto Integrado Arquivo Público do Estado/USP.

**GILIOLA MAGGIO** é docente e pesquisadora da Área de Língua e Literatura Italiana da Universidade de São Paulo. É doutora em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com tese sobre a língua e o espaço da comunidade de imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista. Entre suas publicações destacam-se “A língua como meio de conservação da identidade numa comunidade de imigrantes” (Revista *Insieme*, IX, 2002); “Vestigi di Língua italiana” (Revista de Italianística, VIII, 2003) e “Esempi di esitazione nella riformulazione del discorso interlinguístico degli immigrati pedrinhenses” (Revista de Italianística, IX, 2004).

**MARIA CECÍLIA CASINI** é docente e pesquisadora da Área de Língua e Literatura Italiana da Universidade de São Paulo. Formada em Letras Modernas na Faculdade de Letras da Università degli Studi di Firenze, doutorou-se em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

**OLGA ALEJANDRA MORDENTE**, nascida em Buenos Aires, doutorou-se na Universidade de São Paulo em Lingüística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas onde é docente e pesquisadora na Área de Língua Italiana. Publicou, em co-autoria, o livro *Si, all'Italiano: grammatca italiana per brasiliani* (São Paulo, Nobel: 1994). Atualmente participa de projetos de pesquisa sobre o italiano falado em São Paulo e sobre o ensino instrumental de línguas estrangeiras.

**PAOLA GIUSTINA BACCIN** é docente de Língua Italiana na Universidade de São Paulo, doutora em Filologia e Língua Portuguesa. Atua, principalmente na elaboração de material didático para alunos de língua italiana como língua estrangeira e, atualmente, dedica-se à pesquisa em lexicografia pedagógica. Publicou o livro *Giocando s'impára. Giochi didattici e attività ludiche per l'insegnamento della lingua italiana per adulti* (São Paulo: Humanitas, 2007); entre os trabalhos em publicações acadêmicas, destacamos o artigo "Italianismi in Brasile" in *La Lingua Italiana Storia Testi Strutture* (Pisa - Roma, 2005).

**PAOLA MICHELI** é docente de língua italiana na Università per Stranieri di Siena. Atualmente desenvolve uma pesquisa sobre a língua falada pelos estrangeiros e as dinâmicas interativas entre aprendizes e falantes estrangeiros e itálofonos. Entre suas publicações destacam-se: P. Micheli, 1995, *La spedizione dei Mille. Il documento storico, le varietà linguistiche e il paradosso cinematografico a confronto (1934 - 1984)*, in «Cinemasessanta», XXXVI, 3, Nuova Arnica Editrice, Roma, 25-28; P. Micheli, 1994, *La lingua degli Anni Settanta nei film di Ettore Scola*, in «Cinemasessanta», 1, Nuova Arnica Editrice, Roma, 31-33; P. Micheli, 1991, *Cinema, pubblico e lingua negli anni Trenta*, in «Educazione Permanente», III, 1-2, Protagon Editori Toscani, Siena, 19-23.

**TOMMASO RASO** atuou como docente nas Universidades de Los Angeles e de Nápoles, foi professor associado de Lingüística italiana na Università Ca' Foscari e, atualmente, é professor adjunto de Lingüística na Universidade Federal de Minas Gerais. Dedicou-se por muitos anos ao estudo da História da Língua Italiana (publicando, entre outros títulos, uma edição crítica latim-vulgar de um texto abruzês medieval). Dedicou-se, também, ao estudo da *scrittura professionale* que originou várias publicações e dois manuais. Atualmente dedica-se a dois projetos. O primeiro rem como tema: "Narrativas, diálogos e conversações de fala espontânea informal em português do Brasil: coleta de corpus e estudo da estrutura informacional e da ilocução"; o segundo projeto estuda a erosão lingüística dos italianos cultos em contato com o português brasileiro.



## Normas para publicação

A Revista de Italianística é uma publicação semestral da Área de Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

As colaborações devem versar sobre temas relativos à língua, à literatura e à cultura italiana, ao ensino do italiano, aos problemas da imigração italiana e às relações culturais entre Brasil e Itália, no âmbito da área de Letras.

Os trabalhos serão submetidos ao Conselho Editorial.

As opiniões expressas nos trabalhos apresentados, assim como a exatidão das referências bibliográficas, são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

### **As colaborações devem respeitar as seguintes normas:**

- Artigos e ensaios: de cinco a quinze laudas
- Resenhas: de uma a cinco laudas
- Fonte: Times New Roman 12; espaço duplo
- As referências bibliográficas devem seguir as regras da ABNT.
- As colaborações podem ser redigidas em italiano ou em português.
- Os artigos e ensaios deverão ser inéditos e vir acompanhados de resumos (até 30 palavras) em português, italiano e inglês e de até cinco palavras-chave nas três línguas.
- Pede-se que seja enviada, em arquivo à parte, uma breve nota biobibliográfica (até 400 caracteres), em que constem nome completo do autor, titulação, instituição à qual está vinculado, cargos e publicações mais relevantes, bem como endereço para correspondência.
- O envio dos textos implica a cessão imediata e sem ônus dos direitos autorais para a revista, sendo que o autor continua a deter todos os direitos autorais para publicações posteriores.

### **Envio de trabalhos e correspondência para:**

Conselho Editorial

Revista de Italianística

DLM/FFLCH/USP

Av. Luciano Gualberto 403 | CEP 05508-900 | São Paulo/SP (Brasil)

Tel. (011) 3091 4503 | (Fax) (011) 3091 5041

PROJETO GRÁFICO E CAPA  
RENATA BUONO - BUONO DISEGNO

DIAGRAMAÇÃO  
PATRICIA DE CIA

PREPARAÇÃO E REVISÃO  
LETIZIA ZINI ANTUNES

IMPRESSÃO  
GRÁFICA DA FFLCH-USP

FONTES  
CHRONICLE TEXT, CHRONICLE DISPLAY, TIMES



